



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO
BENJAMIM PEREIRA VILELA

INTERPRETAÇÃO DAS PAISAGENS CULTURAIS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO
RIO CALDAS: UMA PROPOSTA DE PRINCÍPIOS PARA AÇÕES EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL SUSTENTADA

Orientadora: Sandra de Fátima Oliveira

GOIÂNIA
2009

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Benjamim Pereira Vilela

Título do trabalho: Interpretação das paisagens culturais na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas: uma proposta de princípios para ações em educação ambiental sustentada

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: ____ / ____ / ____

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro
- Publicação da dissertação/tese em livro

²A assinatura deve ser escaneada.



BENJAMIM PEREIRA VILELA



INTERPRETAÇÃO DAS PAISAGENS CULTURAIS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO
RIO CALDAS: UMA PROPOSTA DE PRINCÍPIOS PARA AÇÕES EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL SUSTENTADA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado e Doutorado do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Espaço e Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Sandra de Fátima Oliveira

GOIÂNIA
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
(Responsável: Filipe Reis)

V468i Vilela, Benjamim Pereira.
Interpretação das paisagens culturais na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas [manuscrito] : uma proposta de princípios para ações em educação ambiental sustentada / Benjamim Pereira Vilela. - 2009.
164 f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra de Fátima Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2009.

1. Paisagem cultural. 2. Educação Ambiental. 3. Bacia Hidrográfica. 4. Rio Caldas. I. Título.

CDU: 37+911.53



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
 PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Benjamim Pereira Vilela

Aos vinte e um dias do mês de setembro ano de dois mil e nove (2009), a partir das quatorze horas, no mini-auditório do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, teve lugar a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado do(a) mestrando(a) **Benjamim Pereira Vilela** que apresentou o Tema: **“Interpretação das Paisagens Culturais na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas: Uma Proposta de Princípios para Ações em Educação Ambiental Sustentada”**. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º083/09 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores: Presidente: Prof. Dr. Sandra de Fátima Oliveira, Membros: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, Prof. Dr. Samuel do Carmo Lima. Os examinadores argüiram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. As 16:00 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo o candidato obtido os seguintes resultados:

Prof. Dr. Sandra de Fátima Oliveira - Ass.

Aprovado (X) Reprovado ()

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro - Ass.

Aprovado (X) Reprovado ()

Prof. Dr. Samuel do Carmo Lima - Ass.

Aprovado (X) Reprovado ()

Presidente da Banca - Prof. Dr. Sandra de Fátima Oliveira

Ass. *Sandra de Fátima Oliveira*

Resultado final: Aprovado (X) Reprovado ()

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, secretário, e pelos membros da Banca Examinadora.

Secretário.....

Charles Galvão Souza
 Charles Galvão Souza
 Assist. em Administração / UFG
 MAT. 1514-17

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que acreditam num mundo melhor, porém diverso e pautado no respeito e ética.

A ciência moderna, fruto do espírito crítico e da dúvida metodológica, destruiu as cosmologias e enfraqueceu consideravelmente, pelo menos num primeiro momento, as bases da autoridade religiosa. [...] É um fato. O humanismo não chegou a destruir inteiramente uma estrutura religiosa fundamental, muito pelo contrário: a do além, oposta a deste mundo, a do paraíso oposta à realidade. Eis por que, aos olhos de Nietzsche, quando nossos republicanos herdeiros das Luzes se dizem ateus, ou mesmo materialistas, na verdade, permanecem crentes! Naturalmente, não por rezarem a Deus, mas porque não deixam de venerar quimeras, já que continuam a acreditar que alguns valores são superiores à vida, que o real deve ser julgado em nome do ideal, que é necessário transformá-lo para moldá-lo aos ideais superiores: os direitos do homem, a ciência, a razão, a democracia, o socialismo, a igualdade de oportunidades etc.

Ora, essa visão das coisas é fundamentalmente herdeira da teologia, mesmo e especialmente quando não se dá conta disso e se quer revolucionária ou irreligiosa!

(Luc Ferry em “Aprendendo a viver – filosofia para os novos tempos).

AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho de pesquisa é longa, tensa, e ao mesmo tempo cheia de esperanças, alegrias e desafios. Mas, paradoxalmente, a consecução do trabalho é envolvida por muitas trajetórias que marcam a vida do autor. O que pareceria – e foi – penoso e desafiador, redonda em crescimento, especialmente pelo entrelaçamento do autor com pessoas, gestos, símbolos, histórias de vida...

Assim, agradeço a todas aquelas pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para a realização do presente trabalho. Citar os nomes de todas seria impossível, mas vou procurar citar o nome daquelas que estiveram junto a mim, nestes últimos dois anos:

A professora Sandra por ter me mostrado um caminho que eu não enxergava; a Andréa pelo amor incondicional, além de me ajudar e me apoiar nesta empreitada; a minha Mãe, Dona Cristina, por acreditar na minha capacidade de sair da condição de minha origem; a Dona Eronice e ao Sr. Cláudio (meus sogros), pelo carinho e amizade; ao Sr. Joaquim, pelos bons momentos no recanto do sossego; a Roberta e Francisca, minhas queridas irmãs; ao Professor Eguimar e Alex Ratts pelas contribuições na qualificação e pelas conversas sobre a temática do meu estudo.

Também, aos meus amigos e colegas que, com alguns pequenos momentos, trouxeram contribuições marcantes:

Ao Kleuber, Tia Divina, a Polinana, ao Eduardo e a Tia Meire, a Dona Maria Baica pela força invisível; aos meus cunhados Pedro, Júnior e Tuca; ao Dionísio, o Denis, o Vinícios Aguiar, Antônio dos Anjos, Elaine, Márcia Pelá, Vandervilson, Fernanda Alexandre, Renata, Edilson e Cláudia da Xerox, Uelinton, Lucas Cabelon, Elizabeth, Silvia, Adriana, Ademir, Clarisse Lacerda, Lisbeth Oliveira, Rosa Maria Viana, Sérgio Loiola, Domingos Medeiros, José Paulo (Paulinho do PET)...

Aos meus companheiros e amigos da Jacarandá: comadre Eleuzenira; Brasigóis Felício; Lindomar Tomé; Eguimar Chaveiro; Ana Maria Carvalho; Angela Borbosa (*in memoriam*);

Ana Caetano; Maisa Montel; Paulinho; Ivaína; Leo; Badia; Deusiron; Júnior; André; Márcia.

Aos meus professores na Graduação em Geografia, que, creio, terem sido importantes para a meu crescimento pessoal: Eguimar Chaveiro, Romualdo Pessoa, Alex Ratts, Manoel Calaça, Ana Cristina, Selma Simões, Manoel Eduardo, Gislaine Luiz, Elinana, Marta, Hudson Lustosa, Camila, Jackline, Juan Bernardino, Cláudio, João de Deus e Carlos Santos Maia.

Ao grupos de pessoas do NUPEAT, pela acolhida...

Ao IESA, à coordenação da Pós – Graduação em Geografia, a Universidade Federal de Goiás, ao Governo Brasileiro, ao CNPQ, pelo suporte e ajuda nesta luta.

À sociedade brasileira...

RESUMO

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas constitui-se num componente espacial importante para o território goiano. Sua localização, nas proximidades das cidades de Anápolis, Goiânia, Aparecida de Goiânia e Senador Canedo, como, também, os componentes materiais e imateriais da cultura, tornam relevantes sua interpretação. O trabalho que apresentamos procurou analisar a ocupação das suas paisagens, com vistas a identificar os elementos culturais – identitários e culturais significativos como, também, às práticas e os saberes populares por meio da história de vida dos sujeitos. A pesquisa foi na modalidade qualitativa em que se utilizou das observações em campo e história de vida dos sujeitos para sua realização. Verificou-se que existem uma grande quantidade de saberes e elementos socioculturais na Bacia, que contribuiram para a proposição de princípios para um programa em Educação Ambiental (EA), baseados na sustentabilidade, ecologia profunda e na história de vida dos sujeitos que vivem e (re) existem às transformações espaciais contemporâneas.

Palavras Chave: Educação Ambiental; Cultura; Ecologia profunda; História de Vida; Bacia Hidrográfica do Rio Caldas

ABSTRACT

The Watershed of Rio Caldas is a important space component for the territory Goias. Its location, near the city of Anapolis, Goiânia, Goiânia and Aparecida de Senador Canedo, as well as the components of tangible and intangible culture, make relevant their interpretation. The present study sought to examine the occupation of his landscapes, to identify the cultural elements - material and cultural identity as well as the practices and popular knowledge through the life story of the subjects. The research was qualitative in method of using the observations in the field of life and history of the subjects for their achievement. It was found that there are a lot of knowledge and sociocultural factors in the Basin, which contributed to the proposal of principles for a program in Environmental Education (EE), based on sustainability, deep ecology and the history of life of individuals who live and (re) exists to change contemporary space.

Keywords: Environmental Education, Culture, deep ecology, life history; Watershed of Rio Caldas

LISTA DE SIGLAS

NUPEAT – Núcleo de Pesquisas e Estudos em Educação Ambiental e Transdisciplinaridade.

IESA – Instituto de Estudos Sócio – Ambientais

ADAO – Associação dos Produtores Orgânicos de Goiás

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

DAIA - Distrito Agroindustrial de Anápolis

EA – Educação Ambiental

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fonte Sig Goiás, 2005	25
Figura 2 – Carta Imagem – Bacia do Rio Caldas	26
Figura 3 – Fotografia Monjolo – Bacia do Rio Caldas – Fonte: Oliveira, 2008	43
Figura 4- Plantação de tomate – Nascente da bacia. Fonte: Oliveira, 2008	50
Figura 5 – Moradores da Bacia – Próximo ao Rio Caldas – Bonfinópolis – Fonte Oliveira, 2008.	51
Figura 6 – Casa de um morador – Próximo ao Rio Caldas – Bonfinópolis. Fonte: Oliveira, 2008.	51
Figura 7 – Croqui – pressão sobre a Bacia	64
Figura 8 – Lavoura de soja – Limite entre os municípios de Anápolis e Leopoldo de Bulhões - Oliveira (2008)	65
Figura 9 – Plantação de tomate – Goianápolis – Oliveira(2008)	66
Figura 10 – Uso do solo – Bacia do Rio Caldas – Org. Vilela(2008) – Fonte Sig- Goiás	68
Figura 11 – GO 020 – Entre Goiânia e Bele Vista- Faixa de propaganda – Vilela (2008)	71
Figura 12 – Loteamento de Chácara – Village Recanto da Mata – Mun. Bela Vista – Vilela (2008)	71
Figura 13 – Casa com arquitetura colonial existe na Bacia	75
Figura 14 - Casa com arquitetura colonial existe na Bacia – Dona E.	75
Figura 15 – Radiola movida a corda	75
Figura 16 a e b – Retratos dos familiares Fazenda D. N.	78
Figura 17 – Tear para fabricação de tecido	78
Figura 17 – Organização de elementos culturais na cozinha	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Instalação e fundação dos municípios da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas	59
Quadro 2 – Dados população da Bacia 1980	60
Quadro 3 – Dados população da Bacia 1991	60
Quadro 4 – Dados população da Bacia 2000	60
Quadro 5 – Dados população da Bacia 2005	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução da população no Estado de Goiás de 1980 - 2005	58
Gráfico 2 – Evolução da população no Âmbito da Bacia do Rio Caldas 1980 - 2005	59
Gráfico 3 – Taxa de crescimento geométrico da população da Bacia	62

LISTA DE TABELA

Tabela 1- Taxa de crescimento geométrico em porcentagem (%)

62

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	PROBLEMATIZAÇÃO	17
1.2	CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O TRABALHO E JUSTIFICATIVA	18
1.3	SUJEITOS PESQUISADOS	23
1.4	ÁREA DE ESTUDO	24
1.5	OBJETIVOS	27
1.5.1	Geral	27
1.5.2	Específicos	27
1.6	REFERENCIAL TEÓRICO – METODOLÓGICO	28
1.7	TÓPICO SOBRE HISTÓRIA DE VIDA	29
1.8	OBSERVAÇÃO E ENTREVISTAS	32
1.9	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A COLETA DE DADOS	33
1.10	REGISTROS FOTOGRÁFICOS E IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DA CULTURA	34
1.11	OBSERVAÇÃO DOS LOCAIS E PRÁTICAS COTIDIANAS DOS SUJEITOS PESQUISADOS	35
1.14	COMENTÁRIOS SOBRE OS CAPÍTULOS	35
2	PAISAGEM E IDENTIDADE TERRITORIAL: ELEMENTOS DA HISTÓRIA DE VIDA PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA	37
2.1	A COMPREENSÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM	37
2.1.1	Paisagem cultural e simbolismo	40
2.2	ELEMENTOS PARA COMPREENSÃO DOS MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS EXISTENTES NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CALDAS	46
3	AS MÚLTIPLAS PAISAGENS DA BACIA DO RIO CALDAS: SUJEITOS, MATERIALIDADES, IMATERIALIDADES E MORFOLOGIAS ESPACIAIS	58
3.1	A ESTRUTURA DEMOGRÁFICA DA BACIA DO RIO CALDAS: INDICADORES, FATORES E CAUSAS	58
3.1.1	As “pressões” que sufocam: o agronegócio, a mercantilização do cerrado e a urbanização	66
3.2	CARACTERIZAÇÃO QUALITATIVA DOS ELEMENTOS CULTURAIS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CALDAS	75
3.2.1	Os territórios da cultura material e imaterial	76
4	AS NARRATIVAS DE HISTÓRIA DE VIDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE CULTURA E MODERNIDADE - FRAGMENTOS DE VOZES, SABERES, DIZERES E EXISTÊNCIA	84
4.1	ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO DA CULTURA CERRADEIRA	89

4.2	CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA TRADICIONAL E O CONFRONTO COM A MODERNIDADE	92
4.2.1	Enraizamento e desenraizamento: os territórios identitários da cultura tradicional na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas	95
4.2.2	Interpretação de fragmentos e biografias de história de vida	99
4.2.2.1	Os sujeitos e suas histórias de vida	90
4.3	INTERPRETAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE HISTÓRIA DE VIDA – SUBSÍDIOS PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	112
5	EDUCAÇÃO AMBIENTAL – ABORDAGENS E PRÍNCIPIOS PARA AÇÕES NA BACIA DO RIO CALDAS	117
5.1	EDUCAÇÃO AMBIENTAL – TÓPICOS PARA SENSIBILIZAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS NA BACIA DO RIO CALDAS	117
5.1.1	Sustentabilidade e EA	120
5.2	ECOLOGIA PROFUNDA – UMA BUSCA NECESSÁRIA	128
5.3	PRÍNCIPIOS PARA CRIAÇÃO DE UM PROGRAMA EM EA	130
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

A problematização da pesquisa parte de alguns pressupostos que embasam todo o trabalho, a saber: a Bacia hidrográfica do Rio Caldas, encontra-se localizada próxima aos aglomerados urbanos de Goiânia¹ e de Anápolis². Duas cidades que passaram por um processo de urbanização intenso nas últimas três décadas. Este fato, atualmente, deixa esta bacia numa situação delicada, face aos interesses de uma ocupação por diversos grupos sociais para a implantação de variadas atividades que modificam e impactam o seu ambiente.

Consideramos, ademais, que as transformações socioespaciais ocorridas no Bioma Cerrado decorrentes da modernização do território e da mudança nos padrões de consumo e nas técnicas utilizadas na produção de bens e serviços, alteraram a maneira (inserção de produtos industrializados; utilização de sistemas de produção mecanizados, etc) como os sujeitos que vivem e utilizam a Bacia do Rio Caldas. Esse processo de mudanças, largamente interpretado por geógrafos, biólogos, antropólogos, entre outros, provocou enormes diferenciações na morfologia das paisagens, fato que implica no conteúdo ambiental da Bacia.

O resultado das transformações do Cerrado e o grau vertiginoso de sua influência no espaço, entre outros fatores, compromete o abastecimento de água para a grande Goiânia nos próximos anos; uma vez que o reservatório do Ribeirão João Leite³, tem previsão para abastecer a cidade até o ano de 2035. Assim, a Bacia do Rio Caldas é o único e último manancial próximo a esta região com condições de resolver o problema da falta de água, dada a sua qualidade ambiental e sua proximidade.

Outro pressuposto sobre o qual construímos a nossa problematização, está no fato de que essa bacia apresenta uma enormidade de elementos da cultura tradicional (material e imaterial), fato que a diferencia e a torna especial sob várias perspectivas.

Com base nessas conjecturas, pergunta-se: quais são as diferenciações territoriais e identitárias presentes nas paisagens da Bacia do Rio Caldas e suas implicações nas transformações socioespaciais deste espaço? A partir deste problema, levanta-se, também, outras ordens de pergunta: é possível implementar ações no âmbito da Bacia do Rio Caldas, que irá minimizar os impactos ambientais e manter sua qualidade ambiental? Qual a importância da manutenção do

1 Cidade planejada para Capital do Estado, cuja pedra fundamental foi lançada em 24 de outubro de 1933, a sede transferida em 23 de março de 1937 e o Batismo Cultural oficializado em 05 de julho de 1942.

2 Antigo povoado de Santana das Antas, ganhou notoriedade e impulso no século XX, tornando-se grande e industrializada cidade a partir da criação do Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA)

3 Histórico do Ribeirão citado remonta os bandeirantes, o nome foi dado em homenagem a João Leite da Silva Ortiz, da Bandeira do Anhanguera.

modo vida tradicional no âmbito da bacia e sua relevância para a sustentabilidade? A Educação ambiental é capaz de sensibilizar e promover mudanças com vistas à sustentabilidade tão necessária para o futuro do Rio Caldas?

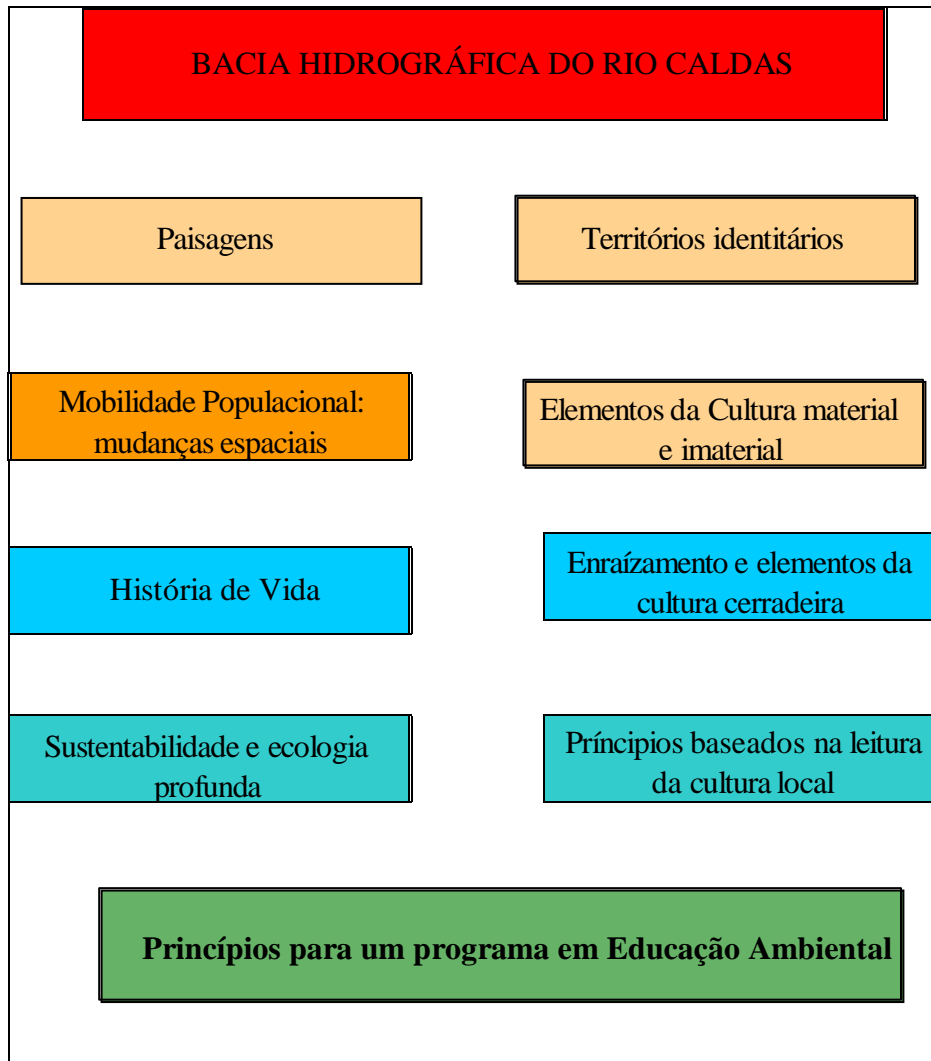
1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO E JUSTIFICATIVA

O início deste trabalho, certamente, remonta o início da minha trajetória na militância social. Nela, as questões políticas, ecológicas, sociais sempre integravam as minhas “andanças” pelos sertões de Goiás. E, também, o meu envolvimento com questões ligadas ao ambiente e à cultura, que fomentaram o interesse pela “vida acadêmica” e a continuidade desta, na pós – graduação.

Na segunda semana de abril de 2006, foi criado, no Instituto de Estudos Sócio – Ambientais (IESA), o Núcleo de Educação Ambiental e Transdisciplinaridade (NUPEAT). Foi neste que tive contato com abordagens diferentes daquelas que estava acostumado no “fazer” cotidiano da minha graduação. A transdisciplinaridade, a complexidade, os princípios da física quântica, a ecologia profunda - foram algumas das abordagens que direcionaram as escolhas que fiz nos meses seguintes.

Vale dizer que o NUPEAT é feito de pessoas e foram elas que suscitaram, de modo interessante, esses novos conhecimentos: Professora Sandra de Fátima Oliveira minha orientadora, Professora Rosa Maria Viana, Professor Eguimar Chaveiro, Domingos Medeiros, Lisbeth Oliveira, Sérgio Loiola, entre outras pessoas. Manifesto, aqui, que foram essas pessoas, como, também, as discussões fomentadas no âmbito do Núcleo, que me ajudaram a percorrer os caminhos para a consecução desta pesquisa.

Um significativo conjunto de elementos compõe este trabalho. Dentre eles, destaco a estrutura da pesquisa, a qual teve como foco temático a compreensão das paisagens, entendidas como elementos culturais; os territórios e as identidades dos sujeitos que se desdobram destas paisagens; as histórias de vida desses sujeitos; as alterações e transformações da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas resultado dos fluxos migratórios e as alterações ocorridas na vida cotidiana da população local; a riqueza e a diversidade dos elementos da cultura (material e imaterial) existente dentro da Bacia; a sustentabilidade e a ecologia profunda como base para a proposição de Princípios em Educação Ambiental (EA). Conforme esquema que segue:



Esquema conceitual da pesquisa

A estrutura apresentada busca, a partir da concepção de pesquisas baseadas na análise integrada, desenvolver uma interpretação propositiva da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, para que gestores, políticos e sociedade civil, tenham um material que seja útil, sobretudo, para a implementação de programa em Educação Ambiental (EA).

É dever assinalar que, desde o início relativo aos primeiros contatos com sujeitos que expunham as suas narrativas, foram tomados os cuidados para, em atitude de respeito, estabelecer uma relação ética com a sua situação de entrevistados. Dessa maneira, o desejo é não tratá-los como mero objeto informante, mas como atores que ao narrarem suas vidas e suas trajetórias compõem as paisagens da Bacia do Rio Caldas como também geram o sentido desse trabalho.

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas⁴ constitui-se num componente espacial importante

4 O termo Caldas remonta os primórdios da colonização goiana, designando a continuidade das Caldas Velhas mineiras que geraram Poços de Caldas, as Caldas Novas de Piratinga e o Ribeirão das Caldas que, também, geraram o nome da atual cidade de Caldazinha, antigo povoado de “Milho Inteiro”, distrito de Bela Vista; que foi criado unindo Caldas à Sozinha, dois ribeirões da região. É também, sobrenome de uma ilustre família de Curralinho, hoje

para o território goiano. Sua localização, nas proximidades das cidades de Anápolis, Goiânia, Aparecida de Goiânia e Senador Canedo, como, também, os componentes materiais e imateriais dos grupos de sujeitos, denominados no trabalho – territórios identitários - inerentes à ocupação das suas paisagens, contribuem para reforçar a tese de que é relevante interpreta-lá.

Sua riqueza paisagística marcada por uma abundante hidrografia, a diversidade de elementos culturais, as múltiplas atividades econômicas, como a urbanização acelerada, a agricultura comercial e a constituição de áreas de lazer, colocam a Bacia numa posição físico-territorial estratégica e, também, como local de ocupações intensivas. Estes atributos requerem ações que valorizem a sua riqueza paisagística para que se possa evitar sérios danos ambientais futuros.

A EA como um instrumento responsável pela disseminação de conhecimentos sobre o ambiente e práticas que minimizem os impactos, deve ser considerada; uma vez que ajuda a minorar os problemas ambientais; além de contribuir para a promoção da integração dos seres humanos com o ambiente. Por esta perspectiva o presente trabalho têm como objetivo desvendar caminhos a serem trilhados, amparados na interpretação densa e minuciosa da realidade espacial em questão.

Uma das considerações fundamentais que subsidia a reflexão que virá adiante, é a proximidade da Bacia do Rio Caldas com as áreas mais adensadas do Estado de Goiás, colocando-a numa situação em que as pressões antrópicas sobre os seus elementos naturais sejam intensificados, por fatores como as altas taxas de crescimento demográfico, bem como, a conseqüente exploração imobiliária de porções significativas de sua área.

Situação, esta que coloca em risco um precioso patrimônio histórico – cultural existente nas propriedades rurais, e nas áreas urbanas dos municípios; principalmente, aqueles compostos pelas edificações feitas no modelo arquitetônico colonial. Consideramos que esse patrimônio tem estreita relação com o patrimônio físico-territorial que, por sua vez, são a base para a construção e sustentação da vida humana que, neste espaço, estabelece sua relação com outras escalas de vida do planeta.

Estes atributos colocam a Bacia do Rio Caldas numa posição de destaque no quadro dos interesses – principalmente dos sujeitos que vivem no meio urbano –, pela sua situação ambiental. O fato citado, conduz este território para uma posição estratégica no que diz respeito aos múltiplos processos de uso e ocupação. A área já foi ameaçada por empreendimentos de grande envergadura, como a construção do “Lago Bela Vista” (DBO ENGENHARIA, 2004), obra que pretendia alargar

parte das áreas dos municípios de Bela Vista⁵, Caldazinha e Senador Canedo⁶, e, nas suas margens implantar uma estrutura turística altamente impactante, justificada por vários motivos: eliminação de uma grande quantidade de elementos da cultura tradicional; destruição de uma grande quantidade de espécies animais e vegetais, entre outros problemas inerente à construção de uma barragem.

Sua concretização foi inviabilizada pela contestação feita ao EIA/RIMA, documento exigido para a liberação da Licença Ambiental para a execução da obra; outra forma de ocupação que está ocorrendo de forma, a cada dia mais acelerada é o processo de loteamento das margens do Rio Caldas e de seus afluentes – como o Ribeirão Vermelho e Ribeirão Sozinha⁷, entre outros, para a construção de casas para lazer, chácaras de recreio, atividade altamente impactante, pois na maioria das vezes não obedece à legislação ambiental.

Acreditamos que o conhecimento aprofundado da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas é necessário para que se possa melhor avaliar as intervenções humanas, que foram feitas, bem como, aquelas que serão no futuro.

Diante do exposto, ressalta-se que a compreensão dos territórios identitários imersos nas paisagens (CLAVAL, 2004) da Bacia hidrográfica do Rio Caldas, evidencia-se como num importante elemento a ser compreendido, pois contribui para o entendimento subjetivo e existencial dos sujeitos que vivem nele. Conseqüentemente, poderá oferecer subsídios para a implementação de ações em EA, além disso, possibilita o entendimento da complexidade dinâmica que se estabelece pelos seus múltiplos usos.

A interpretação dos territórios identitários permitirá também apresentar multiplicidades de elementos da cultura tradicional, presentes na paisagem cultural pelo modo e história de vida dos sujeitos pesquisados. Os resultados contribuirão como suporte para a tomada de decisões, tanto da sociedade quanto do poder público para à gestão e para o planejamento da Bacia.

Esta pesquisa surge da oportunidade propiciada pelo NUPEAT – Núcleo de Pesquisas e Estudos em Educação Ambiental e Transdisciplinaridade, coordenada Pela Professora Dr^a Sandra de Fátima Oliveira, a qual, contou com participações de outros professores da UFG e de outras instituições; bem como, educandos de diversas áreas e de diversos níveis escolares.

O rico debate paradigmático e o modelo “circular” de educação do grupo possibilitaram

5 Cidade surgida ainda no século XIX com o nome de Suçuapara, berço de cultura e imprensa em Goiás, terra do grande poeta goiano Gilberto Mendonça Teles.

6 Senador Cadedo – antigo povoado de Bonsucesso, surgido na ocasião da passagem da Estrada de Ferro de Goiás, homenageando o Senador Antônio Amaro da Silva Canedo.

7 Córrego margeado por densas matas de difícil passagem, criando a idéia de ermo, solidão, isolamento, “lugar de gente sozinha”, daí o sozinha no feminino. O termo foi reforçado pelos membros do Acampamento que ali se levantou na época da construção da Estrada de Ferro e a isolada estação de Honestino Guimarães.

o contato com uma nova abordagem do saber – a transdisciplinaridade –, bem como oportunizou o contato e a conseqüente participação no Projeto: Conservação da Bacia do Rio Caldas: sua caracterização e implantação de programas de educação ambiental.

A minha trajetória de vida imersa e testemunha das mudanças do território cerrado; especialmente a minha origem na cultura popular, na militância política e a valorização dessa cultura pela perspectiva transdisciplinar, geraram um particular interesse em entender as multiplicidades simbólicas que foram constatadas, durante a realização de trabalho de campo executados pelas atividades deste projeto. Ressalta-se, também, que esta pesquisa é parte integrante do projeto citado.

Cabe enfatizar que a pesquisa visa propor princípios para ações em EA, que servirá como instrumento para subsidiar mudanças transformadoras, além de contribuir para que os atores sociais pesquisados e os não pesquisados possam planejar e desenvolver suas atividades econômicas; as quais poderão ser, de agora em diante, baseadas nos princípios da sustentabilidade.

Assim, a leitura das histórias de vida dos sujeitos que vivem, existem e resistem no âmbito da Bacia são, além de fonte de pesquisa, lição de vida. E além de lição de vida, convocação para abrandar a nossa sensibilidade ambiental, esta não é outra coisa senão a defesa pela vida – e pela Mãe Terra.

A Bacia do Rio Caldas está inserida espacialmente num local de múltiplas dimensões e variadas funções socioespaciais; o que pode ser justificado, pois os municípios, em que a Bacia está inserida fazem parte do aglomerado urbano de Goiânia – conforme já mencionado – em virtude de tais impactos (contaminação dos mananciais com esgoto urbano, desmatamento para expansão urbana, contaminações dos solos com agroquímicos) sofre enormes pressões⁸ das mais diversas ordens. Seja do agronegócio, nas suas diversas atividades econômicas que acontecem em variados pontos da bacia; seja pelo processo de urbanização nos pontos limítrofes à Goiânia, Senador Canedo, Anápolis; que demanda áreas para loteamentos, chácaras para recreação e lazer, dentre outros, com grande especulação imobiliária.

Parte-se da premissa de que a realização desta pesquisa, sob várias dimensões espaciais e enfoques é essencial para o entendimento dos múltiplos territórios identitários existentes nas paisagens da Bacia. A proposição de princípios para um programa de ações em EA, destinada aos pequenos proprietários rurais, que ainda preservam elementos da cultura tradicional – materiais e imateriais–, constituem na trajetória de (re)resistência frente às mudanças e imposições culturais oriundas do sistema capitalista.

8 Entende-se por pressão, forças que tencionam territorialmente a bacia por meio dos seus usos, e a relação desses usos com o comprometimento do quadro ambiental imerso na paisagem.

Os vários focos de resistências às transformações territoriais da paisagem, por parte de vários sujeitos que vivem na Bacia, não é só uma jeito “emburrado” de se posicionar, contrários as mudanças econômicas, sociais e tecnológicas vigentes. Mas, uma maneira de tentar guardar os elementos da cultura como uma forma de existência e de valorização de suas histórias de vidas.

Estas colocações constituem numa das principais motivações da pesquisa, pois evidencia as particularidades da Bacia. Mesmo perto do aglomerado urbano de Goiânia, mantém inúmeros elementos resistênciais, como: saberes, modo vida, moradias antigas, culinária tradicional, costumes, utilização ferramentas de trabalho em desuso nos dias atuais, entre outros – justifica pesquisar a realidade espacial da Bacia pelo prisma da cultura.

Tal fato, também, foi definidor para se estabelecer quais seriam os sujeitos a serem pesquisados, pois, durante a realização dos trabalhos de campo percebeu-se que os elementos materiais e imateriais da cultura que ainda se encontram preservados, bem como, a relação com o ambiente menos degradante, ocorreu nas pequenas propriedades rurais, com casas antigas e um modo de vida tradicional.

Acreditamos que o trabalho terá uma relevância social, pois, se a pesquisa conseguir atingir seus objetivos irá contribuir não só para o entendimento dos aspectos de identidade territorial e cultura; como, também, apresentará princípios para que se implante um amplo e profundo programa de Educação Ambiental nesta região.

Para o meio científico, poderá servir de referências para futuros estudos sobre a temática, bem como, para a demonstração da importância das metodologias qualitativas nos estudos em ciências humanas, tendo uma Bacia Hidrográfica como unidade de planejamento, uma vez que, possibilita uma inter-relações entre os elementos territoriais com os culturais.

1.3 SUJEITOS PESQUISADOS

Foram pesquisado(a)s pessoas que vivem nas áreas rurais, em pequenas propriedades, e que preservam elementos da cultura tradicional. Essa escolha foi feita, primando pelos seguintes aspectos: riqueza de objetos que são raramente utilizados na maioria dos lugares, nos dias atuais; moradia com mais de trinta anos, que ainda se mantêm na originalidade (arquitetura colonial); pessoas que vivem no local a mais de vinte e cinco anos; que apresentam um modo de vida ligado às tradições; pessoas com ligações religiosas; e aquelas que demonstraram conhecimento sobre colunária popular.

Consideramos também, a utilização dos elementos naturais, na reprodução de seu modo de vida, como um dos aspectos da constituição dessa população tradicional, os quais

formaram um território rico em diversidade biológica e cultural. E mais, estas populações adquiriram um conhecimento próprio e, conseqüentemente, tradicional sobre o ambiente em que vivem.

Foram selecionadas cinco proprietários, as quais, apresentam as características citadas e, também, por serem significativas, para se compreender os territórios identitários desses sujeitos. As suas histórias de vida ajudarão na elaboração dos princípios em EA a serem discutidos no último capítulo deste trabalho.

Dos sujeitos entrevistados, num total de vinte e cinco, adotou-se como critério para escolha dos que apresentariam depoimentos, percepções e representações, apenas cinco. Esses foram definidos de acordo com etariedade, diferença de lugar, gênero e a sua proximidade com a cultura tradicional. Vale lembrar, que utilizamos em todos os capítulos fragmentos das entrevistas de histórias de vidas dos demais sujeitos, para corroborar com nossos argumentos na pesquisa.

1.4 AREA DE ESTUDO

A Bacia do Rio Caldas localiza-se entre as coordenadas geográficas W 49° 20' 00" e W 48° 40' 00", e S 16° 20' 00" e 17° 00' 00", na região central de Goiás – conforme figura 1 -, e abrange dez municípios da região Central do Estado de Goiás. A Bacia é cortada pela Rodovia GO-020, no trecho que liga Goiânia a Bela Vista de Goiás e pela Rodovia GO-010, no trecho que liga Bonfinópolis⁹ a Leopoldo de Bulhões¹⁰. Também, é margeada pela Rodovia BR-153 nos municípios de Goiânia, Goianápolis e Anápolis.

Além disso, os trilhos da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA)¹¹, também, passam pela área. Com isso, constata-se que importantes vias estaduais e federais atravessam a Bacia – ressalta-se que as vias servem como ligação a pólos econômicos, como também, para o estabelecimento de rede entre os municípios goianos. Isso oferece visibilidade para os aspectos ambientais da Bacia. Observem o mapa e a carta imagem a seguir.

9 Antigo povoado que homenageia a próspera cidade de Bonfim de Goiás, do clíco do ouro e que hoje é Silvânia.

10 Antiga Estação Tavares que homenageia o estadista goiano Leopoldo de Bulhões.

11 A Estrada de Ferro de Goiás adentram o Estado há cem anos em 1909.

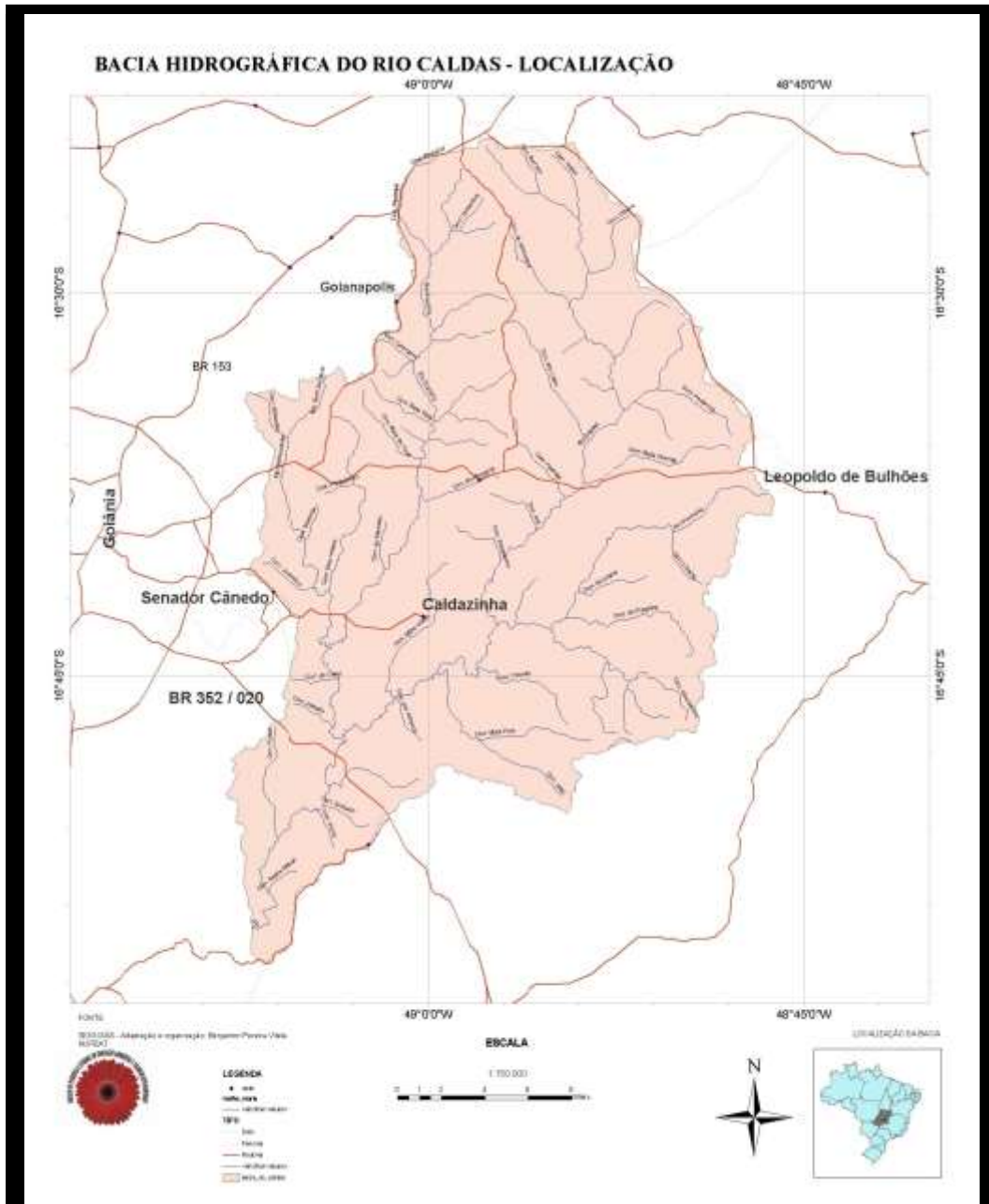


Figura 1 – Fonte Sig Goiás, 2005.

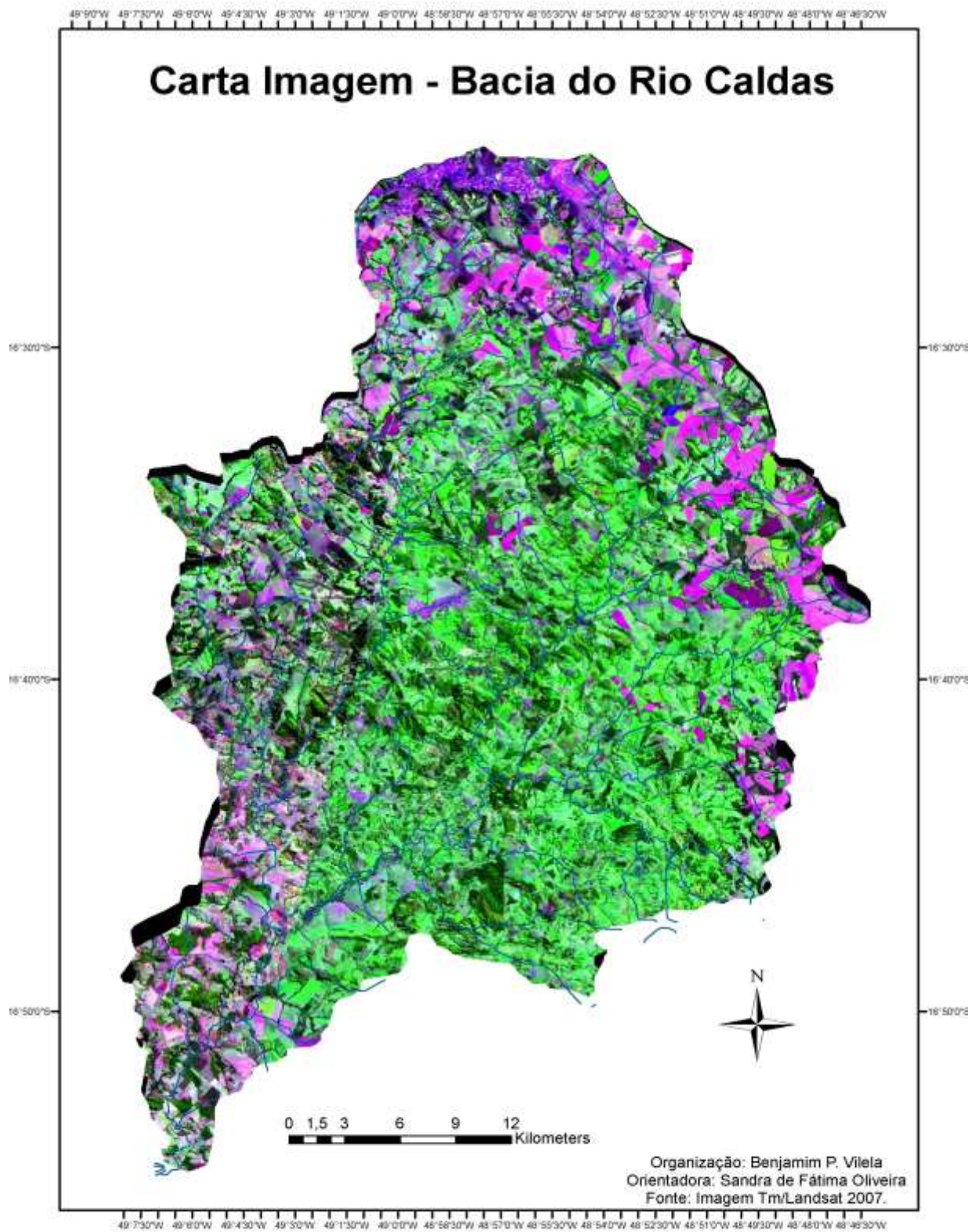


Figura 2 – Carta Imagem – Bacia do Rio Caldas

Ao estabelecer uma leitura panorâmica do mapa apresentado, percebe-se que a localização da Bacia em questão está presente em fixos geográficos importantes historicamente como é o caso da Ferrovia e se encontra num eixo de ressignificação do território cerradoeiro (MENDONÇA, 2004) e da região centro-oeste. Constata-se que o regime de fluxo da nação com essa porção do território, adentra a realidade espacial diferenciada da Bacia.

Junto, a localização, cabe considerar que as relações socioespaciais, estão baseadas no modo como as idéias ou conceitos, são capazes de organizar o mundo a partir do referencial espacial que se tem de outros atributos. Assim, os conceitos são como lentes da visão que temos da realidade (CARVALHO, 2006). Nesse caso específico, o que está em questão é o seguinte: como se lê a importância da localização da Bacia?

Esta compreensão ajuda a interpretar os aspectos que oferecem identidade e mostra a realidade diversificada da Bacia. O que pode apresentar diferenciações de percepção, bem como, entendimentos diferenciados.

Uma interpretação integrada da localização da Bacia do Rio Caldas deve levar em consideração: a estrutura morfológica de seu relevo que ajuda a esbarrar o avanço da agricultura da sua porção leste; a proximidade de alguns municípios com Goiânia; o que contribui para desenvolver usos da terra destinado ao lazer; atividades econômicas como hortifrutigranjeiras, pesque-e-pague, viveiros, haras que aproveitam o efeito demográfico na qual a bacia se insere; os conflitos culturais de uma vida urbana metropolitana, com valores e signos tradicionais de sua população remanescentes.

Observa-se que o quesito localização é fundamental para compreender a importância da Bacia e é ponto para averiguar seu uso e seus conflitos. De acordo com o objetivo do presente trabalho, outro aspecto se torna relevante: como propor a preservação e conservação de um importante ambiente na proximidade da metrópole?

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Geral

Investigar as múltiplas dimensões territoriais e identitárias presentes nas paisagens da cultura tradicional da Bacia do Rio Caldas, para subsidiar a proposição de princípios para um programa de ações em EA pautada nos princípios da sustentabilidade.

1.5.2 Específicos

- Refletir o conceito de paisagem, territórios identitários, e articular com a Bacia do Rio Caldas;
- Levantar as dimensões dos territórios identitários e caracterizar as pequenas propriedades quanto ao modo de vida tradicional;
- Identificar elementos da cultura tradicional material e imaterial existentes no âmbito da bacia;
- Enunciar princípios da EA, calcados na transdisciplinaridade, nos valores humanos, e na sustentabilidade para servir de referências para proposição de um programa em EA, com vistas a sustentabilidade Bacia.

1.6 REFERENCIAL TEÓRICO –METODOLÓGICO

As pesquisas são divididas, quanto a sua natureza, em básica e aplicada. A primeira, visa gerar conhecimento e avanços para as ciências; enquanto que a segunda pauta-se pela aplicação prática do saber, com vista a solução de problemas (SILVA; MENEZES, 2001). Em relação à forma de abordar o problema, elas podem ser qualitativa e quantitativa e quanto aos objetivos, as pesquisas podem ser de caráter: exploratória, descritiva e explicativa(GIL, 1991).

Busca-se, nesta pesquisa, sobretudo, explorar e familiarizar-se com os elementos da cultura presentes nos territórios identitários que permeiam a paisagem da Bacia do Rio Caldas; com a finalidade de subsidiar a elaboração de princípios para proposição de ações em EA, junto às famílias (re)existenciais. Também, descreve e faz relação entre as diversas variáveis e tipologias identificadas(GIL, 1991).

Esta pesquisa, que é qualitativa, tem como modalidade a história de vida, o trabalho de campo e observação interpretativa. A pesquisa qualitativa é uma tentativa de compreender, com detalhes, os significados e características situacionais apresentadas pelos atores sociais, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos (RICHARDSON, 1999). Entretanto, uma pesquisa qualitativa não deve negar o aspecto quantitativo, mas incorporar ao processo de interpretação. Com vistas o enriquecimento das explorações, descrições e explicações inerentes ao estudo. Uma vez que estes não se contrapõem.

Outra distinção importante diz respeito as técnicas e métodos de investigação. O primeiro, refere-se ao modo como é feita a análise da realidade investigada, enquanto que o outro, compreende-se no processo de inferência e de explicação da realidade, ou seja, a interpretação dos eventos apreendidos na paisagem geográfica. E quanto aos objetivos, terá elementos da pesquisa exploratória, descritiva, dada a complexidade dos temas e elementos ambientais estudados no recorte espacial da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas.

A tradição interpretativa nas pesquisas qualitativas partem do pressuposto de que as

pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos, valores (DEMO, 2001). Deste modo, afirma-se que a vida é um rico manancial de representações, identidades, territórios, valores e imaginários, os quais dão vivacidade aos elementos pesquisados, quando estes entremeiam as trajetórias percorridas pelo pesquisador.

Autores que estudam tal modalidade de pesquisa, apontam que estas devem livrar-se das amarras dos métodos ortodoxos, eminentemente racionais e fechados. Cabe, então, buscar uma articulação com os fenômenos que ocorrem no plano ambiental sob vários ângulos (DEMO, 2001).

Deste modo, Demo (2001), ajuda a melhor compreender o processo investigativo, ao enfatizar que o privilégio da informação interpretativa, consiste em afirmar que o dado é construído e não apenas colhido. E que a pesquisa possibilita um diálogo inteligente e crítico com a realidade. Uma vez, que quando se analisa uma realidade, se faz “pelo olhar de dentro” do pesquisador; o qual tem um contexto de valores que direciona sua interpretação e condiciona o processo de captação da informação. Assim, não é possível a neutralidade e imparcialidade no processo investigativo.

As considerações feitas sobre o aspecto metodológico contribuem no direcionamento e condução do ato investigativo, junto aos sujeitos que resistem e fincam identidade por meio do seu modo de vida no âmbito da Bacia pesquisada. Nestes termos, busca-se por intermédio da história de vida e da observação, compreender as múltiplas nuances presentes na cultura e no cotidiano dos sujeitos (pesquisados) que vivem na bacia do Rio Caldas. Pelo viés interpretativo e qualitativo recorrem-se, também, aos referenciais bibliográficos e registro de imagens, para se compreender os múltiplos territórios identitários presentes na Bacia.

O estudo dos territórios identitários imersos na paisagem da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, requer consistência metodológica para o seu entendimento. Suas nuances não podem ser medidas ou qualificadas simplesmente. Estas, como o fez Demo (2001), devem vislumbrar para os fenômenos humanos como um conjunto complexo, que tangencia a realidade de maneira inventiva e intensa, uma vez que os seres humanos não valorizam apenas o raciocínio lógico, mas “igualmente o envolvimento emocional, algo extremamente complexo, não-linear, dinâmico e sempre contraditório” (DEMO, 2001, p. 30). A informação emocional, compreendida de valores, se coloca como pleito que deve ser respeitada, pois o sujeito não apenas diz o seu lugar, vivencia-o emocionalmente.

1.7 TÓPICOS SOBRE HISTÓRIA DE VIDA

Conforme já se assinalou, a subjetividade e o simbolismo contribuem para a interpretação qualitativa. Sendo assim, a história de vida é capaz de captar o que aconteceu e

acontece nas interações do individual com o social; assim como, permite que elementos do presente fundem-se com evocações passadas (PAULILO, 1999). O que concede uma ampla possibilidade para se inferir sobre os aspectos (re)exitenciais da cultura e do modo de vida na Bacia do Rio Caldas.

A história de vida constitui-se numa modalidade de pesquisa que trata da narrativa do conjunto de experiências de vida de uma pessoa (MEIHY, 1996). O que a qualifica como um procedimento metodológico que satisfaz os objetivos a serem alcançados neste trabalho.

A investigação científica por meio dos registros orais, traz a tona os aspectos da memória, pela via do imaginário e das lembranças; e mostra o papel da história de vida na constituição da cultura dos sujeitos, dada a dinâmica inerente aos lugares. E demonstra que “la encuesta oral en historia no es sólo discutir sobre metodología sino interrogar la evolución de las relaciones que nuestra sociedad mantiene con su pasado”(JOUTARD, 1983, p. 9).

Esta relação mencionada por Joutard, é importante para que a memória e as referências do passado não venham desvanecer. Para tanto, ressalta-se que esta modalidade de pesquisa surgiu num momento histórico – após a primeira Guerra Mundial – em que se desenvolveu em Chicago uma escola sociológica que utilizava as entrevistas, a observação participante e a biografia como meio para se analisar a realidade social (JOUTARD, 1983).

Com ajuda da chamada autobiografia, os sociólogos da Escola de Chicago, estudaram as pessoas comuns, a criminalidade, a desorganização familiar, a pobreza urbana por intermédio da autobiografia (história de vida). Esses estudos eram ricos cientificamente, pois mostravam a complexidade dos problemas daquela época. Entretanto, após a segunda Guerra Mundial, esse modelo foi substituído pela escolas quantitativas. Entretanto, os estudos qualitativos continuaram sendo feitos por vários pesquisadores, das mais diversas áreas do conhecimento (JOUTARD, 1983).

Os aspectos culturais são ricamente trazidos a tona, no ato investigativo por meio das lembranças, narrativas, memória, pois, desta maneira, as vivências que se tem nos lugares, mostram como ao longo do tempo, as identidades territoriais e culturais vão sendo constituídas, transformadas. E, nesta medida, cabe ressaltar que os registros orais são um testemunho das mudanças ocorridas no território; o que é confirmado por Joutard(1983, p. 253):

La entrevista oral ofrece testimonios de la historia de acotamientos en el sentido clásico del término, ya sean políticos, económicos o culturales aislado o formando parte de un encadenamiento. En segundo lugar, la entrevista oral aporta su contribución a la etnohistoria o dicho de otro modo: una historia más lenta, sin hechos notables, una historia de la vida cotidiana. También pone de relieve el testimonio indirecto, no el de las personas que han vivido lo que cuentan sino el que transmite lo que les han dicho otros, es decir la tradición oral. En otro orden de cosas, la entrevista oral nos informa de la manera cómo funciona la memoria de un grupo.

Os registros orais são um testemunho das manifestações culturais, costumes, modo de vida, valores, e, conseqüentemente, marcam territorialmente um determinado lugar. Uma vez que o sujeito ao ser investigado, o faz sob sua vontade e condição. Neste caso, a ordem dos acontecimentos e registros apresentados por meio da oralidade, procura valorizar a subjetividade dos detalhes (MEIHY, 1996). Como exemplo, pode-se mencionar que os elementos que os sujeitos falam durante a pesquisa, ao descrever um fato ou história, não precisam seguir uma ordem cronológica e tão pouco ter rigor na organização das informações, pois segundo Meihy (1996, p.148):

a história oral de vida, ao trabalhar com a experiência, sugere entradas para o entendimento do espaço pessoal subjetivo, supõe-se haja também um roteiro menos factual e mais vinculado a outras alternativas que revelam, por exemplo, as narrativas pessoais através de impressões, sentimentos, sonhos. Ou seja, o caminho da narrativa não precisa necessariamente obedecer à continuidade dos fatos.

Fatos e aspectos identitários emergem dos objetos, da fala, dos gestos, e constituem-se num registro que guarda uma diversidade profunda de manifestações inerentes à trajetória do sujeito, no contexto em que sua vida cultural foi constituída.

A história de vida fundamenta-se em princípios que visam o respeito à exposição do outro, observando seus valores e sua visão de mundo (MEIHY, 1996). Fica evidente que a postura do pesquisador deve estar pautada na ética e no cuidado, para que o sujeito, ao ser entrevistado apresente através da oralidade, seus sentimentos, seus valores e seus dogmas.

Desta maneira, as histórias de vida constituíram-se num modalidade de pesquisa em que o relato do sujeito é a sua verdade; ou seja, é a versão que o narrador oferece. Em muitas situações, as narrativas podem omitir ou revelar dados não procedentes.

Para Meihy (1996, p. 149) a realização pesquisa requer cuidados, quanto as perguntas e a condução do contato com o sujeito pesquisado, uma vez que “os grandes blocos de perguntas devem ser divididos em três ou quatro partes, no máximo cinco. Quanto menos o entrevistador falar, melhor. A participação do entrevistador deve ser sempre estimuladora e jamais de confronto, seja qual for a opção (subjetiva ou não)”. Esse posicionamento do pesquisador aumenta a liberdade do pesquisado e o deixa mais “solto”, conseqüentemente, melhora a qualidade da entrevista.

A observação é parte formadora desta pesquisa e será explicada do ponto-de-vista teórico – metodológico. Esta, ocorre quando se utilizam os sentidos para se obter dados ou informações de determinados aspectos da realidade. Existem diversas modalidades – principalmente na pesquisa participante- de observações (SILVA; MENEZES, 2001, p.33):

- observação assistemática: não tem planejamento e controle previamente elaborados;
- observação sistemática: tem planejamento, realiza-se em condições controladas para responder aos propósitos preestabelecidos;
- observação não-participante: o pesquisador presencia o fato, mas não participa;
- observação individual: realizada por um pesquisador;
- observação em equipe: feita por um grupo de pessoas;
- observação na vida real: registro de dados à medida que ocorrem;
- observação em laboratório: onde tudo é controlado.

No presente trabalho, utilizamos principalmente as modalidades de observações “assistemática”, “sistemática” e “na vida real ou direta”; uma vez que no decorrer do processo da realização dos trabalhos de campo, no processo de apreensão da história de vida dos sujeitos, foi feita uma interação com estes. De modo que as observações no contexto social em que se encontram, foi possível o registros das práticas, que caracterizam os aspectos identitários da cultura.

Lüdke e André (1986) afirmam que a observação para ser um instrumento confiável, precisa ser planejada e requer um controle sistemático. De modo a determinar “o quê” e “como” observar. O que é feito na preparação da pesquisa, mediante a delimitação do objeto a ser estudado.

Para a realização da observação, faz-se necessário organizar os instrumentos a serem utilizados durante o campo da pesquisa (MARTINS, 2004), como caderneta para anotação, equipamentos para registros fotográficos, organização de roteiro a ser registrado na análise. O fato é que o dispositivo da observação contribui com a história de vida.

1.8 OBSERVAÇÃO E ENTREVISTAS

Seguindo as ponderações sobre história de vida, justifica-se a utilização da observação durante a trajetória da pesquisa, pois segundo Lüdke e André (1986, p. 26): “as técnicas de observação são extremamente úteis para “descobrir” aspectos novos de um problema. Tal fato se torna crucial nas situações em que não existe uma base teórica sólida que oriente a coleta de dados”, o que tem certa relação com a presente pesquisa, uma vez que a idéia de territórios identitários imersos na paisagem, não é um temática fácil, pois cada local tem suas complexidades e suas particularidades.

A apreensão da história de vida dos sujeitos pesquisados também utiliza-se das entrevistas no processo de construção do conhecimento. Segundo Lüdke e André (1986) “ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para coleta de dados”, na modalidade de pesquisa qualitativa.

As entrevistas constituem num conjunto de interações entre os sujeitos pesquisados e o pesquisador. De modo que corre-se o risco de influência recíproca entre pesquisador e pesquisado.

Nesta direção, Paulilo (1998) adverte que as entrevistas – principalmente em história de vida – trabalham com memória e, portanto, com seletividade, o que faz com que o entrevistado aprofunde determinados assuntos e afaste outros da discussão, assim, tomou-se o cuidado no decorrer da pesquisa, para que não se incorresse no processo de influência sobre o sujeito pesquisado.

As entrevistas, na pesquisa, permitem esclarecimentos, correções, entendimentos e conseqüentemente, aprofundamentos nas análises. Acerca de tais ponderações Lüdke e André (1986, p. 34), mencionam que:

A liberdade de percurso, como já foi assinalado, associada especialmente à entrevista não-estruturada ou não padronizada. Quando o entrevistador tem que seguir muito de perto um roteiro de perguntas feitas a todos os entrevistados de maneira idêntica e na mesma ordem, tem-se uma situação muito próxima da aplicação de um questionário, com a vantagem óbvia de se ter o entrevistador presente para eventual esclarecimento.

Quando se objetiva apreender a história de vida, quando menos estruturada for a entrevista, mais proveitosos serão os resultados. Os autores continuam no esclarecimento, quanto a riqueza na aplicação de entrevistas mais livres (LÜDKE E ANDRE, 1986, p. 34): “parece-nos claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas livres, menos estruturados”.

Se a liberdade de falar é ponto importante para o sujeito agir livre mentalmente, ao pesquisado, cabe dar direção e organização à leitura e à interpretação. Daí, a importância de que tenha uma consciência dos procedimentos metodológicos compatíveis com os objetivos da pesquisa.

1.9 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A COLETA DE DADOS

Os procedimentos metodológicos percorridos para compreender os múltiplos territórios identitários existentes na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas e as técnicas para coletas de dados teve, como trajetória, vários instrumentos para se chegar aos objetivos preteridos. São eles: trabalho de campo, entrevistas, levantamento fotográfico e observações.

Entre os meses de março a dezembro de 2008, realizou-se trabalhos de campo, em que se percorreu locais significativos da Bacia; neste caminhar, identificou-se várias elementos na Bacia que confirmaram que existe uma diferenciação espacial, bem como, múltiplos territórios identitários os quais guardam inúmeros elementos da cultura tradicional de Goiás.

As estratégias utilizadas para a realização da investigação contribuiram para se verificar inúmeros aspectos identitários que caracterizam a Bacia; é claro, que não será possível abordar

todos. Mas, certamente ficará aberta para outros pesquisadores ou pesquisadoras várias possibilidades.

1.10 REGISTROS FOTOGRÁFICOS E IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DA CULTURA

Procurou-se por meio dos registros fotográficos, encontrar características que identificam o tradicional da cultura pelos seguintes objetos: da moradia; dos objetos utilizados no cotidiano como gamela, bule, aparelhos de carpintaria, rádios antigos, monjolo, carro de boi; modo de vestir; modo de falar; entre outros. Tais elementos materiais e imateriais são um registro da cultura que se perde com as mudanças culturais ocorridas nos últimos anos.

A imagem fotográfica partiu de um entendimento: ao fotografar um objeto fica enunciado signos de sua aparência como cor, volume, forma. Mas, além da aparência, a fixação fotográfica pode colaborar com leituras de dimensões essenciais, como o tempo, a técnica, o trabalho e a significação (GASKELL,2002).

Procuramos criar um mosaico de cenários reais baseados nestes elementos semiológicos, mas, com ligação com os objetivos da pesquisa. Por isso, focamos grandes lavouras, casas coloniais, feições de idosos, morfologia da paisagem, expressões cênicas de ambientes, objetos da cultura tradicional, novos usos da terra das paisagens.

A seleção das fotografias para a sua inserção no trabalho correspondeu ao texto escrito, apresentando-as como dimensões qualitativas dos fenômenos, não apenas como adorno. Assim, procuramos narrar o que as imagens apresentaram – e o que estava implícito nos campos subjetivos de que escondiam. As imagens fotográficas são, assim, depoimentos signícos da realidade espacial de um certo momento de um espaço compreendido por diferentes paisagens(GASKELL, 2002)

Embora as imagens, objetos e comportamentos podem significar e, de fato, significam, eles nunca fazem isso automaticamente: todo sistema semiológico possui sua mistura lingüística. Por exemplo, o sentido de uma imagem visual é ancorado pelo texto que a acompanha, e pelo status dos objetos, tais como alimento ou vestido, visto que sistemas de signos necessitam a mediação da língua, que extrai seus significantes (na forma de nomenclaturas) e nomeia seus significados (na forma de usos, ou razões?) (GASKELL,2002, p. 321)

As palavras do autor foram, na pesquisa, respeitadas: as fotografias foram lidas pela interpretação geográfica, com observações das formas e funções dos elementos espaciais, isto é, outro sistema de signos, baseada na investigação da paisagem é que possibilitou o seu uso qualitativo.

1.11 OBSERVAÇÃO DOS LOCAIS E PRÁTICAS COTIDIANAS DOS SUJEITOS PESQUISADOS

As observações feitas durante os trabalhos de campo, nos locais escolhidos para a pesquisa, mostraram como os sujeitos pesquisados relacionam-se com as transformações culturais; as suas práticas e sua relação com as mudanças trazidas pelos meios de comunicação. E o modo como ainda são utilizados certos objetos que se encontram em uso.

As observações visam, sobretudo, contribuir para a apreensão dos elementos que ajudam a constituir a história de vida das pessoas pesquisadas. Muitas constatações estimularam, posteriormente, a reflexão como orientadora de aspectos (modo de vida, objetos, jeito de vestir, jeito de falar, relação com trabalho) mais densos da realidade estudada. Além disso, por meio delas, foi possível fazer anotações de *insights*. Esses foram utilizados para a construção das análises e das sínteses.

As observações, especialmente nas visitas de campo, procuraram verificar o modo como os sujeitos estabeleciam relações com as paisagens e objetos culturais de seu cotidiano e de sua vivência. Motivou também a descoberta entre a fala e o ato do sujeito, saindo das representações rígidas do imaginário hegemônico.

1.12 COMENTÁRIOS SOBRE OS CAPÍTULOS

Este trabalho está composto por quatro capítulos: o primeiro capítulo discute as categorias geográficas, que constituem a base teórica do trabalho. Num primeiro momento discute-se o conceito de paisagem, enquanto um elemento cultural. Num segundo momento apresentamos os conceitos de território, identidade. Em ambos procuramos contextualizar o teórico com o objeto de estudo.

O segundo capítulo apresenta os aspectos demográficos, sobretudo, nas relações cidade – campo e nas mudanças socioespaciais. Posteriormente procuramos mostrar um diagnóstico qualitativo da Bacia, com a apresentação dos usos e ocupação da Bacia.

O terceiro capítulo mostra e contextualiza as narrativas de história de vida dos sujeitos que vivem no âmbito da Bacia, como também, procuramos problematizar questões ligadas o enraizamento e desenraizamento da cultura.

Por último o quarto capítulo discute a EA pautada na sustentabilidade e ecologia profunda, como suporte para a apresentação dos princípios em EA para um programa a ser implantado na Bacia. Os quais foram baseados nos resultados das interpretações de histórias de vida

feitas no terceiro capítulo.

2 PAISAGEM E IDENTIDADE TERRITORIAL: ELEMENTOS DA HISTÓRIA DE VIDA PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA

Buscaremos compreender, com este capítulo, os aspectos referenciais teóricos sobre paisagens e os territórios identitários para compreensão dessas categorias presentes na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas. Esta compreensão é interessante para subsidiar a proposição de princípios para um programa em EA, que seja capaz de contribuir para a valorização da cultura tradicional, presente no modo de vida, dos sujeitos que vivem no âmbito da Bacia. Além de apresentar conceitos inerentes às categorias paisagem, território e identidade a serem utilizadas para interpretar a história de vida no contexto da paisagem cultural. E servir para referendar a tese de que existem múltiplos territórios identitários desta Bacia, com valor cultural inigualável. As bases teóricas a serem apresentadas e discutidas adiante, constituem-se em pressupostos para interpretações o mais próximo da possível da realidade.

2.1 A COMPREENSÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM

A paisagem enquanto categoria é um forte subsídio teórico, quando se trata de estudos que envolvem cultura e EA, pois, pelo seu conceito, é possível interpretar inúmeros elementos do espaço geográfico em sua totalidade.

A necessidade de se articular as paisagens, entendidas como uma heranças na diferenciação socioespacial (SANTOS, 1996), é essencial para que se possa melhor avaliar os aspectos culturais impregnados na sua morfologia, na medida em que “as nações herdaram fatias – maiores ou menores – daqueles mesmos conjuntos paisagísticos de longa e complicada elaboração fisiográfica e ecológica”(AB´SABER, 2003, p. 10), as quais, são transformadas pelos seres humanos, ao longo da sua história de vida na terra.

Pelas considerações anteriores, podemos inferir que as paisagens são entendidas como herança natural e cultural, pois suas constituições resultam das apropriações ocorridas ao longo do tempo histórico (AB´SABER, 2003).

Paisagens não são só uma extensão ao alcance da vista. São mais que isso; são portadoras de símbolos constituidores do espaço. Elas se apresentam por meio da morfologia, dos signos e dos símbolos; os quais circulam e propiciam cor, forma, cheiro, sabor ao espaço,

bem como pelo modo como os sujeitos usam, transformam e constroem os lugares; pelo simbólico, o religioso, o econômico, o cultural, o imaginário.

Assim, no estudo que se apresenta; elas (as paisagens) reforçam que a Bacia do Rio Caldas guarda consigo, características que lhe dão identidade espacial: pela sua condição hidrográfica; pelos seus diversos tipos de usos; sua proximidade com o aglomerado urbano de Goiânia; e pela diversidade de elementos culturais arraigados no modo de vida local.

As identidades que permeiam a Bacia Hidrográfica do Rio Caldas podem ser percebidas através do modo como o local é configurado espacialmente: pelo ambiente vivido; pela diferenciação visível da paisagem e constituída pela construção de territórios – sujeitos que vivem e vivenciam o lugar – assim as paisagens são resultados da apropriação e transformação dos ambientes em cultura (ALMEIDA, 2008) e por sua atribuição de significados, valores, gestos vividos, os quais coexistem no local.

O conceito de paisagem entendido como categoria tem sua origem na Europa do século XV, por intermédio dos quadros (pinturas) que demonstravam os lugares. Entretanto, vem ganhando contorno; os mais diversos, a partir do momento em que os estudos naturalistas (ecológicos e geográficos) no decurso de sua constituição como disciplinas (COSGROVE, 1989), necessitavam de algo a mais para explicar os “lugares” que eram visitados pelos pesquisadores; deste modo as gravuras de paisagens tiveram uma grande significância para ajudar a desvendar as descrições naturalistas (CLAVAL, 2004), pois eram através delas que se verificavam as características de um bioma desconhecido, e tornavam mais claros os relatos para quem os lia. A gravura era a portadora da morfologia espacial do lugar que o naturalista queria mostrar.

Já para autores tradicionais nos estudos geográficos, que envolvem aspectos culturais, tendo a paisagem como categoria principal, o conceito ganha a conotação em que

por definição a paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes. A paisagem é considerada, portanto, em um certo sentido, como tendo uma qualidade orgânica. (SAUER, 1998, p.23)

A abordagem feita por Sauer (1998) encaminha para a análises num plano sistemático mais geral, enfatizando as análises estruturais e funcionais, o que evidencia as bases do pensamento positivista nas suas definições de paisagem. O que pode ficar mais evidente quando este diz que

a agregação e o ordenamento dos fenômenos como formas que estão integradas em estruturas e o estudo comparativo dos dados dessa maneira organizados constituem o método morfológico de síntese, um específico método empírico. (SAUER, 1998, p. 30-31)

Os estudos de Sauer foram criticados, pois, limitavam-se a compreensão dos sentidos, o que leva o leitor a confundir suas interpretações com o senso comum, e, também, pela abrangência limitada do espaço. Nesta medida, cabe dizer, que mesmo assim, suas contribuições foram significativas para a evolução e aprimoramento dos estudos geográficos, tendo a categoria paisagem como base.

Outros autores apresentam um entendimento da categoria paisagem como um sistema lógico (BABEK e SCHMITHÜSEN, 1998). Estes autores apontam que a geografia tem como objeto de investigação o “espaço lito – bio – atmosférico da superfície terrestre em seu conteúdo e configurações totais” (BABEK ;SCHMITHÜSEN, 1998, p. 75). Neste prisma, apontam que a geografia não deve se limitar a observações e descrições do visível, mas sim compreender o conjunto de elementos constitutivos do âmbito da natureza, que para eles se compõe do seguinte:

- a) os fenômenos espaciais, materiais e perceptíveis, com suas dimensões, forma, qualidade material, estrutura e organização interna;
- b) o entrelaçamento de relações que existe entre eles e que somente em pequena parte é acessível à percepção imediata. Pode estar relacionado com fatos externos, mas sempre tem características espaciais ou locais;
- c) a sucessão temporal que dá razão ao presente e se projeta sobre o futuro; (BABEK ;SCHMITHÜSEN, 1998, p. 75 – 76).

Os autores discutem o espaço geográfico como entidades quadrimensionais, em que este é entendido como um complexo de fenômeno espaço – temporais e constituem a totalidade. Essas concepções consideram a estrutura e funcionamento da terra baseadas nos três princípios apresentados acima. A partir deles é que os autores discutem o conceito de paisagem. O que pode ser percebido na citação adiante: “a paisagem é um sistema dinâmico com estrutura espacial. A natureza contribui com uma infra-estrutura que, apesar do homem, permanece. Os limites naturais são muito estáveis” (BABEK ;SCHMITHÜSEN, 1998, p. 83).

As considerações acima, levam-nos a pensarmos sobre o conceito de paisagem para o estudo que ora estamos realizando, de modo que o nosso entendimento é que toda paisagem é cultural. Já para os autores, a paisagem só é cultural quando apresenta ações dos seres humanos, conforme apresentada abaixo:

Para que uma paisagem possa ser cultural possa ser considerada cultural, o decisivo é que a fisionomia e a dinâmica ecológica de seus elementos espaciais se encontrem determinadas em grande parte pela ação dos homens organizados em sociedade (BABEK ;SCHMITHÜSEN, 1998, p. 83).

Concordamos que a construção do conceito paisagem deriva-se da cultura. De maneira que todo entendimento de paisagem seja cultural. O que aparentemente pode parecer uma

divergência em relação às concepções de Babek e Schmithüsen (1998), entretanto, são as principais ameaças às paisagens. Estas ameaças consistem nas intervenções humanas, que desfiguram as morfologias espaciais de maneira abrupta e rápida.

Para o entendimento das paisagens no âmbito da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, discutiremos, adiante, o conceito de paisagem na perspectiva cultural, tendo os simbolismos como um dos elementos importantes para as análises a serem feitas neste trabalho.

2.1.1 Paisagem cultural e simbolismo

A paisagem no entendimento de autores como Cosgrove (1998) não pode ser pautada no positivismo clássico como também no lógico, uma vez que na concepção desse autor a geografia está em todas as partes, de modo que as paisagens estão ligadas com as formas visíveis; às ações humanas e ligadas à cultura.

Nesta perspectiva (DUNCAN, 2004, p.106) apresenta a paisagem como um conjunto de signos:

A paisagem, eu afirmaria, é um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, produzido, experimentado e explorado.

Nesta medida, a Bacia entendida como uma paisagem, abarca todos os elementos dispostos no espaço geográfico e suas significações. Assim, os relatos dos sujeitos que vivem no local sobre a natureza e a importância na vida dos atores sociais de uma determinada paisagem ganham proeminência na interpretação do espaço geográfico. Pois apresenta sua história de vida – ressalta-se que no terceiro capítulo deste trabalho, tratar-se-á desse assunto com maior profundidade –, contextualizada com o ambiente.

A história de vida dos moradores que resistem – principalmente no meio rural – às mudanças, as transformações e buscam valorar a cultura tradicional, colocam o modo de vida dos moradores com uma retórica da paisagem (DUNCAN, 2004), em que a paisagem é lida como um texto pelo sujeito que a vive e interage sobre sua epiderme.

Essa leitura da paisagem coloca-a como uma herança, em que as transformações do presente, do passado e do futuro constituem-se num processo histórico dinâmico e sistêmico, em que a multiplicidade simbólica é a essência dos lugares (TROPPEMAIR E GALINA, 2006).

As paisagens estão ligadas à cultura e significa, sobretudo, a relação entre seres humanos e natureza; esta se revela por meio das formas visíveis sobre a superfície terrestre e sua composição, como, também, é uma maneira de ver e perceber o vivido. Além de se constituir em

uma nova relação entre os seres humanos e o ambiente (COSGROVE, 1998). Uma vez que as paisagens são um conceito complexo e servem para que os seres humanos possam alterar ou aperfeiçoar o ambiente. Para explicar esse processo o autor aponta três pontos (CONSGROVE, 1998, p. 99):

- um foco nas formas visíveis de nosso mundo, sua composição e estrutura espacial;
- unidade, coerência e ordem ou concepção racional do meio ambiente;
- a idéia de intervenção humana é controle das forças que modelam e remodelam nosso mundo.

O direcionamento apontado pelo autor, quando se refere às paisagens, diz respeito não a uma intervenção indiferente, exploradora, destrutiva, mas a uma relação que tenha como objetivo a harmonização da vida humana com o ambiente. Assim, o entendimento que se quer, neste trabalho é, sobretudo, possibilitar uma leitura da paisagem como integradora dos elementos existente na Bacia hidrográfica do Rio Caldas.

No presente estudo busca-se apresentar os elementos espaciais através da paisagem visível e invisível (material e imaterial). Uma vez que as mudanças econômicas, sociais e culturais ocorridas nos últimos 400 anos tornaram as relações e inter-relações complexas, requerendo leituras profundas para que se consiga explicar e diagnosticar o espaço geográfico e possibilitar que este seja visto de modo multidimensional. Esse entendimento é baseado nos seguintes pressupostos:

trata-se da paisagem cultural, um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço como os campos, as cercas vivas, os caminhos, a casa, a igreja, entre outras, com seus estilos e cores, resultante da ação do homem sobre a natureza. (CORRÊA, 1995, p. 4)

A paisagem da Bacia revela-se aos olhos através do visível - e corrobora com as concepções de Corrêa (1995). O que se enxerga, por sua vez, guarda aspectos que consubstanciam para a definição do processo de ocupação. Relacionados com o modo de produção capitalista, eivado de aspectos ideológicos. Assim, torna-se importante ler e interpretar a bacia pela via das características perceptivas. Para em seguida adentrar no emaranhado complexo de seus múltiplos simbolismos culturais. Acerta das considerações feitas Almeida (2008, p. 47) diz:

Há uma diversidade de paisagens culturais no mundo rural brasileiro. Se existem paisagens, extensões do mundo urbano-industrial, com intensa utilização de tecnologias e investimentos destinados a uma alta produção, paralelamente, ainda persistem paisagens naturais pré-técnicas. Essas paisagens são produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem e possuem significados simbólicos. Elas refletem formas de como os seres humanos interiorizam o espaço e a natureza e os integra ao seu próprio sistema cultural. Além disso, refletem os conflitos identitários e como os grupos sociais se inscrevem em um espaço geográfico.

As paisagens, enquanto uma complexidade de formas, ajudam na compreensão dos aspectos culturais que são interiorizados e manifestados por intermédio do “modo de vida”, dos hábitos, do jeito de falar, no tempo lento presente – principalmente na vida daqueles que moram no campo, criando um mosaico de simbolismos que se caracterizam nos territórios da Bacia, conforme

As formas espaciais, através das quais o simbolismo ganham materialidade, constituem, meios através dos quais a cultura é modelada.

[...] símbolos e sentimentos são variáveis que podem conformar o espaço e que este não se caracteriza apenas por atributos econômicos como, por exemplo, acessibilidade e amenidades. Caracteriza-se também por conter simbolismos que derivam de valores culturais que ali se acham enraizados. (CORRÊA, 1995, p. 10).

Os argumentos apontados por Corrêa (1995) reforça teoricamente a categoria paisagem, como essencial para identificar e compreender os aspectos (re) existenciais da cultura – neste estudo tendo a Bacia Hidrográfica do Rio Caldas como cenário. Uma vez que as paisagens não são “somente o conjunto de relações entre os objetos presentes em um dado lugar, mas é, também, a convergência de percepções subjetivas sobre tais objetos e relações”(ALMEIDA, 2008, p. 49). A convergência mencionada pela autora pode ser percebida, num exemplo de muitos, que se encontra no âmbito da Bacia do Rio Caldas: o uso de monjolo¹² nos dias atuais(figura 3), mesmo, com a existência de energia elétrica, trituradores e moinhos automáticos.

¹² Ferramenta movida a água usada para triturar sementes e pilar arroz. Foi de uso tradicional nas grandes fazendas, havendo grandes engrenagens como engenho de serra e de fubá, movido a água. Também o monjolo foi contado e decantado em prosa e verso nas obras de Bernardo Élis, Benedito Odilon Rocha, Rasarita Fleury e Leo Lynce.



Figura 3 – Fotografia Monjolo – Bacia do Rio Caldas – Fonte: Oliveira, 2008.

O conceito que até o momento foi trabalho, traz subentendido, a paisagem cultural. A categoria é eminentemente geográfica, mas foi entre os geógrafos físicos que ela ganhou prestígio científico (VITTE, 2007), nos estudos do meio físico, sempre primando pela análise do meio físico, biológico e antrópico conforme ressalta Bertrand (1971, p. 2):

A paisagem não é simples adição de elementos geográficos disparatados. É, numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. A dialética tipo-indivíduo é o próprio fundamento do método de pesquisa.

Neste trabalho, esforça-se para ir além das discussões feitas pelos geógrafos físicos, pois aqui pensa-se a paisagem, em sua inteireza como tem sido feita pelos geógrafos tradicionais. Mas, procura-se ir além, ao considerar que os elementos que a compõem constituem-se, também, pelos aspectos subjetivos conforme Holzer (1999, p. 165) *apud* Olanda (2008, p. 261):

[...] o conceito de paisagem não pode perder seu significado essencial, no sentido fenomenológico, de uma formatação intersubjetiva de determinada porção da terra

delimitada por cultura relativamente homogênea, sendo que tal delimitação reflete o trabalho coletivo do homem sobre a terra.

Nessa direção, a paisagem categoriza um aspecto da pesquisa social muito presente nas questões individuais e na intersubjetividade que é recorrente ao se tentar analisar os problemas sociais contemporâneos. Esta afirmação indica que a categoria paisagem, no presente trabalho, é coerente, uma vez que busca compreender os elementos subjetivos, ligados à história de vida dos sujeitos pesquisados, pela via das leituras dos aspectos visíveis: moradia, instrumentos de trabalhos, utensílios domésticos, práticas de manejo na produção de alimentos, possam contribuir para propor princípios em EA para um programa educativo.

Conforme pontua Olanda (2008), a imaterialidade das paisagens está nas experiências, no modo de vida, ou seja na identidade, que é constituída pelos sujeitos. Assim, é salutar discutir que a compreensão das paisagens chega aos aspectos cognitivos de se comunicar com o mundo. Ora, se o processo de comunicação é introduzido pelas imposições sociais, cabe ao ato de narrar a história de vida, do trabalho, das ações individuais e subjetivas, opor-se aos interesse da servidão entranhada pelo capitalismo. Por intermédio dos elementos cognitivos, negar instituições e os valores: resistir.

Na tentativa de ler a história de vida dos sujeitos que constroem a Bacia do Rio Caldas por meio de seus cotidianos no contexto de suas realidades é recorrente dizer que essas histórias de vida, que aparecem nas paisagens pela morfologia cultural, precisam ser compreendidas teoricamente, segundo o que Berque (1998, p. 98) diz:

É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc e, por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência.

Com esta discussão, acreditamos que a paisagens vistas pelo imbricamento de consciência, valorização, experiência e matriz no processo de transformação do espaço geográfico, serve de sobremaneira, para se compreender as multiplicidades simbólicas imersas na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas.

Já para se analisar os múltiplos territórios identitários existentes na Bacia, os quais conforme foi dito, é resultado de inúmeros elementos culturais, os quais consubstanciam para que se tenha diversidade na concepção de mundo, bem como, na constituições dos modos de vida.

No tópico seguinte discutiremos os conceitos de território e identidade, uma vez que estes consistem na base teórica do presente trabalho.

2.2 ELEMENTOS PARA COMPREENSÃO DOS MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS EXISTENTES NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CALDAS

Os múltiplos territórios que se configuram nas paisagens são frutos da complexidade desdobrada a partir do avanço das técnicas, da ciência e da informação (SANTOS, 1996). Este fato decorre, sobretudo, da enorme influência que o sistema capitalista atual exerce sobre os lugares, por meio da globalização e seus mecanismos de apropriação. Ao criar demandas e impor valores, normas e costumes, elementos identitários da paisagem - principalmente culturais - vão sendo perdidos e fragmentados num imenso processo de complexificação.

Tal situação ocorre pela necessidade que o sistema capitalista tem de criar mercado consumidor para os seus produtos e mercadorias, assim sendo, a sua inserção no território e na vida dos sujeitos ocorre de diversas maneiras: primeiro, ele se apropria dos valores, costumes, modo de vida, a partir das necessidades locais, fazendo com que os sujeitos tenham como objetivo o lucro, normalmente instalando-se em sua estrutura para a sua obtenção do capital num dado local. E num segundo momento, o capital, através da implantação de diversas atividades econômicas de ordens diferenciadas, tais como indústrias, mudança na maneira de praticar agricultura e pecuária, interfere drasticamente no território, promovendo consideráveis mudanças, principalmente nos padrões identitários e culturais.

Assim, tal lógica, propicia o surgimento de novos territórios e identidades, em que os sujeitos passam por um novo processo de organização, mas sem deixar de manifestar o seu jeito, nas suas práticas, em suas experiências e história de vida, pois a cultura está arraigada na política, economia, nas relações familiares e religiosas. Sobre estas considerações Claval (1999) pontua que:

A cultura é o conjunto de representações sobre as quais repousa a transmissão, de uma geração a outra ou entre parceiros da mesma idade, das sensibilidades, idéias e normas. Ela inclui a imagem do meio ambiente próximo e os conhecimentos, práticas e ferramentas que permitem tirar partido dele. Ela comporta um arsenal de métodos para se orientar, [...], (CLAVAL, 1999, p. 142).

Essas mudanças que o sistema implanta tentam impor padrões homogenizadores, mudando os valores culturais locais, consideravelmente. Entretanto, existem as (re)existências, promovidas por sujeitos, que mesmo diante de todo o aparato oriundo das redes de informação, tecnologias, mantêm-se agarrados aos seus referenciais, os quais têm vínculo com o ambiente onde sua vida ocorre e as relações que mantêm com as outras pessoas. No embate re-existencial há a preservação de subjetividades e costumes oriundos dos territórios pretéritos existentes na Bacia. Tal fato pode ser constatado nas áreas de cerrado e caracteriza as transformações recentes na paisagem,

conforme discute Mendonça (2004, p. 137):

A racionalização do processo produtivo mediante a implementação dos novos sistemas técnicos, através da modernização da agricultura nas áreas de Cerrado, alterou profundamente os modos de vida e as formas de ser dos povos cerradeiros. Mas isso não significou uma passividade diante das mudanças técnicas e tecnológicas, como Santos (1994), deixa transparecer. Ao contrário, constituíram-se várias re-Existências seja nas práticas pedagógicas e nas manifestações sócio-culturais, seja na ação política na luta contra a desterritorialização, na luta pelo acesso a terra e na luta pela reforma agrária.

As palavras do autor ajudam a comprovar – no plano teórico - a tese de que na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, existem muitas formas de resistências, que atravessam o tempo, e fincam no chão valores que suas histórias de vida (modo de vida) não deixam morrer.

Estas considerações corroboram com as discussões sobre território na perspectiva das relações de poder, uma vez, que as resistências vinculam com o entendimento de que “o território é um lugar de relações a partir da apropriação e produção do espaço geográfico, com o uso de energia e informação, assumindo, desta maneira, um novo significado, mas sempre ligado ao controle e à dominação social (SAQUET, 2007, p. 34). O que não significa uma submissão às lógicas impostas pela “racionalidade econômica”.

Os valores e os elementos culturais têm influência na constituição dos territórios, pois estão ligados a dominação social, uma vez que as relações que vão sendo estabelecidas demarcam os lugares e a cultura (MEDEIROS, 2006). O espaço demarcado é apropriado, mercantilizado, estereotipado, qualificado, sinalizado. O território constitui-se na ocupação do lugar e do espaço e é uma necessidade que a sociedade tem para constituir suas relações, conforme afirma Raffestin (1993):

[...] a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. (RAFFESTIN, 1993, p.158).

Além disso, é preciso enfatizar que o espaço, mesmo sob a égide do sistema capitalista tem suas particularidades calcadas nas suas estruturas internas (no contexto da vida dos sujeitos), as quais apresentam trajetórias simbólicas cheias de marcas da tradição. Deste modo, reforça-se a idéia de que “os lugares não têm ‘identidades’ únicas ou singulares: eles são cheios de conflitos internos”, conforme nos diz Massey (2000 p.185).

A força da indústria cultural (DIEGUES, 2001, p.92) que chega nas casas das pessoas através do telefone celular, do rádio, da televisão, Internet e outros meios capazes de impor

costumes, propor facilidades e conseqüentemente modificar os padrões de elementos identitários dentro do território – imerso na paisagem, não elimina costumes tradicionais como: os de fazer sabão; tecer roupas de algodão; comer os frutos típicos do local; realização de rezas aos santos, todos os anos; receber pouso de folia; artesanato para fabricação de objetos como jacá, peneiras e outros; culinária tradicional, etc.

No entanto, para Santos (2003, p. 142) a globalização acaba tendo, direta ou indiretamente, influência sobre todos os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultural, as relações interpessoais e a própria subjetividade. Assim, pode-se inferir, como o autor pontua, que a lógica do sistema, apesar das resistências (conforme foi dito), exerce influência sobre a vida em sociedade.

Mesmo considerando que a globalização exerce influências profundas sobre a vida dos sujeitos e fazendo com que as pessoas busquem novas identidades, levando ao que Bauman (2005) chama de cisão identitária, há um processo de re-existência, que se opõe, mas não deixa de sofrer com as investidas discretas e subjetivas do capital.

As mudanças ocorridas nos últimos duzentos anos, trouxera uma grande quantidade de lemas e dilemas com os quais os seres humanos têm que lidar de agora em diante. Um deles, são os territórios subjetivos, conforme diz Peter Pelbart (2003). Esses emergem do emaranhado de informações e representações acumulados em função – principalmente pelo avanços das técnicas e tecnologias –, sem os quais, certamente, não se teria conseguido encontrar a cura para muitas doenças, a melhora nos sistemas de transporte, a instantaneidade na transmissão de informações por meio da comunicação. Mas afinal, o que significa os territórios subjetivos neste contexto?

Significa uma fragmentação identitária, que no entendimento de Bauman (2005, p. 19): “em nossa época líquida-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados”, ou por outro lado, Pelbart (2003) pontua que o capital alterou a nossa forma de perceber, de morar, de vestir e de falar por intermédio da circulação de elementos simbólicos que comandam e direcionam nossas vidas.

Talvez esse autor esteja falando justamente que a constituição de um território seja o locus onde existe relações. Se existe relações, existe poder. Se assim o for, as circulações de imagens, serviços, conhecimento e informações criam no modo de viver padrões e desejos, os quais, conseqüentemente comandam a vida das pessoas. Ao impor as normas que regem as vontades e estabelecer que se deve consumir grandes quantidades de SUBJETIVIDADE, na forma de: produtos materiais e imateriais.

Nestes termos, o objetivo deste tópico é propor elementos iniciais para investigar as

múltiplas facetas territoriais e identitárias presentes na paisagem da Bacia com fins de subsidiar o entendimento de territórios identitários que resistem às investidas subjetivas do capital, sem, é claro, deixar de serem influenciados por elas uma vez que os territórios identitários consubstanciam para uma

identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta identidade parte do ou transpassa o território. Território que pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, desde aquela de uma paisagem como espaço cotidiano, “vivido”, que “simboliza” uma comunidade.[...] (HAESBAERT, 1999, p. 178-179).

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas apresenta-se como um território de múltiplas identidades territoriais, às quais, precisam ser compreendidas para que se possa desenvolver qualquer atividade de planejamento ou educação no local. Assim, partimos do seguinte pressuposto: são as múltiplas identidades que compõem um território que é o alicerce para qualquer proposta de uma EA transformadora e para a sustentabilidade. Ao dizer isso, afirmamos que a relação entre sujeito e ambiente oferece as premissas básicas para conhecer os sentidos e os significados da prática social e territorial de um dado lugar. Isso porque as diversas facetas deste território são complexas, e têm suas identidades culturais e suas territorialidades multifacetadas, e por isso suas demandas são diferenciadas para se chegar aos objetivos estabelecidos.

Para cada grupo identitário deve-se pensar um tipo de ação em EA a ser implementada – nesta pesquisa focamos nos territórios da cultura tradicional. Tal fato justifica-se, pois as múltiplas territorialidades existentes no espaço geográfico da Bacia do Rio Caldas, bem como, suas identidades têm demandas diferenciadas e cada grupo age no território de acordo com a sua feição social, cultural e, sobretudo econômica. Aqui o objetivo é mostrar a existência desses territórios identitários, que conforme pontua Haesbaerth e Araujo (2007, p. 55):

Com a globalização, não só muitas identidades envolveram-se num movimento mais aberto em termos de novas hibridações, como o próprio espaço e o território passaram a ser construídos de forma muito mais múltipla e complexa. Neste sentido, reconhecemos analiticamente, que a construção de identidades territoriais envolve um movimento que vai da identidade ao território e do território a identidade. Embora na prática estejam sempre articuladas de forma concomitante e indissociável, alguns casos sugerem reconhecer o predomínio de uma direção em relação a outra, sobretudo para enfatizar o papel das representações territoriais nesses contextos.

Os autores enfatizam que o processo de constituição das identidades territoriais caminham no sentido de imposições. Essas imposições trazem aspecto identitário e alteram as estruturas da paisagem espacialmente. De modo que há uma hibridação de elementos que ajudam a

modificar os lugares e as pessoas num determinado lugar.

Sabe-se que as mudanças na ordem da forma espacial, dos conteúdos econômicos e territoriais são mais perceptíveis que as mudanças culturais e da subjetividade. Ainda que há permanência de símbolos que são guardados em valores de sujeitos idosos, em modos de vida, em lugares desconhecidos ou na forma de saberes, as paisagens, de alguma maneira, testemunham essas permanências, por meio da culinária, do trabalho, do modo de falar, do modo de vida. Neste sentido, a paisagem do Rio Caldas guarda consigo, não só formas espaciais diferenciadas, mas também aspectos identitários e territoriais que mantêm relações de proximidades.

A Bacia apresenta muitos usos e funções, tanto no espaço rural quanto no urbano. Estes, por sua vez, são feitos por diferentes grupos identitários, formando assim, múltiplos territórios conforme apresentados nas Figuras 4, 5 e 6. Na figura 4, mostra-se uma lavoura de tomate sendo preparada, esta é empreendida por um proprietário que vive na cidade de Anápolis e sua propriedade está inserida dentro do modo de produção capitalista. Por outro lado, as Figuras 5 e 6 mostram uma família e sua casa, numa propriedade em que os sujeitos buscam manter o modo de vida tradicional, com a criação de galinhas caipiras, gado curraleiro, criação de porcos, etc. Além disso pretendem preservar a casa de adobe. Com isso, a compreensão e os sentidos de cada grupo ajudam a pensar em maneiras de sensibilizar a população acerca das questões ambientais, bem como da necessidade de preservação e conservação de valores culturais e de elemento do ambiente local.

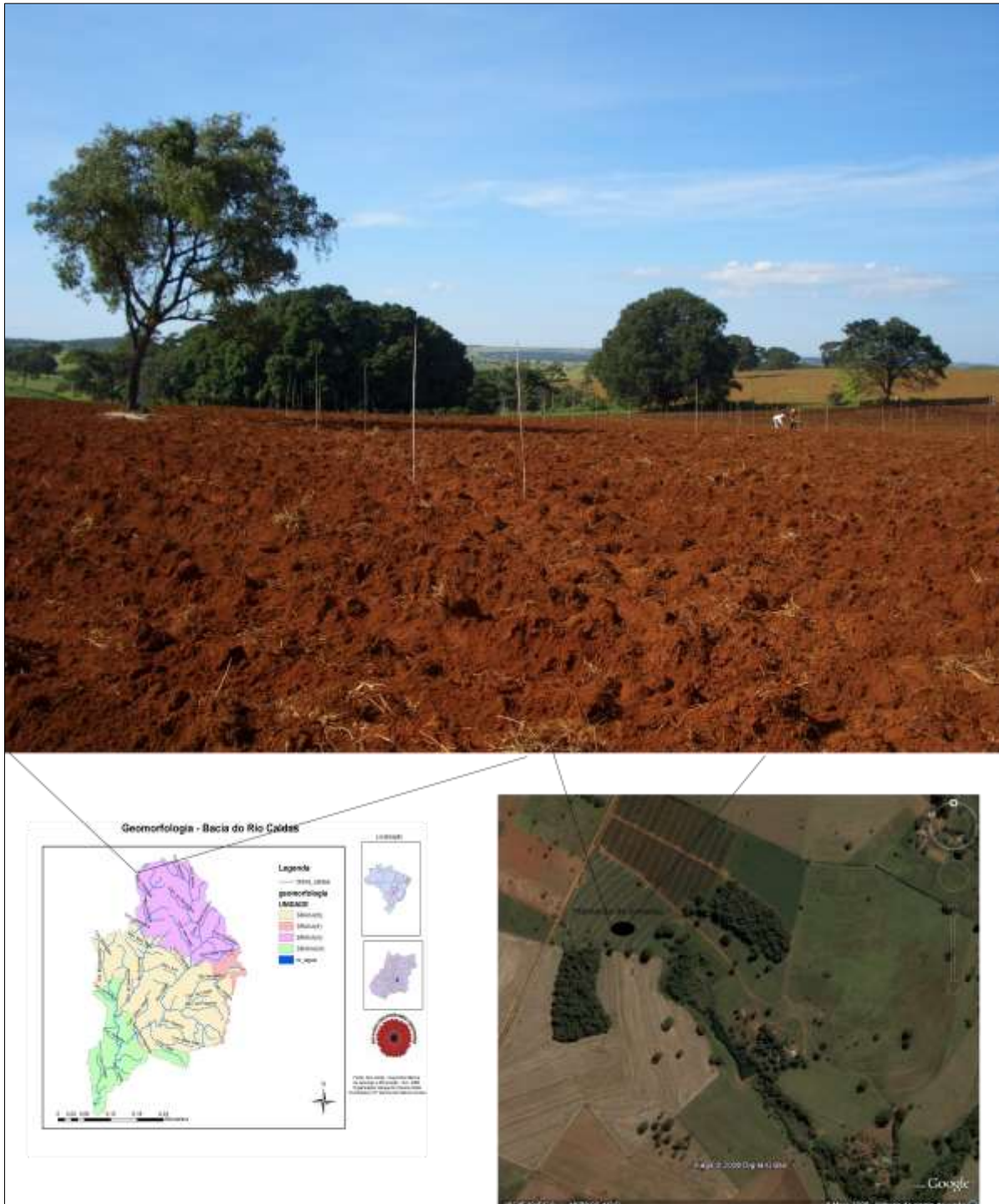


FIGURA 4- Plantação de tomate – Nascente da bacia. Fonte: Oliveira, 2008.

Assim, considera-se que estes territórios apresentam-se através das identidades locais, aqui entendidas, segundo Castells (2002, p.22), como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significados”.



FIGURA 5 – Moradores da Bacia – Próximo ao Rio Caldas – Bonfinópolis – Fonte Oliveira, 2008.



Figura 6 – Casa de um morador – Próximo ao Rio Caldas – Bonfinópolis. Fonte: Oliveira, 2008.

Nas Figuras acima, pode-se perceber a polaridade entre dois territórios identitários – dos quais comentamos. No primeiro caso, o território do agronegócio e a produção de tomate em grandes quantidades; no segundo a casa do Sr. J, sujeito que vive da prática de agricultura familiar,

produzindo para sua subsistência, por meio do modo de vida tradicional.

Então segundo Hall (2001, p. 38) “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Essas concepções, indicam que a lógica do sistema capitalista, é capaz de impôr padrões hegemônicos sobre a identidade e a cultura, porém não é capaz de eliminá-las por completo.

Observamos de um lado, que os sujeitos tentam preservar uma cultura familiar trazida de longos anos, e de outro a chegada novas ordens – oriundas, sobretudo, do sistema capitalista – e junto dele as indústrias e outros aparatos da contemporaneidade que mudam de maneira significativa o seu ambiente. Nesse sentido, o sujeito acaba-se tornando fragmentado, conforme de idéias de Hall (2001) e Bauman (2005), tendo que assumir outras identidades diferentes das que tinha antes.

O fato de que o atributo cultural está presente nos territórios imersos nas paisagens locais é um indicio de sua importância em tempos de globalização e mundialização do capital, pois o seu papel acabou por aumentar seu peso específico, de maneira que suas diferenças no território devem ser consideradas, conforme nos afirma Font e Rufí (2006, p. 202): “as pequenas – ou nem tão pequenas – diferenças que possam apresentar dois espaços, dois lugares, duas cidades, no que se refere a recursos, a infraestruturas, a mercado de trabalho, a paisagem, o patrimônio cultural, ou a qualquer outro aspecto, tornam-se agora significativos”.

Ao consideramos a Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, para propor ações no plano da EA, levamos em consideração as diferenças enfatizadas pelos autores citados, tendo vista, os elementos simbólicos que marcam às paisagens territoriais, bem como as interfaces permeadas pela cultura, política, identidade conforme nos enfatiza Font e Rufí (2006, p. 206):

É precisamente no âmbito nacionalista aquele em que a identidade, o território e a política fundem-se de uma maneira mais clara. De fato, os nacionalismos são um tipo de movimento social e político muito arraigado no território, no lugar, no espaço; são, em grande parte, uma forma territorial de ideologia, ou, se preferirmos, uma ideologia territorial. Os nacionalismos mostram-se hoje como uma das respostas ideológicas melhor adaptadas ao processo de fragmentação territorial gerado pela globalização.

Para reforçar essa idéia, podemos utilizar um exemplo concreto. Ao se observar as lavouras irrigadas, existentes nas porções Norte e Noroeste da Bacia, nos domínios dos municípios de Leopoldo de Bulhões e Silvânia, percebe-se que os interesses diferenciados em relação aos pequenos chacareiros que vivem na porção central da Bacia, no município de Caldazinha (Informações resultantes de trabalho de campo na Bacia). próximos deste local. A base da economia

destes pequenos proprietários é a plantação de hortaliças; criação de galinhas e porcos; também criam algumas cabeças de gado para tirar leite e produzir queijo caseiro.

Os produtores agrícolas, que utilizam da agricultura mecanizada e irrigada com pivôs centrais, tem como atividade principal a produção de grãos para exportação. Forma-se aí territórios marcados por elementos identitários diferenciados com objetivos econômicos e com dinâmicas sociais bastantes diversas e, inclusive, contraditórias.

Este exemplo é um dos motivos pelo qual entende-se que para os múltiplos territórios presentes no espaço geográfico, deve-se adotar estratégias e ações diferenciadas. Para o exemplo que apresentou-se indica-se que: aos proprietários das áreas de agricultura modernizada, deve-se cobrar o cumprimento estrito da lei, e medidas de EA, pautadas na legalidade jurídica.

Por outro lado, os pequenos chacareiros fazem parte de outra face do território, ou seja, eles têm o interesse em manter os recursos hídricos em boa qualidade. Isso porque tanto a vida dos seus animais quanto a irrigação das plantações precisam da água. A empresa vê os canais fluviais como um lugar para depositar os restos oriundos da indústria, ou pelo contrário, utilizar a água nos processos industriais.

Pode-se inferir que o chacareiro requer ações de planejamento e EA com características bem diferentes, uma vez que sua prática de manejo no território é feita com base em seus conhecimentos adquiridos através da experiência – e registrados em suas histórias de vida. Com isso, não se quer dizer aqui que este não degrada ou cometa erros nas suas práticas de manejo. Quer dizer, sim, que as medidas a serem tomadas junto a este sitiante devem levar em consideração sua condição de ação no território. Oferecendo-lhe alternativas que não sejam tão agressivas ao meio ambiente e ao mesmo tempo que possa lhe proporcionar renda.

O exemplo que foi esboçado pode ser enriquecido se falarmos numa escala geográfica maior, envolvendo o urbano no âmbito da bacia. Outros territórios identitários se apresentam, com demandas diferenciadas e complexas. O território neste sentido é complexo e requer que o manejo seja satisfatório a quem o faz, conforme nos diz Monnet (1999, p.111):

Não existe nenhum território em si, só existe um território, para alguém, que pode ser um ator social tanto individual como coletivo (desde a família até o Estado e as organizações supra-nacionais). Entender as condições de manejo territorial supõe, então, entender o território segundo vários tipos de atores geográficos. Neste caso aparece à problemática da relatividade cultural, na medida em que a mesma nação de território, tem uma variabilidade entre as sociedades, no tempo e no espaço. Há também uma relativa dependência da posição sempre cambiante do ator geográfico no sistema de atores sociais. (Tradução do autor)

Conforme já foi pontuado, essa relativa posição do ator social no contexto do território,

em suas ações individuais e coletivas, devem ser bem compreendidas para que as ações dos Estados e Municípios ou de organizações não governamentais sejam efetivas. E com isso os atores sociais num determinado lugar – como no exemplo da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas-, devem estar atentos ao que diz o autor, e levar em consideração as relações de dependência entre todos os envolvidos, bem como a escala de análise, para que não se cometa equívocos ao agir nos territórios presentes na paisagem.

A partir dos exemplos empíricos sobre os diferentes territórios identitários , podemos também exemplificar com outras situações que ocorrem no âmbito da bacia, tais como as relações estabelecidas no plano urbano dentro da unidade de planejamento (Bacia Hidrográfica do Rio Caldas). Vejo o caso da cidade de Senador Cãnedo que está muito próximo do Município de Goiânia, com uma população de 70.820¹³, tendo sua estrutura produtiva baseada, sobretudo na área de serviços conforme informações adiante: 1,57% agropecuária; 13,23 % da indústria; 85,2 % área de serviços.

O município de Senador Canêdo apresenta uma enormidade de problemas ambientais das mais diversas ordens, além de possuir uma grande quantidade de indústrias, depósito de combustíveis; entre outros tipos de empresas que atuam nestes seguimentos. Têm alto índice de criminalidade e já possui vários bairros conturbados com Goiânia. Este fato nos mostra um território com características bem diferentes de outros municípios dentro da Bacia Hidrográfica.

Ao comparar a estrutura produtiva de cidade Caldazinha, a qual possui uma população de 2.859¹⁴, e também está próxima a Goiânia, sua economia e demais atividades tem características um tanto diferente das de Senador Cãnedo. Veja a estrutura produtiva de Caldazinha: 50,56% agropecuária; 5,33% indústria; 44,12% serviços.

Essas diferenças podem ser perfeitamente relevantes em relação à implantação de um programa em EA, capaz de transformar e sensibilizar a comunidade acerca das questões ambientais e culturais, desde que tenha planos e estratégias claras para agir nos diferentes territórios identitários que se configuram dentro desta Bacia Hidrográfica.

Nestes termos, foram apresentados alguns elementos da definição de território que Bonnemaïson (2002, p. 99) traz e com seus exemplos oriundos de seus estudos realizados na Oceania:

As sociedades humanas têm uma concepção diferente de território. Ele não é obrigatoriamente fechado, não é sempre um tecido espacial unido nem induz a um comportamento necessariamente estável. A experiência da Oceania revela que, antes de ser uma fronteira, um território é sobretudo um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários. A etnia se cria e se fortalece pela profundidade de sua ancoragem no solo e pelo grau de correspondência mais ou menos elaborada que mantém com o

13 Seplan, 2007 - <http://www.seplan.go.gov.br/sepin>, acesso em 19 de janeiro de 2008.

14 Idem, 2007.

espaço- que ela divide em áreas, originando uma malha – e polariza de acordo com suas próprias finalidades e representações simbólicas.

Com base na experiência de Bonnemaïson (2002, p. 99), podemos inferir (fazer uma analogia) que os múltiplos territórios existentes na Bacia do Rio Caldas, são portadores de nuances e rugosidades (SANTOS, 1996), tanto nos aspectos econômicos e produtivos, como nos culturais. O que valida a idéia de Bonnemaïson, de que os territórios na concepção dele, são abertos, têm uma multiplicidade de signos que contribuem na sua configuração.

Bonnemaïson (2002), que ao realizar seus estudos, baseava-os sobretudo em elementos como população, campos, habitat, produção, análise das populações, dentre outros. Como o autor teve que passar vários meses em contato com a população daquele local, Ele percebeu que sua estrutura de análise deveria levar em consideração as especificidades cotidianas da população local. Só assim, ele percebeu que as metodologias que estavam utilizando não eram suficientes. Era preciso compreender os aspectos culturais e identitários, pois estes tinham variações e particularidades.

Assim, consideramos, que no caso da Bacia do Rio Caldas, o trabalho proposto deve seguir no mesmo itinerário ou seja levar em consideração a multiplicidade de signos presentes na Bacia do Caldas. Está claro que a concepção de território que estamos trazendo para a discussão deste tema não limita aos espaços traçados e mapeados pelos órgãos estatais, e sim, a concepção que apresentamos por intermédio de autores como Santos (2004), Muñoz (2006), (HAESBAERT, 1999), (SAQUET, 2007) , de que o território é histórico, híbrido e tem uma relação estreita com as temporalidades.

Sobre a discussão que se coloca, é necessário conceituar identidade territoriais ou territórios identitários, para que as análises das histórias de vida dos sujeitos pesquisados não fiquem soltas e sem ligação com os embricamentos e proposições da pesquisa. Assim, para Haesbeart (2007) constituem-se das relações do passado, da memória e da imaginação. O que reforça o acerto na utilização do método de história de vida para coleta e interpretação referentes aos sujeitos pesquisados.

Haesbert (2007, p.36-37), os territórios e identidades podem ser entendidas da seguinte maneira:

No que estamos denominando de identidade territoriais, escolhem-se(ou, concomitantemente, reconstróem-se) espaços e tempos, geografias e histórias para moldar uma identidade, de modo que os habitantes de um determinado território se reconheça, de alguma forma, como participantes de um espaço ou de uma sociedade comuns.[...]

Assim, pode-se dizer, que os territórios identitários presentes na Bacia, estão relacionados, sobretudo, com os aspectos imateriais da cultura e os territoriais, principalmente em

relação as tipologias espaciais da paisagem – ou os lugares. A relação entre cultura, território e paisagem perpassam pelas diferenciações socioespaciais e emerge, sobretudo da cultura, conforme diz Bonnemaïson (2002, p. 86): “a cultura é rica de significados porque é tida com um tipo de resposta, no plano ideológico e espiritual, ao problema do existir coletivamente num determinado ambiente natural, num espaço e numa conjuntura histórica e econômica colocada em causa a cada geração”

Haesbert (1999, p.180), ao reportar sobre a temática comenta o seguinte:

[...] correspondendo ao mesmo tempo a uma característica geral da identidade, é que ela recorre à uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência “condense” a memória do grupo, tal como ocorre deliberadamente nos monumentos históricos nacionais. A (re) construção imaginária da identidade envolve portanto uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade.

Essas considerações sobre territórios e identidades serão tomadas como referência para a análise da história de vida dos sujeitos pesquisados no âmbito da Bacia, como também, discutidos no terceiro capítulo deste trabalho.

Apresentaremos no próximo capítulo uma interpretação (diagnóstico) qualitativo da Bacia, considerando os aspectos populacionais e os elementos culturais existentes no territórios identitários da cultura tradicional.

3 AS MÚLTIPLAS PAISAGENS DA BACIA DO RIO CALDAS: SUJEITOS, MATERIALIDADES, IMATERIALIDADES E MORFOLOGIAS ESPACIAIS

O presente capítulo tem como objetivo apresentar os elementos demográficos de modo estrutural, por meio da interpretação da diferenciação espacial (SANTOS, 2004) entre os municípios que compõem a Bacia do Rio Caldas e os aspectos qualitativos da cultura tradicional. A reflexão que segue encarregar-se-á de contextualizar espacialmente o objeto da pesquisa, fundado na relação entre atividades econômicas preponderantes dos municípios e o seu impacto nos modos de vida locais.

Optou em unir componentes quantitativos com dados da estrutura demográfica com componentes qualitativos por meio de observações de campo e análise de fotografias. Acrescentam-se a estas características, as coletas de depoimentos dos sujeitos envolvidos na realidade espacial considerada.

Também, procurou-se mostrar aspectos das práticas de agricultura existentes nas bacias integradas ao conceito de pressão espacial (SANTOS, 2004) aliado com a estrutura demográfica.

3.1 A ESTRUTURA DEMOGRÁFICA DA BACIA DO RIO CALDAS: INDICADORES, FATORES E CAUSAS ¹⁵

Partimos do pressuposto de que a realidade espacial que integra numa mesma perspectiva as relações entre sociedade e natureza está vinculada à estrutura demográfica. Santos (1982) compreende esse processo assegurando que o ser humano é um elemento do espaço. São os atributos sociais, como o modo de vida, tipos de uso que faz da terra, intencionalidades, relações de poder, ocupação que geram ou não pressão sobre o ambiente.

Ao refletir, dessa maneira, deve-se perguntar: como a estrutura demográfica da Bacia do Rio Caldas se apresenta, como se deu a sua evolução, quais as suas diferenças, que singularidade demográfica relativa ao território goiano, essa Bacia possui?

Observamos que as mudanças ocorridas na paisagem da Bacia nos últimos anos é a expressão de inúmeros fatores. Dentre eles destacamos o êxodo rural que empurrou grandes quantidades de pessoas para as áreas urbanas (MANÇANO, 2004). A partir do processo migratório, houve uma crescente demanda por ocupação, resultante das diversas mudanças ocorridas na agricultura e pecuária com o advento da modernização e das técnicas.

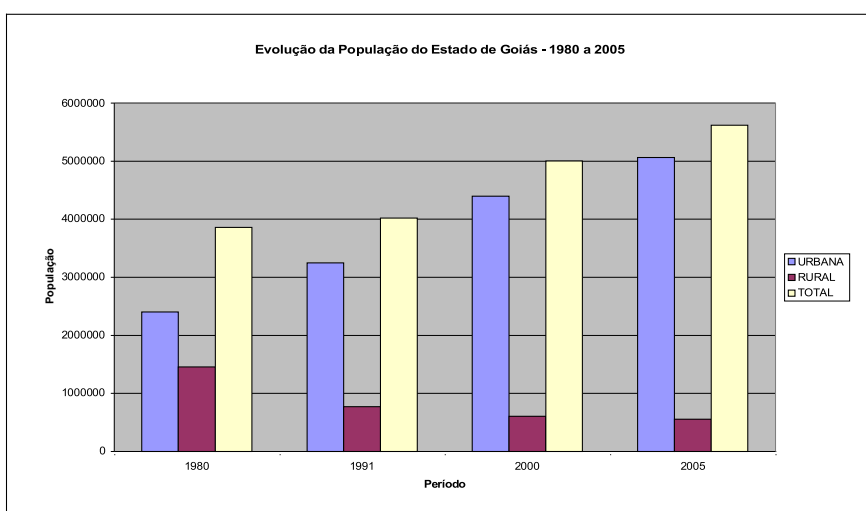
Destes processos, um deve ser enfatizado: aumenta-se a concentração de pessoas nas

¹⁵ A discussão sobre os aspectos demográficos foi sugerida pelo professor Alex Ratts na qualificação deste trabalho.

áreas urbanizadas do território goiano (ALMEIDA, O. F. R, 2002), (DEUS, 2002). A Bacia do Rio Caldas representa o epicentro desse processo, uma vez que engloba uma parte mais urbanizada de Goiás. O que pode ser constatado em Santos e Silveira (2004, p. 199) “na região Centro-Oeste, as escassas densidades da população decorrem de um uso do território que não exige uma numerosa população rural, graças aos acréscimos da ciência, tecnologia e informação”. A situação narrada pelos autores mudou consideravelmente.

Ao se observar o comportamento da população no âmbito da Bacia de 1980 até 2005 (Gráfico 1), corroboram para um aspecto das transformações espaciais ocorridas, no Brasil: aumento da população urbana e diminuição significativa da população Rural.

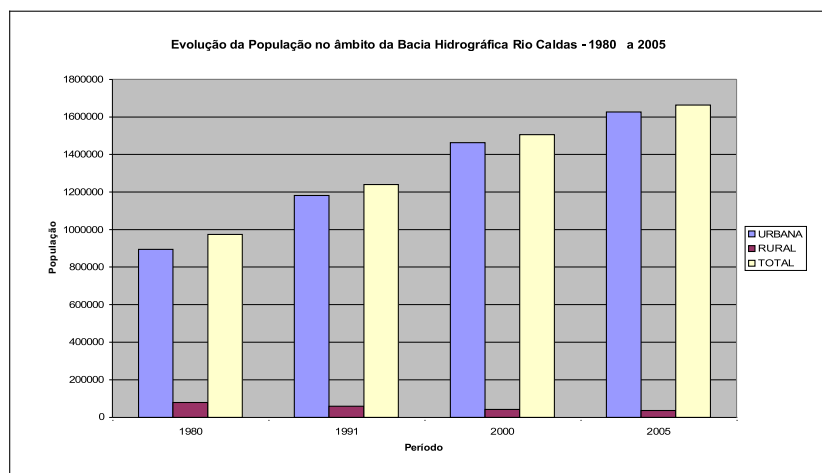
Gráfico 1



	1980	1991	2000	2005
Urbana	2.401.098	3.247.098	4.396.645	5.064.626
Rural	1.459.076	771.227	606.583	555.291
Total	3.860.174	4.018.903	5.003.228	5.619.917

Fonte: Anuário estatísticos de Goiás, 1980, 1991, 2000 e 2005.

Gráfico 2



	1980	1991	2000	2005
Urbana	894.730	1.181.168	1.463.270	1.625.927
Rural	79.675	58.671	42.208	37.502
Total	974.405	1.239.839	1.505.478	1.663.429

Fonte: Anuário Estatístico de Goiás – 1980, 1991, 2000 e 2005(estimativa)

Ao analisar os dados apresentados nos gráficos referentes a população de Goiás(Gráfico 2) e da Bacia, constata-se que a população Urbana da bacia aumentou 55,03% de 1980 para 2005, enquanto que a população rural neste mesmo período teve um decréscimo de 47,07%. Se comparado com Goiás, a diminuição da população rural foi menor, 38,06% e a urbana teve aumento de 47,41%. Tal fato pode ser explicado, pois a bacia está próxima a capital do Estado, e o município de Goiânia tem uma parte do seu território na bacia. Os dados constantes no Quadro 1 que apresenta a instalação dos Municípios e os Quadros 2,3,4 e 5 ajudam a compreender mais detalhadamente esse fato.

Quadro 1 – Instalação e fundação dos municípios da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas

MUNICÍPIO	INSTALAÇÃO	MUNICÍPIO	INSTALAÇÃO
Anápolis	1887	Goianápolis	1958
Bonfinópolis	1989	Goiânia	1935
Bela Vista de Goiás	1896	Leopoldo de Bulhões	1948
Caldazinha	1993	Senador Canedo	1989
Silvânia	1833	Teresópolis de Goiás	1993

Quadro 2 – Dados população da Bacia 1980

MUNICÍPIO	URBANA	RURAL	TOTAL
Anápolis	163.096	16.916	180.012
Bonfinópolis	-	-	-
Bela Vista de Goiás	6.010	11.245	17.255
Caldazinha	-	-	-
Goianápolis	2.785	4.784	7.569
Goiânia	703.640	13.879	717.519
Leopoldo de Bulhões	4.181	4.155	7.376
Senador Canedo	8.753	15.152	8.336
Silvânia	6.265	13.544	19.809
Teresópolis de Goiás	-	-	-
Totais	894.730	79.675	957.876

Quadro 3 – Dados população da Bacia 1991

MUNICÍPIO	URBANA	RURAL	TOTAL
Anápolis	226.926	12.453	239.378
Bonfinópolis	2.743	581	3.324
Bela Vista de Goiás	9.206	6.079	15.285
Caldazinha	446	1585	2031
Goianápolis	6.102	802	6.904
Goiânia	912.189	7.634	919.823
Leopoldo de Bulhões	4.103	3.273	7.376
Senador Canedo	8.753	15.152	23.905
Silvânia	8.208	9.792	18.000
Teresópolis de Goiás	2.492	1.320	3.812
Totais	1.181.168	58.671	1.239.838

Quadro 4 – Dados população da Bacia 2000

MUNICÍPIO	URBANA	RURAL	TOTAL
Anápolis	280.164	7.921	288.085
Bonfinópolis	4.908	445	5.353
Bela Vista de Goiás	12.278	6.932	19.210
Caldazinha	1.194	1.665	2.859
Goianápolis	9.805	866	10.671
Goiânia	1.085.806	7.201	1.093.007
Leopoldo de Bulhões	4.704	3.062	7.766
Senador Canedo	50.442	2.663	53.442
Silvânia	10.353	9.986	20.339
Teresópolis de Goiás	3.616	1.467	5.083
Totais	1.463.270	42.208	1.505.815

Quadro 5 – Dados população da Bacia 2005

MUNICÍPIO	URBANA	RURAL	TOTAL
Anápolis	311.123	2.289	313.412
Bonfinópolis	6.340	284	6.624
Bela Vista de Goiás	15.106	6.505	21.611
Caldazinha	1.878	1.557	3.435
Goianápolis	11.843	982	1.2825
Goiânia	1.192.031	8.975	1.201.006
Leopoldo de Bulhões	5.351	2.659	8.010
Senador Canedo	68.829	2.570	71.399
Silvânia	9.989	9.033	19022
Teresópolis de Goiás	3.437	2.648	6.085
Totais	1.625.927	37.502	1.663.429

Fonte: Anuário estatístico do Estado de Goiás (Quadro 1 ao 5)

Ao se observar os quadros 1, 2, 3, 4 e 5, percebemos que parte dos municípios foram criados no final da década de 1980 e início da década de 1990 do século XX, são eles: Bonfinópolis, Caldazinha, Senador Canedo e Teresópolis de Goiás. Desses apenas os municípios de Caldazinha e Bonfinópolis têm toda sua área dentro da Bacia.

Ao se verificarmos os dados dos municípios constatamos que de 1991 em diante apenas Teresópolis teve um aumento considerável de sua população na área rural, que aumentou 100% nesses 17 anos. De 2000 até 2005, a população rural, teve um pequeno declínio, mas manteve-se significativa. A população urbana, por sua vez, aumentou ainda mais, entorno de 144%. Esta constatação remete a um fato que caracteriza a criação de um município: a atração de migrantes que chegam em busca de trabalho.

O caso de Teresópolis não se repete nos demais municípios. Em trabalho de campo realizado no âmbito da Bacia, fez-se questionamentos a diversos moradores sobre o motivos pelos quais a maioria da população muda das áreas rurais para a cidade. As respostas caminharam para uma constatação bastante discutida em autores que estudam a questão agrária (CHAVEIRO; CALAÇA, 2008), (MENDONÇA, 2004), (PEIXINHO, 2004), ou seja, as suas representações garantem que migraram da zona rural para os centros urbanos “para miorá de vida”.

A interpretação do processo migratório é uma das chaves mais usadas por geógrafos que estudam o território brasileiro. Mançano (2006), nos apresenta que 30 milhões de pessoas migraram do campo para as cidades entre as décadas de 1960 – 1980, sendo 16 milhões somente entre 1960 e 1970. Esse processo de transformação nas sociedades modernas durou pelo menos 300 anos na Inglaterra e 200 nos Estados Unidos. Os impactos sociais foram a extrema concentração urbana em pouco tempo, o que fez resultar, posteriormente, no desemprego e na violência nas cidades.

Os dados e informações sobre a população no âmbito da Bacia reforçam a tese da urbanização acelerada e confirma a justificativa e o motivo pelo qual os filhos dos moradores da Bacia mudassem do campo para a cidade. No caso do município de Teresópolis de Goiás a urbanização no ano de 1996 foi de 80,46%, já em 2000 houve um decréscimo para 70,14%. Estes dados mostram apenas um dos aspectos da diferenciação espacial na Bacia e reforçam a tese de que esta diferenciação é importante quando se pensa num plano para se desenvolver ações em EA.

Todos os municípios da Bacia apresentaram crescimento populacional significativos, com as conseqüentes altas taxas de urbanização. A população rural diminuiu em nove deles, apenas um teve aumento de 1991 até os dias atuais - Teresópolis. A interpretação da estrutura demográfica da Bacia em foco atesta que se trata de uma realidade urbana, todavia formada com sujeitos de origem camponesa.

Tal fato indica que além das causas da migração – a modernização conservadora –, a

espacialização dos migrantes de maneira diferenciada no espaço, indica que o fenômeno possui um cunho identitário, uma vez que o migrante não desfaz de sua cultura apenas pelo deslocamento espacial. Mas, no novo espaço – urbano – ele é obrigado a apropriar-se dos novos signos (BOSI, 1992). Aqui a vivência do espaço envolve a cultura; e essa gera identidade ao território – premissa fundamental para a EA.

A interpretação das informações relatadas por meio das taxa de crescimento geométrico, apresentadas no Gráfico 3, ajuda a compreender as reflexões feitas, como também potencializa a análise que propomos fazer neste trabalho.

Gráfico 3

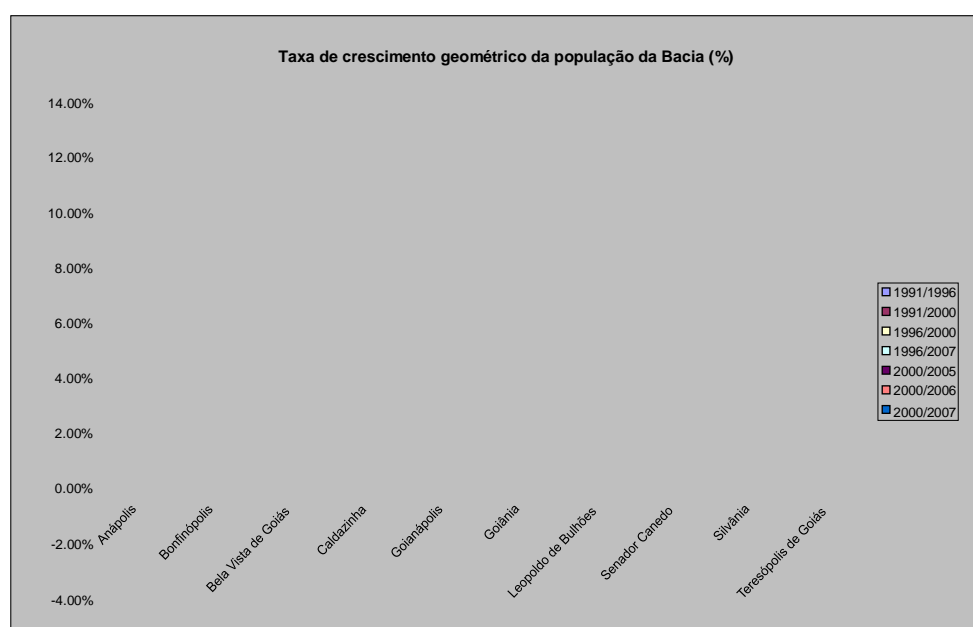


Tabela 1- Taxa de crescimento geométrico em porcentagem (%) –

MUNICÍPIO	1991/1996	1991/2000	1996/2000	1996/2007	2000/2005	2000/2006	2000/2007
Anápolis	2.05%	2.08%	2.11%	1.89%	1.70%	1.70%	1.76%
Bonfinópolis	5.30%	5.44%	5.61%	4.17%	4.35%	4.20%	3.35%
Bela Vista de Goiás	0.54%	1.16%	1.94%	1.35%	2.38%	2.32%	1.01%
Caldazinha	5.30%	5.44%	5.61%	4.17%	4.35%	4.20%	3.35%
Goianápolis	-1.00%	-0.05%	1.16%	0.83%	3.75%	3.62%	0.64%
Goiânia	1.67%	1.91%	2.20%	1.98%	1.90%	1.85%	1.87%
Leopoldo de Bulhões	1.03%	0.57%	0.01%	1.27%	0.62%	0.61%	1.99%
Senador Canedo	13.11%	9.27%	4.66%	4.33%	6.10%	5.85%	4.14%
Silvânia	0.83%	1.37%	2.04%	-0.19%	-1.33%	-0.91%	-1.44%
Teresópolis de Goiás	0.00%	0.00%	3.54%	2.35%	3.66%	3.55%	1.45%

Fonte: Anuário estatístico de Goiás, 2007.

Observando o crescimento geométrico no Gráfico 3 e Tabela 1 sobre a população da Bacia, observamos que ele teve algumas variações; entretanto, os maiores índices apresentados encontram-se no município de Senador Canedo, que entre 1991 a 2006 cresceu 13,11%. Esse crescimento vertiginoso demonstra outro fato que contribui para a compreensão das diferenciações das paisagens do Rio Caldas: o crescimento de Goiânia ultrapassa as fronteiras do município e remete os migrantes para os municípios mais próximos, criando zonas esparsas, territórios do “NEMs”, fragmentando os municípios e criando o fenômeno denominado “novo em ruínas” (MAIA, L., 2008).

O crescimento de Senador Canedo à reboque do crescimento de Goiânia, interfere não apenas na morfologia urbana; mas, nos conteúdos da Bacia e de seus recursos naturais, especialmente com novas funções do solo. Acrescenta-se a isso, o aumento da demanda por água e por outros serviços. Principalmente aqueles relacionados com às áreas de lazer.

Vale registrar que um município mais distante de Goiânia – como é o caso de Silvânia – que devido à condição de seu relevo, e ao conceder o seu território à monocultura comercial, expulsa a sua população para outras localidades, apresentando crescimento atual negativo. Ora, há município que se inclui entre os que mais crescem no Brasil, com função de abrigar os proletários urbanos, como é o caso de Senador Canedo; e há município que perde população porque a atividade econômica baseada na técnica de ponta dispensa a mão-de-obra.

Como se viu, a realidade demográfica da Bacia não está relacionada com o crescimento vegetativo, mas principalmente, com os processos migratórios advindos da nova situação da Região Centro-Oeste na economia nacional; e com o contexto espacial dos municípios que compõem a bacia diante das mudanças de Goiás. Trata-se, pois, de uma identidade espacial mediada por escalas que, juntando demografia e economia, esta com a estrutura físico-territorial e localização, responsabilizam-se por mostrar situações de pressões sobre o território, conforme o croqui representado pela Figura 7, em que pontua as forças que a Bacia sofre:

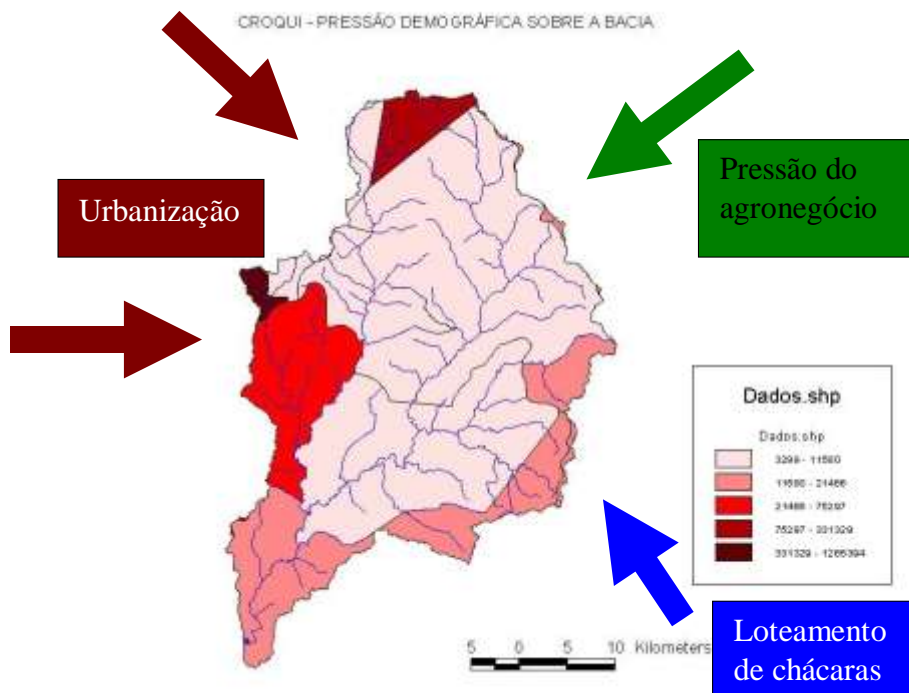


Figura 7 – Pressão sobre a Bacia

A pressão do agronegócio presentes em Silvânia, a pressão urbana, ocasionada por Senador Canedo e a situação do relevo de Bonfinópolis, que impede, por hora, o agronegócio e a explosão demográfica advinda de Goiânia, estrutura as paisagens da bacia conforme o seu espaço. Estes aspectos serão abordados a seguir.

3.1.1 As “pressões” que sufocam: o agronegócio, a mercantilização do cerrado e a urbanização

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas passa por um processo de tensão. Por um lado, as forças do agronegócio avançam dos municípios de Leopoldo de Bulhões, Anápolis, Goianópolis e Silvânia – no sentido noroeste, norte para sul e sudoeste – para o centro da Bacia. O avanço é visível quando se observa as tendências de ocupação nesses municípios, como, também, ao observar as paisagens – por meio dos trabalhos de campo e observações –, verifica-se que há a presença de lavouras de soja, milho, tomate, fazendas de criação de gado de corte, gado leiteiro, granjas, confinamentos em detrimento da produção da agricultura familiar.

Esse processo reduz a quantidade de propriedades que praticam a agricultura nos

moldes tradicionais; bem como, propicia uma diminuição na quantidade de pequenas propriedades, em detrimento das grandes fazendas, que utilizam a gestão empresarial para administrar atividades do agronegócio. A Figura 8 testemunha as reflexões feitas:



Figura 8 – Lavoura de soja – Limite entre os municípios de Anápolis e Leopoldo de Bulhões - Oliveira (2008).

Aos se observar a Figuras 8, constatamos a presença de uma lavoura de soja nos limites entre os municípios de Leopoldo de Bulhões e Anápolis. Esta atividade demonstra uma tendência de uso do solo bastante presente nas porções noroeste e norte da Bacia. Trata-se de um tipo de produto agrícola, a soja, que chegou ao cerrado em meados da década de 1960 com o advento da chamada Revolução Verde (SIEBEN, 2006), e que se tornou importante para a economia goiana.

As observações realizadas durante o trabalho de campo, bem como os relatos de pessoas do lugar, demonstram que a produção de soja, milho e de outros produtos agrícolas, dentro da lógica do agronegócio, constitui-se numa tendência de transformação territorial no campo (SANTOS, 2008). Tal tendência, favorece o aumento no Valor da propriedade da terra e, também, a concentração fundiária. Mas junto com o agronegócio, a bacia é utilizada por outras atividades que se sustentam pela demanda de Goiânia conforme Figura 9.



Figura 9 – Plantação de tomate – Goianópolis – Oliveira(2008).

Na Figura 9, verificamos outro tipo de produção presente na Bacia, que são as plantações de tomate, que assim, como a soja, utilizam-se de grandes quantidades de produtos agroquímicos para a obtenção de bons resultados na produção. Por outro lado, também é altamente impactante ao ambiente. A produção de tomate, ao contrário da soja e do milho, que utilizam maquinaria no processo produtivo (plantio, manutenção, cobertura e colheita), precisa de um grande número de trabalhadores, favorecendo os fluxos de trabalhadores rurais, os chamados “bóias-frias”, que trabalham nas colheitas e na preparação e manutenção dessas plantações. Normalmente, esta mão-de-obra vem das áreas urbanas dos municípios próximos ou de outros locais, como os Estados do Nordeste (CHAVEIRO; CALAÇA, 2008). São, comumente, pessoas pouco qualificadas, que se submetem a um trabalho pesado, sem condições adequadas e são mal remunerados. Isso favorece um processo demográfico dinâmico, nos locais da Bacia, onde ocorre tal atividade econômica.

A cidade de Goianópolis¹⁶ que, inicialmente tinha em sua base econômica a criação de suínos e as plantações de arroz, milho e café, passou a produzir tomates em função da grande quantidade de água disponível para irrigar as lavouras, e também, pela declividade do relevo, que é suavemente ondulada. Estes cultivos apresentam boa produtividade pela utilização de técnicas de manejo modernas, as quais foram responsáveis por levar o município de Goianópolis a ser conhecido nacionalmente como a “capital do tomate” devido à sua alta produção.

16 Pequena cidade cujo topônimo foi retirado dos nomes Goiânia e Anápolis, vive basicamente da produção do tomate que ali é tradicional.

Esta atividade é marcante, não só em Goianópolis, como, também, nos municípios de Anápolis, Terezópolis de Goiás, Leopoldo de Bulhões e Silvânia, nas áreas que fazem parte da Bacia. Também como ocorre em Leopoldo de Bulhões, a área da Bacia dentro do município de Silvânia também tem como atividades econômicas predominantes a agricultura e a pecuária. Dentre os produtos que se destacam, encontram-se: tomate, soja, feijão, mandioca, milho, arroz, leite, carnes bovina e suína, ovos, etc.

A pecuária intensiva também ocorre nas áreas da Bacia vinculadas aos municípios citados anteriormente, e consiste no confinamento e engorda de bovinos, como também, na criação de gado de corte, na produção de leite, etc.

Estes exemplos de usos de solo, os quais têm relevância na área citada, constituem-se no fator que tenciona a Bacia na direção noroeste, sul e sudoeste. A tal processo de tensão, atribui-se aqui como responsável às atividades do agronegócio que, por sua vez, utilizam-se de inúmeros mecanismos de apropriação territorial, como a agricultura e pecuária mecanizadas, etc. Ambos pressionam a Bacia, através dos usos citados, de maneira a colocá-la numa situação ambiental delicada.

Tal fato ocorre porque boa parte das nascentes encontra-se na porção norte e noroeste da Bacia, onde é necessário enfatizar que existem 57 nascentes perenes. A verificação de todas nascentes não foi possível durante a realização desta pesquisa. Esta constatação reforça a coação ambiental, a qual é impulsionada, sobretudo, pelo sistema produtivo e o modo como maneja, usa e ocupa a terra.

Os locais da Bacia inseridos nos municípios citados, conforme mapa de uso – figura 10, apresentam-se como áreas de “cultura anual e agricultura” e correspondem à uma considerável quantidade de terra da Bacia. Vale dizer que, na legenda do mapa em que aparece “agricultura”, também ocorrem outras atividades ligadas à pecuária. Entretanto, em função da escala, não foi possível a espacialização destas atividades no mapa.

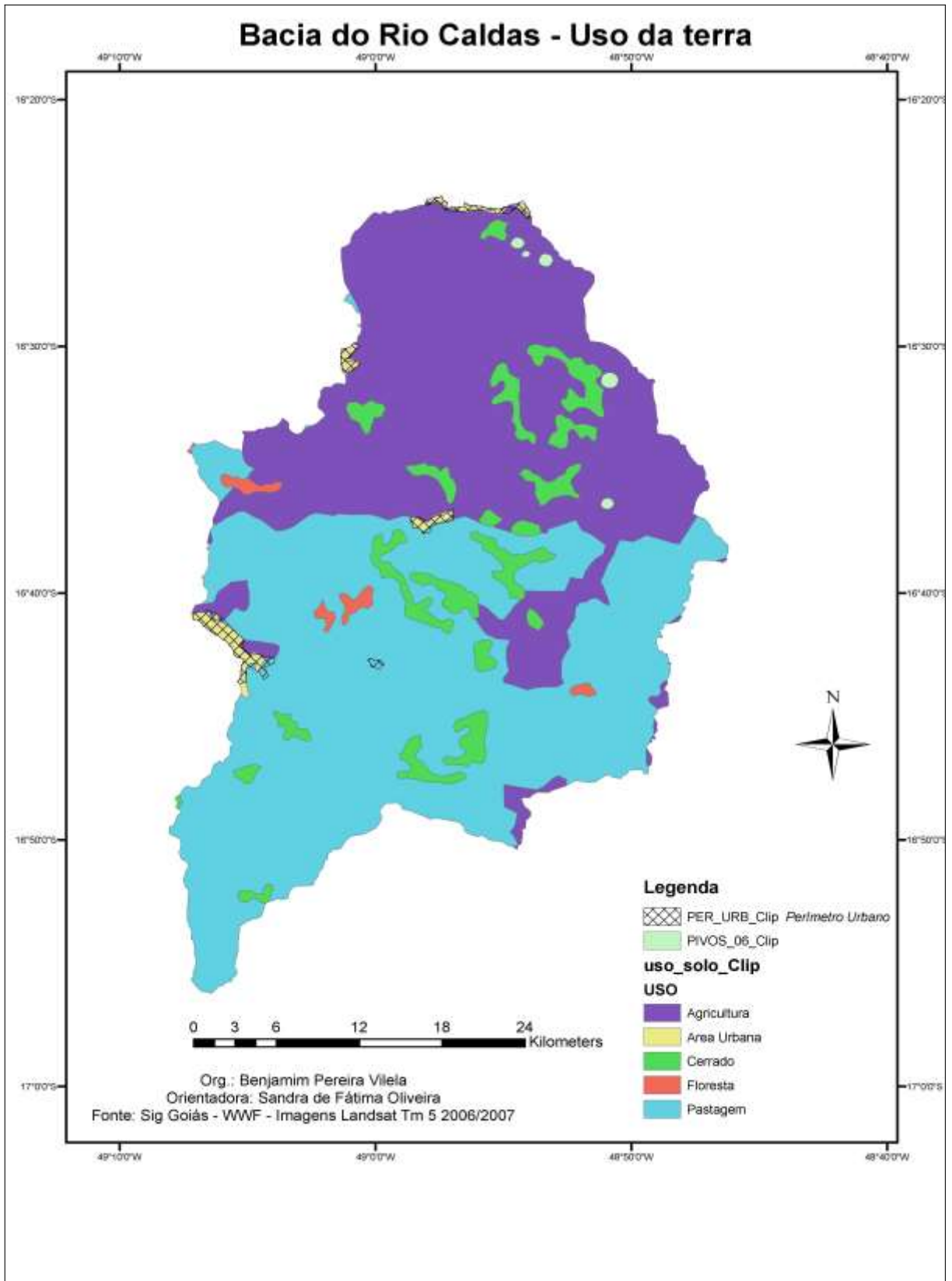


Figura 10 - Uso do solo – Bacia Hidrográfica do Rio Caldas – Fonte Sig Goiás – WWF – Imagens Landsat Tm 2006/2008 – Organização Vilela (2008)

As legendas, apresentadas no mapa, ajudam a reforçar a idéia de que a pressão exercida sobre a Bacia favorece os processos de modificações territoriais; os quais, sufocam propriedades que ainda mantêm práticas e modos de vida tradicionais. Estas propriedades estão localizadas nas áreas representadas no mapa como pastagens e estão situadas nas porções centrais e sul da bacia. Tal ocupação ocorre, sobretudo, pelas condições do relevo nesta porção, por ser irregular e com fortes declividades.

A representação espacial dos usos possibilita a inferência da tese de que a Bacia sofre uma forte “pressão” do agronegócio, nas porções noroeste e norte. Assim, as atividades econômicas são responsáveis por transformar os territórios e modificar as suas estruturas econômica, social e cultural pela via de um modelo econômico concentrador de terras e responsável pela atração de grande quantidade de mão-de-obra desqualificada.

O modelado do relevo na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, quando visto em perspectiva das cotas mais altas, possibilita visualizar claramente o vale onde se encaixam os cursos do Rio Caldas e do Ribeirão Sozinha. Esse modelado, principalmente na porção do chamado “planalto rebaixado de Goiânia”, localizado na porção centro-meridional da Bacia, apresenta extenso rebaixamento com fortes dissecções. Nesta porção, há um processo de alternância abrupta na declividade e tal situação dificulta o uso – principalmente quando se refere à agricultura mecanizada.

Nas porções centrais da Bacia e na sua foz com o Rio Meia Ponte, entre os municípios de Caldazinha, Bela Vista de Goiás, Senador Canedo e Bonfinópolis, ocorre um processo de apropriação territorial, que emana de variados usos: uma quantidade significativa de sujeitos que sobrevive mantendo práticas tradicionais, por meio da pecuária e agricultura, baseadas no jeito simples de cultivar a terra e tirar o sustento, seja pela roças-de-tôco¹⁷, ordenha manual de leite, seja pela produção artesanal de farinha, rapadura, entre outros.

As propriedades na porção central e na foz caracterizam-se por áreas de até 100 hectares, as quais possuem como atividades a criação de gado, de porcos, de galinhas e as lavouras para subsistência. E, ainda, pela presença considerável de remanescentes de Cerrado preservados.

Essas propriedades, principalmente aquelas com maior quantidade de áreas de

¹⁷ Roça de toco, terra destocada, feita pela derrubada das árvores e queima de coivaras, foi tema recorrente na literatura regional de Goiás, com autores como Bernardo Élis e Hugo de Carvalho Ramos.

Cerrado, são alvos da especulação imobiliária urbana, que vêem nestas áreas um nicho de negócio interessante e lucrativo. Há, assim, a “comercialização do Cerrado” na forma de pequenas chácaras de recreio, com talhões de aproximadamente 5 mil metros quadrados. Essa mercantilização da natureza pode ser ilustrada pelas inúmeras propagandas, expostas na Rodovia GO-020, nas quais incentiva-se os moradores urbanos a comprarem esses “pedaços de terra”.

O loteamento das propriedades, para a criação dos condomínios de chácaras, tem um significado econômico, pois valoriza as terras e cria infra-estrutura na região. O Condomínio Village Recanto da Mata – município de Bela Vista – colocou uma cerca de 5 metros de altura numa área de 15 alqueires de cerrado preservado, e fez um traçado (arruamento asfaltado) dentro dessa área, bem como asfaltou a entrada, que fica a 8 quilômetros da Rodovia GO-020. Essa infra-estrutura modifica não só o local, como, também, cria realidades diferenciadas com as propriedades limítrofes.

O imaginário de boa parte dos proprietários “vê com bons olhos” esses condomínios, pois valorizam as suas fazendas, trazem o asfalto e outros benefícios como sistema de telefonia, energia elétrica. Entretanto, as divisões das terras para a venda sem o devido cercamento e organização apresentam opiniões diversificadas. Para alguns, conforme depoimentos colhidos em campo, o aumento das chácaras propicia arruaças, barulho, além de atrair ladrões. Outra parte dos proprietários é favorável ao processo, justamente pelas possibilidades de ganhos, através da comercialização de produtos com os novos proprietários, como também pela valorização do local.

Destaca-se também, de acordo com depoimentos de campo, que o Cerrado e as águas do Rio Caldas e seus afluentes passaram a ser um “objeto” de cobiça e símbolo de consciência ambiental. As empresas imobiliárias que loteiam essas áreas na Bacia utilizam o discurso do “ambientalmente correto” e também da qualidade de vida para conseguirem seduzir os interessados em comprar terras naquela região.

As propagandas tentam induzir os compradores de que irão fazer o “retorno à natureza” ao adquirir uma chácara em local com abundância de áreas verdes e muita água. Mas, ao contrário, propicia outra situação: o aumento na ocupação dessas áreas com grandes quantidades de pessoas. Esse crescimento na fragmentação territorial favorece o rareamento

das microfaunas, aumento na quantidade de lixo jogado próximo ao curso d'água, aumento no desmanamento para construção de moradias.



Figura 11 – GO 020 – Entre Goiânia e Belea Vista- Faixa de propaganda – Vilela (2008).



Figura 12 – Loteamento de Chácara – Village Recanto da Mata – Mun. Bela Vista – Vilela (2008)

Na figura 12, a faixa mostra o chamariz utilizado para despertar o interesse dos pretensos compradores. O anúncio cita elementos naturais que servem de estímulo para que o futuro morador possa adquirir água e mata (Cerrado) em grande quantidade. Estes atributos constituem-se num fator que favorece o processo para as mudanças territoriais no âmbito da Bacia.

Essa perspectiva encontra-se numa tendência largamente divulgada pela grande mídia, que é de preservar e valorar o ambiente. Entretanto, tal modalidade de ocupação é

contrária a tais princípios ecológicos, pois favorece a fragmentação da área, e a construção de casas; o que conseqüentemente, propicia alterações no equilíbrio ecológico do local, bem como na desestruturação nos sistemas ecológicos.

Tais usos constituem-se num aspecto determinante na alteração das estruturas, dada a sua proximidade com cidades com alta concentração populacional como Goiânia, Anápolis e Aparecida de Goiânia¹⁸. Como foi dito a Bacia abriga, hoje, um crescente negócio ligado à venda de pequenas chácaras para sítios de recreio. Tal prática cria novas espacialidades do território em pequenas propriedades e desencadeia um processo de mercantilização do cerrado, uma vez que o comprador busca áreas com vegetação preservada.

Esse processo é contraditório e controverso, pois coloca as áreas apropriadas em constantes tensões, que são motivadas pelas visitas de final de semana sempre acompanhadas de festas e pelo manejo de uma enormidade de resíduos. Os quais, normalmente, recebem destino incorreto, causando impactos ambientais.

A utilização das áreas preservadas da Bacia com a finalidade de se tornar área de lazer, nos finais de semana para famílias abastadas, caracteriza-se por atrativo para descontração familiar, que se constitui numa nova forma de consumo - a natureza como um produto.

As novas demandas de ocupação territorial, que surgem em função dos múltiplos e complexos usos que emanam das áreas urbanas: pesque-pague; haras para criação de cavalos de raça; construção de clubes; chácaras para realização de festas; expansão de loteamentos, entre outros, além de criar diferentes paisagens com conteúdos sociais igualmente diferenciados, alteram a dinâmica da gestão dos municípios que, geralmente, lidam com proprietários de terras que não são fixados em seus territórios. Os trabalhos de campo revelaram que a maioria desses proprietários é de Goiânia e Anápolis.

Tais demandas corroboram para que nos porções sudoeste e sul da Bacia, tenham demandas para usos, que destoam daqueles que há bem pouco tempo eram praticados. E contribuem para o desaparecimento de propriedades rurais voltadas para a agricultura familiar e instaladas nos princípios de usos mais sustentáveis.

18 Aparecida de Goiânia – Vila surgida no princípio do século XX como centro agregador da pecuária da Região da Serra de Areias e Rio das Lajes.

3.2 CARACTERIZAÇÃO QUALITATIVA DOS ELEMENTOS CULTURAIS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CALDAS

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas constitui-se num mosaico de paisagens culturais e naturais. Sua riqueza é inigualável pela vasta quantidade de belezas cênicas e de elementos históricos – culturais ainda bastante preservados.

O procedimento metodológico para o diagnóstico da paisagem da Bacia, que neste estudo é apresentada, edifica-se na observação de fatos e no comportamento apresentado pelos cenários (Alves-Mazzoti, 1999). Considera-se que tal procedimento é importante para compreensão dos aspectos ambientais de uma dada área, uma vez que revela elementos invisíveis aos dados estatísticos ou a eles pouco relevantes. E, também, por meio de outros instrumentos e modalidades de apreensão. Conforme reforça Maciel (2001), a descrição das formas da paisagem possibilita discernir, descobrir, inventariar o espaço geográfico a partir, sobretudo, dos elementos visíveis.

O conjunto de territórios que entremeiam a paisagem geográfica no âmbito da Bacia constitui-se numa quantidade significativa de elementos a serem interpretados. É claro que a realização de um diagnóstico é mais complexa e variada, o que pode possibilitar inúmeras modalidades de diagnósticos e caracterizações.

A avaliação é feita busca valorizar, especialmente, os aspectos materiais e imateriais da cultura. Estes, por sua vez, estendem-se das estruturas socioespaciais que penetram no processo de transformação do território goiano e, conseqüentemente, da Bacia. Isso explica a maneira como o território é ocupado e as práticas que são desenvolvidas na paisagem, às quais, definem a forma da organização da economia, da sociedade e da cultura.

As mudanças ocorridas com as populações das áreas rurais e urbanas reforçam a premissa de que a Bacia passa por um processo de sufocamento, oriundo das atividades do agronegócio, da mercantilização do cerrado e da urbanização. Mas, além do sufocamento, a cultura imaterial trazida pelos migrantes entranham ao conteúdo identitário dos sujeitos que a compõem. De maneira que as paisagens são caracterizadas como paisagens culturais (CLAVAL, 2001).

Além dos migrantes, há remanescentes de população tradicional, especialmente

nas áreas rurais da pequena propriedade que conservam signos do seu enraizamento. Tal fato forma identidades de sujeitos com tempos culturais múltiplos e diferenciados que se colocam no pleito da atenção de qualquer programa em EA democrático, participativo, integrativo e para a sustentabilidade.

Uma vez que o foco da pesquisa é compreender os territórios identitários da cultura tradicional e os seus vínculos com a paisagem, cabe sair dos números e entrar na alma, isto é, dispor de um diagnóstico qualitativo que faça emergir o lugar do sujeito no espaço e a sua ação como instrumento do território. Como em toda a ação há a presença intensiva da cultura por meio de saberes, modos de vida, memória, jeito de narrar e sentir cabe ouvir esse sujeito e perceber o modo como ele vê a paisagem e a si mesmo.

3.2.1 Os territórios da cultura material e imaterial

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas passa por um processo de múltiplos usos, os quais possuem ritmos e mobilidades diferenciados. Na morfologia de sua paisagem, há um emaranhado de elementos da cultura tradicional imersos nas suas formas e nos seus usos.

A Paisagem é uma possibilidade, enquanto categoria, para se compreender as práticas e o modo de vida. A cultura se insere neste emaranhado de elementos simbólicos que permeia o visível, o imaginário, a memória, transpondo os lugares, apresenta o passado, presente e futuro. As múltiplas formas se manifestam pela fisionomia da cultura imaterial e material, conforme problematiza Sofiati (2006, p. 19) ao reportar às mudanças sociais ocorridas nos últimos séculos. Este pondera que “a cultura imaterial está deixando de ser o que é, esvaziando-se por dentro, perdendo a significação para o conjunto social” e adquire caráter de “sobrevivência” ou de “antiguidades populares”. O que pode ser percebido no imenso manancial de objetos, que representam um “jeito de viver”, numa temporalidade e espacialidades paradas no tempo e no espaço.

Temporalidades e espacialidades diferenciadas espraiam pela Bacia do Rio Caldas, e nestas, as marcas da cultura tradicional aparece por meio do espaço arquitetônico: as casas em “estilo” colonial. Pelos diversos objetos preservados por vários moradores: tear, roda de fiar, taxo de cobre, carro-de-boi, gamela, monjolo, entre outros.

A cultura tradicional presente na Bacia do Rio Caldas, é vista aqui, por meio princípios da Ecologia Profunda apresentada por Capra (1996), a qual pondera que é necessário uma “visão de mundo” integrada, holística, em contraposição a uma coleção de partes. A qual é capaz de valorar aspectos materiais que perderam o valor frente as novas formas de se construir e conceber os objetos.

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas guarda, principalmente ou exclusivamente, nas áreas rurais, quantidades significativas de casas nos padrões das chamadas “fazendas tradicionais goianas”, as quais eram feitas de adobe, um tipo de tijolo fabricado com barro e cinza. E, normalmente, eram construídas pelo próprio morador ou sob sua supervisão. Foram encontradas algumas casas no âmbito da Bacia, em que os moradores, relataram que eles próprios edificaram suas casas. Esse motivo, os fazem valorar de sobremaneira a casa, aumentar o seu pertencimento ao lugar.

As moradias (conforme figuras 13 e 14) normalmente, eram feitas de com esteio de madeira, assoalho de tábua e estavam organizadas, espacialmente em: sala ampla com uma tuia para armazenamento de arroz; cozinha com fogão a lenha; vários quartos; bica na porta da cozinha;. Normalmente a casa fica próxima a um córrego ou rio, para facilitar a construção do rego. Pois essas casas precisavam da água para mover os monjolos e também para o uso doméstico.



Figura 13a Casa com arquitetura colonial existe na Bacia - Fonte: Oliveira (2008).



Fi
Ba



Figura 13b – Casa com arquitetura colonial existe na Bacia – Fonte: Oliveira (2008).

Ao se observar a figura acima, vê-se casas tradicionais, com arquitetura colonial bem preservadas. A casa mostrada na figuras 13 a e b é propriedade de uma Senhora que a preserva, pois, tal casa é o local onde esta passou sua infância e adolescência. E toda sua família foi criada lá. Esta propriedade mantém preservada não só a casa, como também os utensílios que eram utilizados num tempo “distante” em que nos rincões de Goiás não existia energia elétrica, automóveis, rádio, televisão.

A proprietária busca preservar, inclusive, a disposição dos objetos dentro da casa, como forma de guardar, através dos aspectos materiais e imateriais lembranças dos seus entes queridos. Ela ordena as fotografias na parede, as panelas nos armários de madeira mantêm o baú para guardar relíquias, o oratório, a posição das camas.

Uma marca da cultura tradicional, revela-se no modo de construir, no desenho dos cômodos, no paiol, no banquinho de tirar leite dependurado na comunheira, na prensa para fazer farinha, elementos que, nos dias atuais, perderam o valor e o sentido, para a lógica da economia de mercado, a qual prima pela eficiência das construções mesmo em áreas rurais, as casas possuem garagem para se estacionar as camionetes, é toda rodeada de “área” com redes para descanso dependuradas, possui um jardim gramado na porta, tem sistema de encanamento de água, etc. O que se vê na casa em referência são objetos que guardam na sua integridade física, sua função num dado momento da história e no modo como foram construídos.

Estas casas são preservadas até os dias atuais pelos seus proprietários, por vários motivos. O primeiro é sentimental. Guarda a memória do Pai e da mãe e de outros entes queridos por intermédio de objetos como a desnatadeira, a radiola de corda, o tacho de cobre, o fogão a lenha, a gamela para bater rapadura. A casa torna-se um símbolo imaginário cravado no longínquo sertão cerradeiro. É como se fosse um pedaço dos sujeitos que viveram e vivem o lugar. E por outro lado, pela força que identifica o sujeito com aquele local, dando-lhe referências que se relacionam territorialmente com o sítio e a paisagem.

Junto a casa, os objetos utilizados nas labutas cotidianas, formam um conjunto importante de significações, que é parte da cultura e da vida das pessoas. No contexto da Bacia, os moradores que vivem e constroem através de suas histórias de vida, por meio das marcas na paisagem, dependem de uma enormidade de ferramentas, as quais, muitas vezes,

são construídas por eles próprios, ou adquiridos e guardados por muito tempo e tendo uma representatividade grande para que os afazeres possam sejam realizados.

Trata-se de objetos que servem como instrumento de trabalho, no dia-a-dia, bem como, dão identidade aos sujeitos que os utilizam em seu cotidiano. Adiante alguns desses objetos são apresentados por intermédio das figuras 15 e 16.



Figura 15 a – Altar : propriedade de Dona N.- Fonte: Oliveira (2008)



Figura 15 b – Radiola movida a corda – Fonte: Oliveira (2008).



Figura 16 b – Retratos dos familiares Fazenda D. N. – Fonte: Oliveira (2008)



Figura 16 b – Serra manual Fazenda D.N. – Fonte: Oliveira (2008).

A realização de um diagnóstico qualitativo, auxilia na interpretação dos processos de enraizamento da cultura num dado local. O Cerrado, a roça, o curral, as panelas, o fogão a lenha, o serra, são elementos constituidores do modo como é possível explicar, as re-existências de vários sujeitos que buscam na vida simples do campo, reafirmar suas identidades e construir novas possibilidades através de um “modo de vida” que perde espaço, para a vida moderna e globalizada, a cada dia.



Figura 18 – Organização de elementos da cultura material na cozinha

As figuras 15, 16, 17 e 18 constituem-se em aspectos dos valores religiosos, artísticos, morais, do trabalho, que caminham junto a quantidades significativas de pessoas no âmbito da Bacia do Caldas, e que contribuem como registro de uma temporalidade que está “viva” e é parte do cotidiano de uma quantidade significativa de sujeitos.

Além dos objetos, das casas, do modo de falar, de vestir, de agir, há uma grande quantidade de saberes que estão “guardados” na memória de várias pessoas como por exemplo, nas atividades de campo para esta pesquisa, encontramos uma senhora, que sabe fazer tecido artesanalmente, utilizando-se de tear. Este saber, segundo ela, não foi passado adiante:

*...eu já tô meia passada da idade, mais ainda eu sei fazê penera de tala de buriti, sei cardá algodão, fiá, fazê aqueles novelão de linha, prá depois fazê pano. Ocê me pergunto das coisa de comida que sei fazê... Eu ainda dó conta de fazê muita coisa... sei fazê passoca, bolo de porvilho, aquelas comidinha nossa, né. Arroz, feijão, arroz com galinha e pequi. Inté sabão de decoada eu sei fazê. Sei fazê rapadura tamém. Essas coisa que eu sei fazê os mais novo num sabe mais nada.
R. M. - 61 anos (Moradora do povoado de Roselândia)*

Na fala da entrevistada fica evidente uma questão premente, que suscitou quando da realização deste diagnóstico qualitativo: está em curso um processo de desaparecimento de saberes tradicionais. Uma vez que os produtos que eram feitos artesanalmente (o tecido de algodão neste caso) foram substituídos por industrializados. E conseqüentemente, há uma perda significativa de conhecimentos e procedimentos que eram adotados para elaboração de objetos e utensílios.

Noutra situação semelhante, foi encontrado – numa fazenda localizada na confluência do Rio Sozinha e Caldas – um senhor que detêm um saber que também é pouco valorizado nos dias atuais: arte de fazer carros – de – boi. Para este Sujeito, o processo para fazer um carro – de – boi é complexo. Começa na escolha da madeira, sua umidade, o modo como deve ser cortada. No seu relato, não se constrói os carros – há mais de 12 anos não recebe uma encomenda –, pois não são mais utilizados na fazendas, foram substituídos por tratores. Ele relata que:

A gente, parô...o carro de boi foi ficano prá traiz, sô...muito pouco, só faiz pá infeite...eu num faço mais não. Eu tinha boiada boa, eu vindi tudo. Carro num faço mais não. Ainda faço, mesa, cadeira, porteira. Os povo tá usano muito é tratô.

*Carro de boi num serve pra mais nada, não...mas ainda tem cumpanheiro que faz...
(Sr. F. morador das margens do Caldas, próximo a Caldazinha)*

Neste relato, nota-se uma situação que retrata as mudanças ocorridas no campo, as alterações nos elementos e instrumentos utilizados para o trabalho. Essas mudanças não são negadas e colocadas aqui como uma dicotomia entre moderno e tradicional. Mas sim, como um processo de alteração cultural, em que os saberes vão sendo esquecidos; usos e benefícios econômicos poderiam estar sendo obtidos com a comercialização desses objetos; a transformação dos saberes culturais tradicionais para valorizar os sujeitos; etc.

Os aspectos dos territórios da cultura material e imaterial constituem-se em patrimônios, os quais devem ser preservados, para que as futuras gerações possam conhecer. Pois conforme já foi pontuado, faz parte da diversidade cultural existente na sociedade, que podem se perder em pouco tempo. Sendo assim, conhecer tais elementos, registrá-los e preservá-los, torna-se metas de entidades como a Unesco, os ministérios da cultura, etc. Entretanto, aspectos do cotidiano de determinadas comunidades ou mesmo de moradores de áreas rurais, recebem pouca visibilidade, o que favorece o seu desaparecimento.

Considerar que estes elementos culturais encontrados na Bacia do Rio Caldas são relevantes, está amparado na necessidade de aprofundamento e conhecimento do modo como sujeitos de vivem e constroem os seus territórios identitários, bem como, estabelecem os enfrentamentos políticos, sociais e culturais, frente aos padrões homogenizadores da cultura, impostos pela lógica capitalista.

Os múltiplos usos apresentados neste tópico, não correspondem à totalidade, mas a uma quantidade significativa de exemplos de usos que ajudam a estabelecer uma diferenciação sociocultural e socioespacial. Além disso, os municípios da Bacia realizam festas tradicionais, como a de Nossa Senhora Aparecida em Anápolis que ocorre em outubro, a festa do Tomate de Goianápolis realizada no mês de julho, folias de reis, rezas, festas de São João, as quais fazem parte do cotidiano dos moradores. Além de outros elementos serão apresentados nas etapas seguintes deste trabalho e desdobrar-se-á em outras discussões.

Ao avaliar a estrutura demográfica com pertinência ao uso econômicos das paisagens da bacia do Rio Caldas e verificar o rico patrimônio material e imaterial que ainda persiste nas proximidades da metrópole goianiense, observou-se que a pressão do agronegócio e a pressão demográfica urbana não conseguiram alisar a paisagem. Além da riqueza dos

territórios identitários da bacia, a situação do relevo propicia a salvaguarda das águas do Rio Caldas e de seus afluentes, o que torna premente a atitude de uma educação ambiental integrada.

É responsabilidade desse tipo de educação, apresentar as variadas formas e feições cênicas, morfológicas e de modalidades de usos das paisagens de determinados contextos espaciais. Assim, a leitura do espaço serve à ação da educação ambiental; esta precisa de conhecer a cultura e os valores dos sujeitos envolvidos.

Esse procedimento terá continuidade na história de vida dos sujeitos da cultura tradicional, em que o cotidiano apresenta práticas e saberes consonantes com princípios de valorização e integração da vida à natureza. Não se quer aqui fazer uma defesa da cultura pura, mas não se pode negar os interesses e o poder da cultura espúria.

Vale reforçar que o tempo acelerado hegemônico que se impôs nas paisagens de Goiás não conseguiu esvaziar e extinguir os sujeitos do tempo lento (Santos, 1996). Mas, embora haja notáveis resistências desse sujeito, o seu grande documento é a sua memória que só pode ser enunciada mediante a sua história de vida.

Registra-se, também, a hibridez com que esse sujeito desenvolve a sua vida em meio a objetos modernos com fala caipira, usando antena parabólica mas tendo prazer em contar causos, socando arroz no pilão no feitio de bolo, fazendo passoca de carne seca, rezando terço de roça. Isso tudo em espaços de urbanização acelerada.

4 AS NARRATIVAS DE HISTÓRIA DE VIDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE CULTURA E MODERNIDADE - FRAGMENTOS DE VOZES, SABERES, DIZERES E EXISTÊNCIA

Neste capítulo, discutiremos os resultados da pesquisa – relatos de história de vida - com a apresentação de elementos da cultura tradicional, bem como os pressupostos teóricos sobre cultura e modernidade, os quais ajudarão na interpretação dos relatos de história de vida apreendidos junto aos sujeitos pesquisados.

Procuramos dividir os relatos de história de vida neste capítulo em dois momentos distintos: num primeiro, escolhemos apresentar fragmentos das narrativas encadeadas pelos sujeitos pesquisados, contextualizando - os com as discussões sobre cultura, enraizamento, etc. Num segundo subdivide-se os relatos com as interpretações: 1 – Apresentamos cinco “história de vida” integralmente, como um breve relato biográfico, com vistas a demonstrar a riqueza simbólica presente na vida destes sujeitos; 2 – Retomamos novamente a interpretação feita sob os fragmentos dos relatos.

Esse caminho metodológico está amparado em Thompson (1992), o qual pontua que as análises feitas sobre registros orais requerem “algumas escolhas, simplesmente porque pode ser eficaz em grande número de contextos diferentes”, uma vez que estas escolhas ajudam a moldar a pesquisa com narrativas, evitando assim erros interpretativos, limitações etc. Fato que justifica a nossa estrutura organizativa, em que as discussões teóricas permeiam o empírico.

4.1 A COMPREENSÃO DOS SIMBOLISMOS DAS PAISAGENS CERRADEIRAS

A história de vida apreendida nas narrativas de sujeitos que existem e resistem às transformações econômicas, sociais e culturais são marcas simbólicas que dão identidades às múltiplas paisagens existentes na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas (SAUER, 1998), (COSGROVE, 2002).

Os sujeitos que estabelecem relações com os territórios e suas imbricações identitárias fomentam o surgimentos dos vínculos espaciais, e fortalecem às ligações da vida

humana aos lugares. Essas ligações são espaciais e viabilizam o estreitamento, a aproximação daquilo que é igual ou comum, possibilitando a existência de uma circulação de saberes, dizeres, sabores, cores, sons, trotes, gestos, símbolos e signos. Argumento reforçado por Mendes (2008, p. 144) ao falar das comunidades tradicionais rurais próximas a Catalão em Goiás:

A identificação de ocorrência geográfica das comunidades rurais dá-se em pequenas aglomerações mais ou menos concentradas e apresentam um alto índice de parentesco. As famílias estabelecem uma organização de vizinhança, criando um sentimento de localidade e identificação. Esses aspectos conferem às famílias, de uma determinada comunidade rural, uma identidade geográfica social. A interação desses aspectos caracteriza um dos mundos manifestos e suas representações. Esse universo de representações são construídos através do cotidiano dos moradores das comunidades rurais com a simplicidade de pessoas comuns que interagem com a própria comunidade, com as demais comunidades rurais e com a sociedade como um todo (relação de interconhecimento). (MENDES, 2008, p. 144).

Tais considerações, na perspectiva dos simbolismos existentes nas paisagens, também podem ser encontradas, em Chaveiro (2005), ao discutir as paisagens enquanto símbolos no contexto do Cerrado, levanta, justamente o que se pode verificar nas narrativas de história de vida dos sujeitos que vivem no âmbito da Bacia, como, também, em Brandão (2004) que apresenta tais manifestações e representações culturais sob a perspectiva dos símbolos, gestos e rituais inerentes ao catolicismo.

Estas ponderações apresentaram-se nas vinte e cinco entrevistas realizadas. Boa parte delas trazia essas características, mesmo inseridas num contexto de sincretismo, estes sujeitos estão intimamente ligadas às estruturas familiares e ao modelo das tradições goianas, as quais estão fortemente vinculadas com a religiosidade e saudosismo.

Estas prerrogativas podem ser exemplificadas nas falas das várias simbolizações que unem paisagem e tempo com as festas de aniversários de casamento, ou mesmo com os ritos de celebração do dia em que se conheceu o grande parceiro ou a parceira da vida inteira. Nessa dimensão estão colocadas as festas de São João, de Santo Antônio, do São Pedro, de Nossa Senhora Aparecida, do Divino Pai Eterno (CHAVEIRO, 2005, p.49).

A simbolização exemplificada por Chaveiro (2005) foi constatada num dos trabalhos de campo, para a realização desta pesquisa, feito em dezembro de 2008: ao chegar à casa da Dona E. e do Sr. J., sujeitos que participam desta pesquisa, a dona E. veio ao encontro dos dois chegantes (Flávio e Benjamim) com um largo sorriso no rosto, e dizendo que ficou

querendo ter encontrado o Benjamim, a Fernanda e a Sandra (pessoas que estiveram no trabalho de campo feito em Maio de 2007, no âmbito da Bacia), para convidá-los para participar da festa em que o casal comemorou 50 anos de casados.

Este exemplo é claramente consoante ao que Chaveiro (2005) coloca: as significação das paisagens através dos ritos, das representações, moldam o espaço pelo modo de vida. E demonstra, com clareza, um evento pontual que está ligado ao que Mendonça (2004, p.277) assinala ser a cultura cerradeira, ou seja, aqueles atores sociais que constroem o cotidiano através de suas linguagens e identidades singulares, suas paisagens *cerratenses* baseadas nas estruturas geográficas existentes.

A cultura cerradeira, no contexto dos sujeitos que vivem na Bacia do Caldas, reforça sua relevância como portadores de signos. Mesmo sob as pressões emanadas da globalização, pela via do crescimento urbano, os signos cerradeiros continuam entremeados no modo de vida das pessoas, que espalhadas pelos barracos nas periferias de áreas urbanas, como também nas casas localizadas no meio rural, desenvolvem aspectos culturais ricos e que representam a identidade territorial e cultural.

Essa cultura por meio de seus símbolos indica os caminhos para a construção de sentidos novos e reafirmação de velhos sentidos (BACCEGA, 1995), formando, assim, um mosaico cultural singular, conforme se pode constatar na fala do depoente P., ao relatar sobre aspectos da produção de rapadura e açúcar de fórmula, utilizando-se do engenho movido a tração – animal:

O jeito que nós cuidava das coisa aqui era meio bruto, o engenho a cavalo, mais primeiramente antigamente era de boi né. O engenho era tocado a boi, o engenho de madeira pra produzi coisinha poquinha, coisinha só para o consumo, não vendia. Compra açúcar, cachacinha, era muito complicado. Só em Anápolis. Era importante nos sabe fazer. Se nos não fizesse, nos não tinha açúcar de forma, a rapadurinha... Aqui nos mexia com carapina, fazia gamela, pilão, curral, tuia, até que carro nos nunca não fez não. Esse tinha um homem lá no Sozinha que fazia. Nós fazia as coisas que nos precisava nos não precisa dessa dinherama toda que nos precisa pra viver hoje. (P. - 51 anos -morador da municipio de Bonfinópolis – margens do Ribeirão Sozinha)

Nesta fala, feita por um sujeito que traz em sua história de vida, traços referenciais de saberes, que, nos dias atuais, ele utiliza para sustentar-se no meio rural, como a produção de rapadura, demonstra o uso desse saber para satisfazer as suas necessidades de vida. Isso ocorre com a comercialização de um produto nascido de suas mãos e de seus saberes, os quais

são vendidos nas cidades de Anápolis e Goiânia. Pode-se constatar que “velhos sentidos” fazem parte da trajetória deste sujeito, e o ajuda a tocar sua vida, num contexto de ocupação da Bacia, diferente daquele que se apresenta no relato.

Nos dias atuais, ele produz rapadura em engenho mecanizado, utilizando-se de tecnologias mais eficientes, aumentando a produção, nos princípios da lógica do sistema capitalista. Mesmo assim, ele continua a fazer referências a um modelo que ficou no passado. Demonstrando que sente saudades das práticas e dos modelos de produção mais rudimentares. Silveira (2004) reforça esse argumento ao nos dizer que as transformações ocorridas a partir dos anos de 1970 nas áreas de Cerrado, foram responsáveis por impactos ecológicos e culturais. Exemplo apresentado na fala acima caracteriza o que a autora chama de “reliquia cultural”, ou seja, os saberes e os modos de vida tradicionais foram subitamente substituídos, imperando a lógica dos processos de urbanização e modernização da agricultura.

Embora a lógica moderna tende a criar novos produtos, novos gostos, e novos modos de produzir, inserindo o fazer e o saber do sujeito numa lógica de consumo, vê-se que a cultura tradicional dos sujeitos da Bacia do Caldas ainda mostra vivacidade.

Corroborando com esta idéia, Tuan (1980) pontua que as preferências ambientais de uma pessoa, estão intimamente ligadas com o lugar, conseqüentemente com o território em que sua vida acontece. Assim, às percepções, os valores e as relações estabelecidas com o ambiente emergem do saber cultural adquirido, como também com a maneira como se dá a produção e a construção do espaço geográfico.

Nos trabalhos de campo, realizados durante a concretização desta pesquisa, verificou-se que P., morador das margens do Ribeirão Sozinha, procura cuidar de sua propriedade, visando à conservação e preservação do ambiente, baseando-se em suas experiências de vida: preservando os matas ciliares; alternando as áreas que planta cana com outras variedades.

Fato que reforça a tese argumentada: a Bacia está sendo sufocada nos limites de municípios como Goiânia, Senador Canedo e Anápolis. Além da pressão exercida pelo município de Aparecida de Goiânia, que apesar de não estar localizado no território da Bacia, pela sua proximidade ajuda e tem contribuído para o aumento da presença de migrantes, nas bordas sul e leste da Bacia. Tal como se viu no relato de P. mesmo que, a produção da vida ocorra num espaço profundamente urbanizado, moderno, e de ritmo acelerado, a cultura de

raiz não se desmorona no modo como o seu sujeito se adapta ao novo espaço.

A cultura cerradeira mencionada aparece nas falas que emanam das vozes exprimidas, que conforme aponta Thompson (1992) é a marca registrada na memória (história de vida) daqueles que vêem as mudanças “atravessarem o tempo” e arrancam do contexto, práticas inerentes a sua vida. Numa das entrevista a depoente M., com idade de 67 anos disse:

A folia de Santo Reis é em janeiro né?! Maio, era a festa do Divino Espírito Santo. A festa do divino Pai Eterno é no primeiro domingo de julho, fazia a festa pra cá e levava o dinheiro pra festa da Trindade. Na festa de São Sebastião, tinha folia também, só que era em janeiro, era quatro folia que saia, todo ano né!.., agora cabo, era muita comida né? muita festa né?! Era doce, biscoito assado no forno, era muito né..? Passava a noite viajando e a noite dava o café tamém, não tinha o que comer né...(M, 67 anos, moradora das margens do Ribeirão Sozinha).

Neste fragmento de “história de vida”, a fala que emana da memória da depoente, é marcada, sobretudo, pela descrição de um acontecimento, que nos dias atuais ganhou outros contornos: em detrimento das mudanças socioespaciais ocorridas no âmbito da Bacia, às manifestações culturais relatadas não ocorrem mais. A sua fala é marcada pelas mudanças sógnicas e das representações que ocorreram nas festas e manifestações culturais relatadas, seja pelas fortes influências que a industria cultural imprime sobre os territórios, seja pela sua condição de vida.

A alteração das significações dos discursos, especialmente de sujeitos de origem rural mas com vida urbana da Bacia se esbarram, se entrecruzam, se combinam, se anulam e se complementam (BACCEGA, 1995), propiciando sentido às particularidades que moldam o cotidiano e a memória desses sujeitos.

Tanto a Folia de Reis¹⁹, como a Festa do Divino Espírito Santo ganharam novos contornos, diferentes daqueles que emergiram da memória da entrevistada, e também são registradas em Brandão (2004): houve um processo de apropriação pelo sistema capitalista que transformou tais manifestações em verdadeiros espetáculos, mesmo que os aspectos tradicionais continuam entremeados às festividades, no sentido simbólico e das representações.

As representações emanadas desse processo constituem-se num sistema de

¹⁹ Bando de pessoas devotas de Santos Reis que percorrem as fazendas tirando esmolos para celebrar a festa do santo. A folia de Santo Reis tirada em primeiro de Janeiro, diz respeito a peregrinação dos três Reis Magos.

captura, em que o cerrado é abarcado pelas demandas inerentes à lógica capitalista, em que os territórios onde ocorrem as manifestações das culturas tradicionais, são tomados por vendedores ambulantes, feirantes, comerciantes temporários, *stands* de empresas públicas e privadas, etc.

Estas apropriações modificam os sentidos e conotações originárias, das respectivas manifestações culturais. As quais, são utilizadas com outras finalidades: promover políticos e governo; propiciar negócios; desenvolver novos locais para festas; disseminar novos signos de vida etc. Agregado a isto, diversos mecanismos de comércio invadem as festas. Empresas patrocinam as festividades; prefeituras desenvolvem gestões identitárias para as festas; da margem a ídolos midiáticos fazerem aparições comerciais. Em diversas folias é possível encontrar os participantes utilizando camisetas com o nome de empresas, o que demonstra que a “fé” e as simbolizações foram mercantilizadas. E servem como instrumento de *marketing* para instituições e pessoas que usam tais espaços para autopromoção.

Estas considerações iniciais, nos ajudam, a compreender como que a cultura e o modo de vida se entrecruzam, ao trazer alguns subsídios: a cultura torna-se relíquia no âmbito da Bacia; a memória guarda vários saberes ligados a existência desses sujeitos; a forte presença das representações das manifestações culturais ligadas à religiosidade; a apropriação destas pela lógica do sistema capitalista.

Adiante, faremos algumas considerações breves sobre a constituição da cultura cerradeira, com a intenção de obter subsídios que fortalecerá a interpretação dos fragmentos de história de vida. Como também buscaremos compreender alguns pressupostos que se encontravam na estrutura da pesquisa que objetivamos fazer.

4. 2 ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO DA CULTURA CERRADEIRA

Devemos perguntar: os sujeitos que relataram a sua história de vida no contexto atual da Bacia do Caldas tiveram que origens simbólicas?

Convém, neste momento, apresentar, ainda que de maneira sintética, as raízes histórica da cultura cerradeira, da qual emergem os sujeitos da Bacia.

Nos locais em que ocorreram os trabalhos de campo, diversos aspectos foram

constatados. Logo, nos primeiros contatos com estes moradores, percebeu-se claramente, a constituição dessa cultura, que conforme Palacín (1989) teve seu início com a junção dos povos indígenas e a chegada massiva de migrantes europeus ou brasileiros descendentes destes, juntamente com os escravizados africanos, para explorar as minas de ouro que foram descobertas nos domínios dos territórios em que hoje se encontra no Estado de Goiás, Tocantins e Mato Grosso.

Num segundo momento, as frentes pioneiras juntamente com aquelas pessoas que aqui já estavam instaladas foram constituindo o núcleo da sociedade que possuímos hoje. Pode-se dizer que essa cultura tem uma base étnica composta pelo Branco ligado à tradição judaico cristã, pelo índio autóctone e pelo negro escravizado. A composição étnica ligou-se a um modo de vida rural. Dessa maneira, a ruralidade é a base de enraizamento dessa cultura.

Então, propiciadas pela junção dos europeus, africanos e indígenas que moldou a cultura goiana e cerradeira (MENDONÇA, 2004), nos últimos anos, ela vem confrontando-se com uma diversidade de aspectos espaciais necessários à formação espacial complexa e derivativa da sociedade urbana e moderna, as quais podem ser encontradas, nas diversas representações e nos aspectos culturais em Goiás: arquitetura colonial, com casa de modelo americano; culinária, tradicional com culinária mercadológica; objetos fabricados com barro, como panelas e objetos fabricados por indústrias multinacionais; utilização de taboca e buriti para o fabrico de cestos e jacás²⁰, como o uso de plástico, alumínio e sintéticos; modo de falar lento e rural com modos de falar urbano e midiáticos; medicina popular tradicional juntamente com engenharia genética e a indústria farmoquímica ; a influências religiosas européias e africanas com as diversas festas como as congadas, cavalhadas, e festas de *cowboys* Américas, *haves*, shows, boates entre outros.

Convém assinalar que a coexistência desses dois tipos de culturas numa única prática de vida, no mesmo território, como é o caso da Bacia do Rio Caldas, está ligada ao componente estrutural que formou o território goiano. A ocupação do território goiano sempre foi marcada por diferentes “vocações regionais”(pecuária leiteira ou de corte, agricultura tradicional ou de exportação, etc) (TEXEIRA NETO, 2002 p. 12), na medida em que sua geografia oferecia e oferece inúmeras facilidades e dificuldades no arranjo organizativo de

20 Cesto de bambu, feito com as talas de taboca.

Goiás, dada a distância em relação ao litoral e a centralidade continental.

Em Goiás, existia uma quantidade significativa de povos indígenas, os quais em contato com o dito “homem branco” simplesmente foram quase que extintos, dada uma correlação de forças em que esses os povos poucas condições tinham para defender-se. Teixeira Neto (2002, p. 14) diz que a forma como ocorriam os confrontos devem ser lamentadas:

O aniquilamento físico sistemático do indivíduo indígena através de incursões militares e paramilitares, estas últimas comandadas por capitães – de – mato, eufemisticamente chamados de “bandeirantes” ou de “sertanistas”, e especialistas em fazer guerra ao gentio. Do lado do índio, as reações mais comuns eram as razias, que não passavam de ataques pontuais – sobretudo de Xavante e dos Canoeiro, que ainda não tinham se rendido totalmente à força do colonizador.

Mesmo assim, uma parte desses povos indígenas resiste e luta pela existência no território, os quais são importantes na conformação cultural. Vê-se que então, a história de resistência de raiz em Goiás é antiga, tal como é a sede de sua apropriação. A Bacia do Rio Caldas é uma forma atualizada de confronto cultural para os dias atuais.

Falando ainda da formação do território goiano, Teixeira Neto (2002) apresenta três aspectos que motivaram o povoamento e a conseqüente confrontação de culturas: a mineração no século XVIII, as atividades agropastoril (apoiou a mineração) e os caminhos (de hoje e do passado) dão sustentação para as articulações territoriais ao possibilitar os encontros de povos diferentes que acabaram por fixar-se aqui ou deixarem suas marcas culturais na morfologia das paisagens culturais.

Ao retomar o contexto contemporâneo e ajustá-lo ao passado, ressalta-se que os fluxos migratórios, como parte integrante da estrutura demográfica de Goiás, contribuíram para esse processo, ao inverter a relação quantitativa da população, em que a maioria vivia no campo e passou a viver nas cidades (MANÇANO, 2006). Esse contexto favoreceu a dinâmica sociocultural estabelecida nas cidades nos dias atuais.

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, por apresentar elementos singulares da cultura, e estar inserida numa zona de pressão demográfica; pelo fato de sua proximidade com as três cidades mais populosas do Estado de Goiás (Goiânia, Anápolis e Aparecida de Goiânia), coloca esses elementos numa situação de fragilidade e de fortes interferências e

influências culturais e territoriais. Na medida em que as “paisagens alternativas” da Bacia vão perdendo espaço para as “paisagens dominantes” (CORREIA, 1995), uma mistura de identidades ou a formação das chamadas identidades híbridas esculpem os seus territórios identitários.

Com isso, não se quer aqui defender uma tese que as populações que ainda mantêm-se nos moldes da tradição, fiquem isoladas e não estabeleça laços com as mudanças advindas da modernidade. Mas, reforçar sua importância no contexto de vida ligada às tradições de um território, demonstrando que essas tradições fortalecem o local. E, por fortalecer, devem ser respeitadas em qualquer proposta de EA; especialmente porque, não há formação de sujeitos sem formação de valores, e estes correspondem às culturas.

O raciocínio acima explícita que a interpretação destas narrativas de história de vida é um registro de um tempo que remete a outras temporalidades. Ler a história de vida desses sujeitos simples é conceber outros valores e outros comportamentos em relação ao ambiente. Percebe-se que a cultura camponesa, embora tratada como rude, não tem o impacto da ganância da agricultura comercial, simbolizada na monocultura.

As leituras de história de vida estão baseadas, nas prerrogativas de Thompson (1992), o qual, diz que a finalidade social da história de vida dos sujeitos, são formas de dar atenção a vida simples das pessoas comuns. As quais são ricas, simbolicamente e possibilitam o entendimento dos territórios identitários da cultura tradicional existentes na Bacia.

Para a realização destas interpretações, faz-se necessário uma breve discussão sobre cultura e as transformações identitárias motivadas pela modernidade. As discussões a serem feitas ajudarão no entendimento dos territórios identitários da cultura tradicional da Bacia. Como também ajudarão teoricamente nas discussões.

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas é uma unidade natural, que abriga uma diversidade cultural sem precedentes, as quais, retomamos, aqui, pois julgamos que esta diversidade é singular. Esta singularidade apresenta um mapa de cruzamentos de diversas identidades de sujeitos, tais como: antigos moradores; chacareiros urbanos que são filhos de antigos moradores; proprietários de chácaras de lazer e recreio; agroindústrias, monoculturas tradicionais; horti-fruti-granjeiros; empresários do chamado novo rural; pequenas propriedades tradicionais; pequenas propriedades modernas; atividades agrícolas não rurais,

como haras e pesque-pague; posseiros; produtores da agricultura orgânica entre outros.

O mapeamento destes territórios identitários, realizados em doze trabalhos de campo, em que se percorreu os quatro pontos cardeais da Bacia, nos estimulou a sintetizar o seguinte: cada forma de produção corresponde a um território identitário, que, por sua vez, desenvolve um modo de impactar o ambiente e de conceber culturalmente a terra e a vida. Por isso, aprendemos com a pesquisa que uma proposta de EA atualizada pelos paradigmas integrados deve levar em consideração cada um desses territórios.

A unidade espacial da Bacia, com a diversidade de situações demográficas, possui inúmeros elementos e atributos, inerentes aos processos de usos e ocupação, com os quais, múltiplos territórios identitários se configuram. Dos inúmeros territórios existentes, a presente pesquisa visa compreender os elementos da cultura tradicional. Porque ela é, no contexto espacial da Bacia a que mais corre o risco de ser extinta, e a que mais representa a cultura cerradeira²¹.

4. 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA TRADICIONAL E O CONFRONTO COM A MODERNIDADE

Para continuar a discussão inicial sobre os processos de enraizamento da cultura e suas mudanças, que derivam da relação que os sujeitos estabelecem com o lugar (ou os lugares), como também, pelo modo como a indústria cultural impõe padrões de consumo através de imersões na subjetividade num complexo conjunto de objetos, imagens, ações com variado mecanismo de manipulação: produtos e mercadorias; sistemas de comunicação; novas técnicas, se fazem importantes para o aprofundamento da compreensão do confronto entre a cultura tradicional e os aportes das chamadas cultura moderna.

Vários autores colaboram com a reflexão desse assunto (CANCLINI, GEERTZ, ORTIZ), dizendo que junto ao confronto ou conflito, há hibridações, adaptações, convergências, ações de poderes, subordinações, entre outros.

As paisagens da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas são constituídas, por uma diversidade de “maneiras de viver” (ROLNIK, 1997), as quais são construídas nos territórios,

21 Tais discussões foram feitas após sugestões feitas pela banca de qualificação, da qual participou os professores Eguimar Felício Chaveira e Alex Ratts.

como forma de existência e resistência as mudanças advindas da globalização da economia e demais aspectos da lógica capitalista. Seja por meios das influências que as mídias exercem sobre a vida do camponês. Seja pelos problemas que estes enfrentam, em decorrência de atos e ações externas: impactos dos desmatamentos; implementação de agroindústrias; pavimentação de vias; monoculturas; urbanização.

A cultura, no entendimento de Geertz (1991), a qual marca as paisagens da Bacia, pode ser entendida como um conjunto de processos dinâmicos que se relacionam com os lugares, bem como, se estabelecer vínculos territoriais, afetivos e sobretudo pelo vínculo de um modo de vida particular.

Esses processos dinâmicos ao serem interpretados espacialmente, ganham contornos representativos quanto aos modos de vida e as estruturas organizativas no território, as quais estão ligadas diretamente à concepção de cultura que estamos trabalhando, a qual também está amparada em autores como Cosgrove e Jackson (2000, p. 26) que pontuam que: “a visão unitária da Cultura dá lugar à pluralidade de culturas, cada uma com suas especificidades de tempo e lugar. A cultura pode sempre ser representada como uma construção social e politicamente contestada[...]”.

Outro aspecto relevante para a compreensão do conceito de cultura, que apresentamos neste trabalho, relaciona-se com a prerrogativa de que os elementos da cultura são entendidos como patrimônio, que devem ser preservados, estudado e compreendido conforme Pelegrini (2006, p. 116)

A noção de patrimônio advém etimologicamente da concepção de "herança paterna". Esse termo nas línguas românicas, segundo Pedro Paulo Funari, deriva do latim *patrimonium* e faz alusão à "propriedade herdada do pai ou dos antepassados" ou "aos monumentos herdados das gerações anteriores". Para o referido historiador e arqueólogo, essas expressões fazem menção a *moneo*, que em latim significa "levar a pensar". Portanto, as noções de patrimônio cultural mantêm-se vinculadas às de lembrança e de memória — uma categoria basal na esfera das ações patrimonialistas, uma vez que os bens culturais são preservados em função dos sentidos que despertam e dos vínculos que mantêm com as identidades culturais.

O modo de vida tradicional no âmbito da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, encontra-se em maior quantidade nas áreas rurais. Os vestígios na cidade são menos significativos. Mas, nem por isso, menos representativos. Durante a realização dos trabalhos de campo, vimos, no povoado de Roselândia uma senhora que detém o conhecimento para

manusear um tear (relato de Dona A. P. qual apresentaremos adiante). De acordo com a acepção relatada de Pelegrini (2006), o ato dessa senhora de possuir esse tipo saber, que, no atual período não é hegemônico, pois ela usa as mãos na produção, mais que máquinas advindas da indústria mecânica trata-se, pois de um patrimônio cultural, uma vez que o seu saber pode ser considerado uma memória viva. Fonte de descoberta de como, no passado, a indumentária tinha proximidade com o sujeito que a usava, sem a intervenção do dinheiro. Veja o relato:

...oiá meu fio, eu sei fazê pano de carça, cuberta...inté pano miozinho, né... Tarvez ocê pensa que não quis ensiná...minhas fia nenhuma quis aprendê...vei prá cá minha subrinha, também não. Acabô que só eu sei usá esse teare aí que ocês tá veno. Fiz muita coisa, ajudei meu marido...risos...comprá as coisa né...erá tudo bõ. Noise trabaivava muito, maise era bõ...Vinha gente de toda banda incumendá corte de carça e cuberta. Até os tingimento dos pano noise fazia...(A. P. do Povoado de Roselândia – Bela Vista)

A narrativa de Dona A. demonstra o sentido de patrimônio de seu saber, não só como memória coletiva, isto é marca de um modo de vida de um tempo; mas enquanto valor educativo de que aprendera de gerações anteriores, e que, conforme ficou explícito no relato, não fora transmitido para as futuras gerações. A roupa advinda do tear manual possui um valor mais do que como função de cobrir, agasalhar, vestir, proteger, mas como símbolo cultural.

Em determinados lugares da zona Rural, preserva-se boa parte da estrutura material, seja através de objetos como gamela, panelas de ferro, botija, filtros, tachas, pois o contato e as facilidades para substituir objetos tidos com “antigos” pelos “modernos” é mais complexo. Segundo Barthes (2004) os objetos não são inocentes. Eles são referências semiológicas, isto é, são textos para leitura. Que leituras pode se fazer de uma gamela?

Seguindo o autor francês, cada objeto, tem uma conectividade com o tempo e com o modo de vida. A gamela e a botija derivam de duas matérias primas de origem rural: a madeira e o barro; ambas, são simples, possíveis e de fácil manuseio. Todavia, marcam o tempo lento e é perecível de acordo com o uso. Mas, o mais importante é que o sujeito que os usa, são os mesmos que a fabricam. Portanto, não há mediação espúria entre o objeto e a vida. Poder-se-ia que a vida rural se representa na botija e na gamela. Logo oferecem objetos funcionais porque permitem o uso e são junto objetos simbólicos porque se oferece a leitura.

Esse rico manancial simbólico requer que as concepções sobre EA devem “contemplar a pesquisa, o registro, a exploração das potencialidades dos bens culturais e naturais no campo da memória, das raízes culturais e da valorização da diversidade” (PELEGRINI, 2006, p. 127). O que significa que os sujeitos devem sentir-se integrados às paisagens e aos territórios em que sua vida ocorre. Colocando assim, um desafio para que o rico patrimônio cultural da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, não seja apropriado pelos mitos e valores impostos pela modernização.

4.2.1 Enraizamento e desenraizamento: os territórios identitários da cultura tradicional na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas

O enraizamento cultural é um assunto complexo. Para que haja relação de vínculo territorial com determinadas localidades, os homens e mulheres devem ter pertencimento e proximidade com o local em que vivem, além de ter suas sobrevivências ligadas à determinada toponímia territorial (uma fazenda, uma casa, dentre outros).

De acordo com as reflexões feitas anteriormente, estamos admitindo que as diferentes culturas estão ligadas a diferentes formas de existir (BOSI, 1992) e de criar vínculos e relações. O estabelecimento de territórios identitários, possibilitam a constituição de “jeitos característicos”, modos particulares de relacionamentos com os lugares. E também a preservação de costumes, saberes, modos de vida. Com essas considerações, não queremos dizer que o enraizamento cultural é uma forma de estabelecer um isolamento social, e eliminando esses homens e mulheres das influências externas, más de fortalecimento de suas identidades.

Para Bosi (1992) o desenraizamento cultural tem como causa a supressão das tradições, as quais são orquestradas pelas chamadas “culturas dominantes” – numa perspectiva clássica – utilizam-se de dois mecanismos básicos: o aspecto econômico ou a força militar (pouco utilizada nos dias atuais). Em decorrência disso é que objetos da cultura rural de raiz, como a gamela e a botija, anteriormente relatadas deixam de ter vez no modo de vida urbano, pois a sua substituição por objetos advindos da industrialização desenraiza os valores culturais de um povo pelo critério econômico:

Aqui nois produzia farinha de milho, farinha de mandioca, porvilho, nois tinha tudo feito em casa. Só comprava o sal, e alguns ropas, os sapatos, nois catava chinelo de cor de vaca e nos usava uai. (risos)

Era uai..(risos), nois ainda faiz..só que hoje não tem mais esses negócios de coró, o povo carrega tudo.Quando nois matava a vaca, aproveitava tudo, não sobrava nada. Quando matava o porco, aproveitava tudo, mais hoje a gente não pode comer banha de porco mais né? Diz que faiz mal? Antigamente a comida era mais gostosa, era na lenha, hoje nois não cozinha mais na lenha. Meu fugão a lenha cabo! Até as panela cabo? Mudo tudo né? Passo pro fugão a gais, agora as panela é tudo de alumínio né?. Naquela época era bom demais, eu tenho saudade né?(Dona B., 71 anos, margens do R. Sozinha no M. Anápolis).

O relato de Dona B. além de comprovar as bases teóricas enunciadas, demonstram o saudosismo próprio do sujeito que se enraizou num tempo e sofreu desenraizamento por outros símbolos. Mas Pessoa (2007), aponta que há um premente consumo de bens simbólicos oriundos da cultura tradicional vinda do meio rural. Esta condição, está calcada, também, nas novas configurações que se estabelecem nas cidades. Na Bacia que ora está sendo estudada, é comum encontrarmos tais aspectos. A mercantilização dos bens simbólicos tradicionais, entra no que é chamado “subordinação mercantil” da cultura tradicional ou de hibridação cultural.

O processo verificado na Bacia do Rio Caldas, pode ser universalizado para todo o território Goiano. Em Goiás, como na maioria dos outros Estados brasileiros, a perda de referência acontece “sob a forma das monoculturas e pastagens”, as quais, transformam a vida dos lavradores (BOSI, 1992, p. 17).

Esta colocação está calcada na lógica da agricultura moderna e mecanizada que força uma grande quantidade de trabalhadores rurais a se mudarem do campo para as cidades. Esse processo de migração, faz com que “o migrante perca a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar[...]” (BOSI, 1992, p.17).

No argumento que Bosi (1992) utiliza para discutir as questões culturais, suas colocações afirmam que o desenraizamento é uma das doenças mais perigosos para a perda de identidade cultural. Uma vez que os sujeitos, ao serem influenciados por elementos oriundos dos sistema econômico ou por fetiches derivados destes, perdem seus referenciais e suas tradições. Ficam sem rumo, quanto as suas identidades.

Quando casei, eu mudei, nois prantava de tudo, arroz, feijão, milho... E dava, e era muito, sem veneno. Era uma arroizama danada, tinha vez que tinha até que fazê mutirão, pra ajudá bate os arroiz... Não importava com adubo, as terra era boa demais... Num tinha as tale de cigarinha, e essa pragadas danadas... ai depois teve q começar bater veneno, nos sempre não comprava a semente. Pra come a gente tirava e guardava, tinha a tuia né! Hoje em dia ta tudo mudado, nois tem que compra tudo...semente...adubo e os tale de veneno...se não não dá.(JPA...Mata Feia)

Como se pode ler na narrativa, as mudanças de identidade são, de fato, complexas, porque alteram toda a estrutura de vida do sujeito que não controla estas mudanças. Ao perder os laços culturais, afetivos e espaciais, a memória fica distante. Conseqüentemente, as tradições vão sendo esquecidas. As tradições são perdidas e a dominação econômica acabam por destruir as raízes e tornam os nativos estrangeiros em sua própria terra (BOSI, 1992). Esse processo é chamado por Santos (1996) de estranhamento. O sujeito é invadido simbolicamente dentro do seu próprio modo de vida.

O argumento apresentado é substancial quando se analisa os fragmentos de história de vida dos sujeitos pesquisados na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, pois as imposições econômicas são as responsáveis por impor padrões de consumo que tiram do sujeito a criatividade, a sensibilidade para vivenciar as dimensões espaciais onde é o locus de sua vida.

Há...vai, vai.....o povo vai mudano, né! muito de jeito de trabaiá, de prosiá, de fazê as coisas...até as condução mudou tudo, no meu tempo era carroça, cavalo, carro-de-boi, hoje tem esses carro modernoso... as religião tamém né, vai passanu mais pra crente né?...já não mexe com o negocio ai né? Vai indo vai mudano tudo né, é a farta de educação do povo que não tem. De primeiro.. arrumava a mesa, us fulião tudo jantava, se ja convidava. Depois se os cataposo que a não chamava, era tudo separado, todo mundo esperava pra jantar. Cataposo é sem chama, sem convida não, né? Ai o fulião dança, ...uai ganha a nota, os convidados depois os cataposo.O meu marido era saldeiro, ..ela andava... com aqueles negocio de riuna, na chegada e na saída, ele era saldeiro. Hoje nem isso não tem mais né? Acabo..agora o fulião anda de carro, é sem graça a folia né? Era bonitu quando eles ia sai pra i embora, eles fazia..cantava, fazia palhaçada pra i embora, ai fazia um eco na saída...ai sai cantando...era bunitu demais...ai cabo. Já tem mais de 15 anos que cabo isso, tem uns 15 já. Eu, mais meu véio não perdia o ponto! (risos) Eu era convidada, meu marido era sardeiro! Eu acompanhava a fulia né? (entusiasmo) Era bom demais... (D. M. moradora das margens do Ribeirão Sozinha)

A sensível narrativa das mudanças apresentadas, constituem num processo impactante para o sujeito e, conseqüentemente, para o ambiente que este vive. Isso corrobora

com a idéia: as mudanças e suas significações para os ambientes constituem-se num modelo advindo das lógicas economicistas. Em que a produção é diversificada (DIEGO, 2008) .

O fato de que da Bacia estar localizada próxima a uma grande área urbanizada, infere, justamente, alguns dos argumentos pontuados anteriormente, uma vez que a localidade recebe fortes influências e pressões oriundas das cidades próximas ou aquelas inseridas no âmbito da Bacia.

Para Thompson (1992, p. 203):

O inconsciente está estruturado como uma linguagem e vê a aquisição da identidade sexual e pessoal como um processo simultâneo e sempre precário, cujos alicerces são lançados a medida que a criança pequena ingressa na linguagem quando se começa a falar com ela e ela começa a escutar e a aprender a falar.

Tal como as narrativas apresentadas, existem, na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, grupos de sujeitos, famílias que mesmo com a proximidade do aglomerado urbano de Goiânia, continuam a estabelecer fortes relações com estas estruturas territoriais mencionadas, seja resistindo às mudanças na forma de trabalho, seja pelo “embirramento” de não querer sair do lugar onde vivem.

Num dos trabalhos de campo feito em junho de 2008, observamos em uma casa, próximo à toponímia Mata Feia, nas proximidades do Ribeirão Sozinha, uma senhora que insistia em não se mudar da casa onde morava, mesmo com toda a precariedade, ela confirmou que não irá sair daquele lugar, pois é dali que ela conhece o mundo, ou seja, aquele local é seu o mundo. Dali ela só irá sair após a morte. Esse sentimento de que o lugar é um útero vital, corresponde a idéia de Pessoa (2002), denominada memória da terra. Em muitos casos, diferente do critério de posse do empresário agrícola, a terra lembra os avós, os pais, os irmãos e o modo de vida de onde emergiu, por isso, não tem valor econômico e sim valor afetivo.

A idéia de mexer com rapadura, pranta mandioca, milho, fazê sabão, , plantá arroiz... isso vem desde antigamente né, com o povo igual meus avô que toda a vida mexeu... com terra, né! A terra é mãe de tudo, né! mais sempre foi coisinha poquinho né! Aiii..é.. aumentó mais um poquinho, mais sempre foi coisinha poquinho, mais nois tamó parano. Não tamó achau cana pra faze. Olha sai! As vezes sai, mais o lucro. Aí gente não sabe o que faiz mais, não se vende a terrinha e muda pra cidade...Mais eu tenho dô de vendê. (J. P.)

A citação acima apresentada são as bases para o entendimento dos fatores que estamos reportando, tanto nas páginas iniciais deste trabalho, quanto nas que seguirão. Todavia sintetizamos que o enraizamento dos sujeitos tradicionais teve forte vínculo com a vida na terra, sobretudo pelo modo de vida rural. E o desenraizamento forte ligação com a vida urbana. Enquanto que aquela vida, era rude e simples, mas não impactava tanto o ambiente, esta vida agora é rápida e performática gerando grande impacto no ambiente. Além disso, os sujeitos que foram formados por símbolos de raízes vivem espaços que os desenraizam. De modo que a sua fala, o seu saber e o seu modo de vida são patrimônios culturais, memórias e testemunhos que ensinam outro modo vida e outro modo de relação com o ambiente.

Para aprofundar mais o entendimento da História de Vida e de sua significação para o estudo em EA integrada, propomos estabelecer a interpretação de fragmentos e biografias de história de vida. Partimos da compreensão metodológica elaborada por Tompson (1992) e Bosi(1979), a qual estabelece que o sujeito da cultura popular ou tradicional deve contar sua a vida. Tão importante quanto os fatos narrados é o seu modo de contar, isto é, faz parte da sua modalidade de biografar a sua própria existência feita cultura.

Estamos também tomando como aporte os ensinamento de Paz (1956): narrar compõe a vida porque aquilo que não tem nome, não existe na consciência, mas é a vida que é a substância concreta de qualquer tipo de narrativa. Sendo assim, a palavra compõe o real, embora há um abismo entre palavra e coisa. Ouvir a história de vida dos sujeitos que fazem parte da Bacia do Rio Caldas, é assim, uma das últimas formas de compreender a Bacia do Caldas. É o que faremos agora.

4.2.2 Interpretação de fragmentos e biografias de história de vida

Neste tópico, primeiro, apresentaremos a biografia de cada depoente; em seguida, faremos a interpretação dos fragmentos de história de vida dos entrevistados da pesquisa. Como já foi enfatizado, a escolha dos depoimentos a seguir obedeceram critérios que se julgou relevantes no tocante a estrutura deste trabalho. Salienta-se que mais sujeitos poderiam ter sido incluídos, entretanto, dada a pouca disponibilidade de tempo, e as dificuldades para se

realizar as entrevistas, optou-se por apreender a história de vida de apenas cinco sujeitos – integralmente. O que não compromete a qualidade e a significância do trabalho, uma vez que, os aspectos da cultura apreendidos são significativos comparando-se com aquelas entrevistas que não entraram diretamente na pesquisa.

A idéia de se trabalhar com os fragmentos de história de vida, emergiu, não só da contexto da pesquisa, que liga paisagem, território, identidade e aborda a questão ambiental, como também pelos apontamentos metodológicos de Thompson (1992) e Meihy (2004).

4.2.2.1 Os sujeitos e suas histórias de vida

Conforme foi dito, vinte e cinco (25) sujeitos foram entrevistados; entretanto a história de vida de cinco pessoas foram amplamente apresentadas e interpretadas nesta pesquisa. Os quais foram escolhidos considerando os critérios estabelecidos na organização metodológica do trabalho, e também por serem os entrevistados considerados os mais próximos aos objetivos que se pretende chegar com este trabalho.

A transcrição da história de vida dos escolhidos é importante para que o entendimento da prerrogativa que se defende, ao mostrar o sujeito como elos centrais para a elaboração e construção de princípios em EA sejam mais bem explorados.

Abaixo segue a biografia destes.

4.2.2.2 Sr. J.

Eu me chamo J, tenho 80 anos, Nasci na Beira do Córrego Doradinho (município de Caldazinha), passei minha meninagem toda, com meus pais e minha família. Cresci no meio de 12 irmãos. Até conhecer a N., quando eu conheci ela, nós dois resolveu casar, aí nós mudamos para esta fazenda. Aqui chama Fazenda Bom Jardim. Eu vivo nesta chácara com filho e minha mulher. Essa chácara e tudo que Você vê aqui, tudo foram construídas com muito suor. Muito trabalho mesmo, eu e minha velha, fizemos isso aqui tudo sozinhos.

Nós trabalhávamos todos os dias do amanhecer até a noite. Nós plantávamos milho, feijão, arroz, mandioca. A gente criava gado, gado, porco e galinha. Minha velha me

ajudava em tudo. Ajudava a apartar as vacas, a tirar o leite. Nós fazíamos queijo, requeijão, doce de leite, geléia e tudo. Era trabalhão, más compensava pela fartura da vida. Quando nós matava uma vaca, era uma trabalhão só. Você precisa ver.

No começo era tudo muito difícil e muito longe. Eu morava aqui, e tudo que precisava eu tinha que fazer. Eu planta roça, fazia azeite, fazia açúcar mascavo. Só a pinguinha que eu não fazia. Tinha um velho que morava umas quatro léguas daqui, lá pelas beiradas do Sozinha(Ribeirão Sozinha), ele fazia. Eu não ficava sem, né, ia busca a cavalo. Já voltava de lá embalado. Nós trazia muita pinga, pra passar uns dois meses.

Eu tive seis filhos. Hoje é só cinco, pois um morreu. Todos moram na Roça como Eu, quer dizer tudo, só os meninos homens. Porque as mulheres casaram, agora uma mora em Bonfinópolis e a outra mora em Bela Vista. Aqui na minha terrinha, cada um deles tem uma cede. A não ser o mais novo, que trabalha aqui comigo e me ajuda a cuidar das coisas. Porque quando a gente é novo, tudo é fácil, más depois que passa dos setenta, a gente precisa de ajuda.

Esse mais novo (filho), tira o leite, cuida do gado, dos porcos. Ajuda a minha esposa Nenzinha a fazer os queijos. Ele me ajuda em tudo aqui. Os outros filhos meus são todos trabalhadores, gostam muito da roça igual eu.

Minha mulher insiste para Eu mudar de vida, sair dessa casa, ela acha que a casa vai cair em cima de nós. Más eu quero morrer aqui. Aqui está a minha vida...Eu gosto é das coisas antigas. Essa mesmo, é uma casa antiga.

Tenho saudade é daquelas festanças, tinha as festas do Divino Espírito Santo, Bailão, as danças dos Tapúios, que nós fazia aqui. Tudo era muito bom. A rapaziada divertia. Nós bebíamos uma cachacinha.

Tinha festa, tinha muita festa na roça, eu mesmo fiz muita festa aqui ó... porque quanto eu vim pra qui, isso aqui era mato... isso aqui era uma saroba feia. Eu fazia mutirão todo ano. Juntava 50 foiceiro e era boa, mais boa sem tanto... e eu roçano fazia festa, era boa... boa sem tanto. Era sanfona, pandeiro e violão.. e a coisa amanhecia... que graças a Deus fui muito feliz... até aqui graças a Deus... Sou muito feliz na minha vida. Então é isso aí... tinha muita festa. Eu falava pros meus meninos isso vai acabar... [Folia] de Divino Pad'eterno muntado a cavalo... ih.. girei quando era sorteiro. Aquilo era diversão boa

demais... catira, dançava catira.... essa véia aqui [se referindo a esposa] tá com 78 anos e até 70 dançava a noite inteirinha. Nós foi dureza, nós foi dureza...

Menino essas pergunta que ocê tá fazendo é muito interessante. Porque eu sempre falo... deixa pro final... é porque as coisas em vai pro lado de acabá.... e eu sempre falo pros meus filhos... filho não é assim que tem muitas coisas que eu trago do meu pai... eu via dois velho conversano e eu ficava alí estutano. Antena ligada. Quanto eu era assim menino de 10 anos, 12 ano... eu tem uma coisas que 50, 60 anos que eu ainda guardo na cabeça....

Alí em cima onde ela (A esposa) foi criada... se precisa de ir lá onde ela foi criada... tem um paiolão, onde eles fizeram um paiolão pra depois faze uma casa e nunca fez igual eu. Que ela briga comigo, tem que saí dessa casa que cai em riba de nós....e eu .. casa num cai em riba do dono não.... então se tem que ir lá que é aquele paiolão de pau de gueiroba....aquela lenha, aquela linha [viga]... dessa grossura [mostrando o exemplo em casa].

Eu fazia roça... o negócio de carro de boi, se conhece bulhões? minino é o seguinte....eu levantava... mais ou menos assim... em 47, 48(ano de 1947, 1948)...vou voltar atrás um pouquinho porque ainda tem a idade de carro de boi... 47, 48, 49... fui de carro de boi, agora eu vou, eu choro.... ve passar aquilo eu choro... nois gastava 3 dias pra ir em Trindade. De carro de boi.... então é o seguinte... eu de madrugada tava candano boi, enfiava no carro.... a carga de arroz, era 20 saco de 60 quilo. Tinha semana que eu dava 2 carrada.... eu moia cana. Levantava meia noite, eu mais ela.... essa aí vou te contá pro ce... eu falava vamos, vamos.... vou cair naquele buraco... vai comigo.... nois tá com 60 ano... 58 ano de casado. Eu casei em 50.... então eu tem saudade daquele tempo. Eu munhecano era com boi... de pau... eu tem a candeia de azeite que usava, num tinha lamparina... num tinha energia, num tinha nada.... ai nois levantava meia noite... marrava boi no engenho, quando nois ia deitar era 8 hora da noite... quando era 12 levantava. Agora eu falo pros meus menino, a gente só tomava baim [banho] sábado... “pai senhor só tomava banho dia de sábado?” num tinha tempo uai... que quando parava.. se a gente deitava no chão dormia.... ou é hora de levantar de novo... e se quisesse tomar banho era na água fria.... agora hoje, eu falo pra eles assim: hoje ceis pode tomar banho 5 veiz no dia, que o banheiro quente tá aqui.... tem tempo, ceis tem tempo....

Na minha vida... sempre tive minhas rocinha de toco. Minhas roça era o seguinte: ia ter um paiole alí ó... sabe uma carrada de mi.... 40 jacá.... eu punhava 7 carrada de lá dentro do paiole... aí que quando eu vim prá cá... o mais vei meu [filho] tava gatinhano eu morava nas terrinha do meu pai lá.... meu pai tinha um sitiozinho alí era pequeno. E eu sempre gostava de umas ganbira.... e meu pai era nervoso com negócio de pasto quando eu punhava muito gado ali pasto ele falava “tá acabando com o pasto aí num sei o que” . Aí eu casei mais ela viu... aí eu só tinha um carro com 10 boi bõo demais dá conta. Era o que eu tinha... ela num tinha nada, nois namoró assim mais ou menos... que vê... eu fui na trindade de carro de boi em 47, 48, 49... namorei umas moça lá que eu num cunhecia, e tratei no outro ano de topá com ela lá... no outro ano eu já era casado com ela.... se eu fosse eu ia por xifre no cé... eu falei pra ela... então nois casó em 50, mais namoró assim um ano... eu num tinha esperança de casá com ela não....parece que ela num ligava eu muito... eu parece que num ligava ela muito. Intão uma tia minha que morava ali em cima, um dia eu vó pra roça, passo lá na minha tia e ela fala, “ce vai casa com a nezinha, ela chama maria mais era cunhecida como nezinha” eu falei não, ela num quer casa comigo não... queias tinha medo de eu casa com um moça aculá... que eles num queria que eu casasse cum ela ... e ela foi me apertano, me apertano até que eu falei a ela é quem sabe, não que eu mando... se ela quer ir que eu vá... não que eu vou mandar a senhora ir lá.... ela foi, falo, foi aceito, uns 8 meis nois casó.... e graças a Deus tamo vivendo até hoje. Eu tenho uma esposa de outro.

Agora é o seguinte, depois que nois moió essas cana de carro de boi, mudei pra cá... e la moagem era lá onde ela foi criada. Aí vim prá cá.... num tinha energia, num tinha nada, um dia aparece um cara aí com um triturador pra me vender e um engenho, e toda a vida eu gosto dessas coisas, comprei o ingenho e o traturador... a tacha eu tenho até hoje ela pega 125 litro de garapa... aí nós fazia rapadura aculá em baixo.... e ai ela levava mamão pra fazer com rapadura, aquilo dava lergia, nas mão dela, nos pé dela e um dia o engenho quebrou e ela falou “graças a Deus” ... quer brigar fala de cana com a minha mulher... aí fico pros menino, o povo hoje não quer essas coisas não.... tem argum novo que inda enfrenta.... agora ela fala assim pra mim “J. se precisa de esquecer dessas coisas custoso...”

eu falei eu num esqueço desses trem custoso ... que naquele tempo daquela coisa eu tinha saúde.... eu trabaiava, hoje tá tudo... ela buscava água lá... tinha uma fita... meu cacete pifou ela firmou tudo.... dela aí carregano, botou um neto meu, carregano água lá, buscano água tem a fita aí... tem a fita aí... falei eu num esqueço não minha fia, num esqueço não... naquele tempo era custoso mais a gente tinha saúde.... e hoje tem tudo, tem nergia, tem água dentro mais num tem saúde... num diante.

Nóis fazia sabão... Eu ainda tenho sabão de tomá banho de decoada... de torresmo e decoada, não é soda não. É aqueles sabão acheira, ainda tá cherano...para lavar a cabeça é bão demais da conta...Ainda usa. E...Usei eles tudo. Nóis fazia a decoada, do tempo que batia feijão, queimava a paia de feijão e fazia decoada, quando não era assim, nós panhava um machado e ia pro mato, aquela tale de maria pobre...nóis cortava punhava e um poco de verde e um mucado de seco...pá queimá. Era uma cinza iguale soda...iguale soda...Nenzinha cê trais aí a candeia pro mode eses vê como que nós lumiava pra moé cana. Tem uma candeiona de azeite ali que eu guardei...isso aqui...eu tenho o chapéu do meu pai até hoje. Meu pai tem 25 ano que partiu... Tá veno aí a o que usava antigamente (candeia). No tempo deu pequeno não tinha lamparina...era o azeite...minha mãe punhava eu pra mexe aquele trem...punhava eu pá socá até...miná azeite. Eu tinha uma priguíça daquilo... E a gente vistia era uns toco de carça...Punhava eu pá mexe lá. Mexê sem pára pro azeite subi...aquilo espirrava nas minhas perna. Eu não gostava daquilo lá de jeito nenhum. Pá fazê o azeite, torra a mamona, torra a mamona e vai com ela num pilão... a lá o pilão...(mostrou o pilão) e soca até miná um azeite. E punha ela pá conzinhá, o azeite ia subino. Aí ia tirano o azeite purriba. Pois é menino é aquilo ali...atingamente era daquele jeito. Hoje nois num lumeia mais tem a energia. Eu gosto de baté um papo com essas conversa antiga...com muitos num tem jeito de prusiá com esses...a curvessa deles é deferente....quando eu encontro um véio, nóise vai longe. Tudo aqui é muito bom. Não quero sair daqui.

4.2.2.3 Sr. A.

Meu nome á A., tenho 40 anos, nasci no município de Bela Vista, só que era perto

de Caldazinha, más é em Bela Vista mesmo. Eu mudei pra essa casa aqui que você está vendo eu era bem menino. Meu pai morreu, más eu continuo aqui, ajudei a construir esta casa. Meus filhos e minha mulher tão aqui comigo.

Os meus irmãos, que são dois, mudaram, para a cidade, más eu fiquei aqui. Aí conheci minha esposa. Ela é gente boa, que só você vendo. Essa minha vida da roça é boa demais. Os meus meninos, principalmente esse mais velho, é igual eu, não quer sair daqui de modo algum.

Olha...eu tenho um pé fincado aqui. Gosto muito daqui...até pensei que um dia não iria querer ficar aqui mais...Essa casa antiga aí do lado e essas coiseradas...essa velharia aí, são coisas que gosto demais.

Olha Eu não tenho coragem de desmanchar essa casa aí...Essa casa foi meu pai que fez. Têm uns 50 anos. Nem que fosse para a gente mudar e desmanchar...não desmanchava de jeito nenhum. Eu tenho que preservar, né...eu preservei, eu não tenho intenção de desmanchar e fazer outra casa nos modelo de hoje...Hoje não tem como, você não arruma madeira desse jeito para fazer igual essa casa aí. Nas matas não arranja mais. Tem madeira comprada, né...mas é madeira que vem de lugar onde meio-ambiente ta sendo destruído. Más do jeito que as coisa anda aí, nem dessas aí não vai arranjar mais. Tem que preservar a casa que está aí, para não ter que arrumar mais madeira, pois essa casa se for cuidada dura muitos ano ainda.

Sobre aquilo que Você falou no começo da nossa conversa, as festas né...aqui tem muito poucas, acabaram todas. O que acontece aqui de vez em quando é folia, né!!! Rapaz como gosto duma folia...Elas não são iguais aquelas antigas, né. Tem hoje em dia as festas de Rodeio, que eu e os meus meninos gostamos muito. Mas as folias de hoje eu não gosto muito não. Elas estão mudadas... Mas tem sempre na região.

Eu sou um homem que tem fé. Acredito muito em Deus. Eu sou católico. Tem uma igreja na Vila da Mata Feia, lá as missas são boas, tem os festejos de São João, Divino Pai Eterno. Todo ano tem as novena e tudo mais. Lá tem um padre que sai nas fazendas rezando para as famílias...Eu acho isso muito importante, né!!! O povo precisa de Deus.

Na minha juventude o trabalho nosso era corrido...se levantava quatro hora da madrugada, começava a tirar o leitinho, depois ia para a roça e batido era até o sol se por.

Apesar de hoje as coisas estarem complicadas para tirar o leitinho mas naquela época também as coisas eram “feias”. Hoje em dia a gente vai trabalhar na roça, na quebra de milho, cuidando da rocinha de feijão. Na seca o batido é diferente, a gente tem que tratar do gadinho, né...Fazer silo e colocar o silo para o gado.

O meu forte aqui é o leite, não compensa plantar roça mais. As vezes a gente planta mas é só para as despesas mesmo. O milho a gente planta para tratar do gado, dos porcos e das galinhas...Também é bom fazer uma pamoinha, né!!! A gente aqui também tira o leitinho de tarde.

É bom a vida aqui, eu gosto. Tem gente que fala que não gosta de fazenda...eu gosto, eu e meus irmãos nascemos aqui. Meus filhos estão sendo criados aqui. Hoje os meus irmãos moram na cidade...eu nunca tive intenção nem vou ter, se Deus quiser...não pretendo ir para cidade, não...Não pretendo ir... Acho bom cidade... quando tem uma precisão para resolver lá... mas para morar acho que não serve não.

Como eu estava falando aqui a nossa produção é até boa. Aqui nós produz milho, arroz, eu mesmo produzo...A gente produz pro gasto, né!!! Também nós produz uma mandioquinha, todo ano a gente faz o polvilho e a farinha pro gasto. Nós produz também o porquinho, pra carne e pra banha. Aqui nós não uso óleo de soja, não... não precisa comprar óleo. A gente tem uma hortinha aí... uma verdurinha, sem veneno, sem agrotóxico, né...Aqui nós gosta das coisa boa da natureza. Um tomatinho puro é bom demais. Também planto o cafezinho pro gasto...

Eu gosto das coisa antiga, aqui em casa tem um monjolo...Eu uso ele para limpar o cafezinho... também tem um vizinho que traz um milho para a gente faze uma farinha.

Eu tenho até vontade de voltar usar aquelas calças de algodão. Mas aqui na minha região não tem mais tecedeira. Até que fiandeira tem umas mulheres que ainda fia, mas tecer não. Mas eu lembro desse serviçinho, minha mãe mexia muito... Panhava o algodão na roça... eh serviçinho ruim... tirava o caroço, aí cardava, depois tinha a roda de fiar né!!! Aí fazia o novelo... depois pintava, colocava o cor que quiser e leva para a tecedeira. Isso quase que acabou por aqui. Mas pro lado de Caldazinha ainda acha gente que mexe com isso.

Outra coisa que acho importante na minha vida é a natureza, a água, essas

coisas, né! A água daqui é boa. Não pode falar que ela é ruim... eu usava, a gente tinha uma mangueira que vinha da mina... mas danou a dar muito problema... é bem longe aqui da casa... eu hoje uso o mine poço... mas não é questão da água ser ruim... a água lá da mina e do corguinho aí é boa. A água lá da mina é maravilhosa, só que é mil e duzentos metros de mangueira. Tinha dia que isso dava problema, você tava ocupado com algum serviço aí, quando estava sendo muito difícil eu fiz um poço para economizar serviço.

Na minha terrinha eu também não derrubo mato, não. Isso aqui está do jeito que o meu Pai deixou. Tem aqui uns três alqueires de mato... um cerradinho, né. Não gosto de ver mato derruba, mas também não gosto de caçador aqui nas minhas terrinhas, não! Tem que deixar os bichinhos, né!

A minha vida é isso aí que Você está vendo. Nasci aqui e quero ir ficando por aqui até Deus quiser. Vô ficando, cuidando das coisinha aí.

4.2.2.4 Sr^a E.

Eu me chamo E., tem 66 anos e vim de Minas Gerais, tinha 11 anos quando meu pai mudou de minas para Goiás, comprou uma fazenda na beira do turvo, perto de Jandaia e lá eu fiquei até a idade de 17 anos. Com 16 eu casei. Aí antes de fazer um ano que eu tinha casado meu pai vendeu a fazenda lá... nós mudou... vem pra Goiânia, aí nos morou uns tempo, uns tempo, lá em Goiânia, eu tive minha fia mais velha. Antes disso, eu tava com 5 meses de casada adotei uma né!. Peguei uma menininha prá criar a mãe dela morreu. Morava lá na fazenda. Aí ela morreu.

Aí depois veio a minha. Eu já morava em Goiânia quando a minha nasceu. Aí já era duas. Aí meu pai pegou e alugou... porque o João não tinha estudo, toda vida de roça. Meus irmão tudo já tinha, meu cunhado era até escrivão. Aí meu pai alugou umas terra daquele (Leonardo?) de Castro, dono do hotel castro, alugou um ano e levou nós pra lá. E lá nos plantava também de tudo. E lá nois ficou mais de um ano e nois mudou. Eu tive minha segunda filha e meu pai... morava tudo, ele juntou todo mundo. Ficava lá em Goiânia. Minha mãe morava na Vila São José. Tinha dois barracão de 5 cômodo cada um né. Mas sempre os filhos tudo junto né.

Nessas altura meu irmão mais velho tinha casado. Aí ele pegou o pai e um irmão dessa menina que peguei pra criar e trouxe lá de Jussara, e depois a colocou no caminhão e foi para Jussara onde comprou uma fazenda. E levou nois tudo embora pra lá. E lá nos morou 10 anos lá. E lá eles matou uma irmã minha né. Que o marido dela criou encrenca e o homem foi matar ele e matou minha irmã. Aí meu pai desgostou vendeu tudo lá e nois veio pra cá. E comprou aqui e aqui ele repartiu com nos... pra quatro.

Deu para mim e mais três irmão meu. Meus irmão tudo vendeu, eu que nunca quis. Minha mãe gostava muito daqui... ele queria que nos fosse pro Pará junto com ele. Aí eu falei eu não vou não... minhas filha é tudo muié... eu já tinha cinco filha. Aí eu falei agora eu não posso eu tenho é que mudar pra cidade pra dar estudo pra elas. Porque eu não quero essa vida pra elas, né... aí minha mãe ficou aqui e eu fui embora com as meninas pra estudar. Aí eu fiquei lá quase onze anos dando estudo pra elas. O que eu dei conta, eu dei. Eu costurava dia e noite pra... final de semana eu vinha sempre feriado.

Sou feliz, às vezes fico pensando, acho que eu não merecia tanto. E eu sofri tanto, foi uma pobreza... e eu que comprava tudo. Ele (o marido) trabalhava com meu pai na Jussara e eu que comprava tudo, sustentava a casa. Sofri muito pra criar essas filhas... fui pra Goiânia pagando aluguel porque aqui não dá renda, a gente não podia pagar uma pessoa pra ficar aqui, não podia plantar porque não tinha o dinheiro pra plantar... aluguei um barracão e pus elas pra estudar. Elas estudaram na escola do governo. Aí dois sobrinhos, uma hoje é diretora de escola em Roselândia, o estudo primeiro que ela teve foi eu que dei. Aí tinha o irmão dela também... Eu sustentava quatro meninos na escola, eu já tinha três, as outras tava mocinha já trabalhava ajudava a pagar o aluguel, talão de luz, de água, comprar as coisas que precisava, tudo ajudava.

E eu sustentava os meninos na escola. Aí foi uns oito anos sustentando as crianças. Aí foram crescendo ajudando também. Aí é o que eu falo. Eu venci na vida. Porque a pobreza que eu tinha. Tinha a terra, mas só a terra não adianta. E elas tudo trabaió e cada uma comprou a casa própria delas. Que elas comprou com o próprio suor delas. Tudo veve bem, tudo trabaia, tem os emprego bão. Criando as familias delas. É o que eu falo né. E quando dá final de semana tudo vem pra cá... eles tudo gosta daqui.

Essa casa aqui onde eu moro hoje, aqui eles contavam que foi pousada do Chico

Mineiro, quando ele fez aquela música... Quando ele vinha para Goiás comprava gado e aqui era pousada dele. Ele arreuniu o gado dele e pousou aqui nessa casa, o Juscelino Kubitschek, aí eles fala que até o D. Pedro II já pousou aqui. O homem que construiu essa casa foi Olímpio de Araújo, foi eles que construiu... disse que o movimento era muito grande, disse que aqui era ponto de boiadeiro. Minha mãe conta que meu avó vinha pra Goiás, comprava gado e levava para vender em Barretos, NE! Nois é de minas né... aí disse que aqui era um ponto de boiada né. Essa casa foi feita em 1864 né. Pedro Ludovico também andava muito por aqui. O pai dele [Olímpio de Araújo] era orívoro, disse que chamava ele de Zé Dinheiro.

Quando eu vim de Goiânia prá cá, eu capinava plantava roça, limpava tudo e plantava era mandioca, milho cúia. Quando meu pai repartiu aqui pra nois, nos desmatou e fez plantaço.... eu mais as meninas que carpindava. Nois carpindava o dia inteirim e ele (O marido) ia limpando os matos nos pés. Não arrumava gente pra trabaiá... era nois, foi assim uns dois ano.

Das coisa que mais gosto aqui nessa região e minhas fias tudo gosta, é da gabiropa, pitanga, mama cadela, cajuzinho do mato, mangaba... só que essa região aqui num dá mangaba NE! Os pequi todo mundo gosta aqui. Quando dá... essas frutas sempre começam em novembro. Aí a gente saía pros matos catando. O cajuzinho a gente catava até pra fazer doce.

Aqui na nossa terrinha ainda muito, porque agora nois preserva um pouco. Antes, igual eu te falei nois desmatou...precisa, né! Planta arroz, feijão, milho e criar o gadinho.

Nois até foi criado na região de Jussara, lá tinha uma planta, num era uma planta, era do cerrado minha mãe chamava ela de “butica inteira”, chamava também de “sabão de gentis”, ela é uma raiz, a gente rancava, rapa ela assim um pouquinho, deixa de molho na água aí a gente escorre aquela água e bate, faz igual clara de ovo, ela vira aquela escuma, ela é medicinal, minhas fias, nois tudo tem a pele bonita, é porque nois usava toda vida isso, fazia lanche, nois não tinha aquelas coisa boa, porque toda a vida aqui na roça.

Fazia gemada de “sabão de gentis”, é bom pra pele, pro sangue, pra tudo. Eu conhecia muito, hoje em dia eu não dó conta de saber de tudo. Aqui mesmo eu tenho de tudo pra curar gripe. Tem aquele guaco, hortelã, alevante, tem vique, erva-cidreira, capim

eucalipto, tem mais... a gente na hora assim esquece. Tem muito, a gente usa folha de laranja, folha de manga tudo pra fazer chá, faz xarope. Xarope a gente faz de cebola. Corta a cebola e queima folha de manga, folha de laranja, vique, hortelã, o alevante, ervacidreira, ferve ele bem, queima o açúcar com a cebola, despeja o chá lá dentro e deixa ferver até engrossar, virar xarope. É uma beleza também para os pulmão. Pra gripe. A minha fia só cura as gripe... e oia que ela trabalha lá com os médicos na clínica S. M. em Goiânia, porque lá é ar condicionado e quando ela vai chegando aqui já vai falando, ah! “Mãe é só fazendo um xaropinho”. Ela usa o xarope, bebe e fica boa.

Aqui a gente planta um pouquinho. Muita coisa é tirado daqui. A gente planta mandioca, faz polvilho da mandioca. Hoje eu pus um arroz de molho pra mim fazer bolo de fubá de arrois. Soca ele no pilão, tira o fubá e eu masso o bolo. Já não precisa de farinha de trigo né. Do milho a gente faz de tudo, faz o angu, faz pamonha, faz cural, as vezes a gente não quer fazer pamonha na palha, põe os tempero tudo e cozinha ela na panela. E da mandioca a gente faz de tudo, rala ela e faz o mané pelado, faço o bolo.... quando eu vou fazer farinha eu seco a massa, de fazer a farinha, eu tiro um pouco ponho pra secar, aí nois fala a raspa. Bolo de raspa de mandioca, daquela, daquele fubá da mandioca. Fica uma delícia. Faço biscoito direto aqui só. A maioria das coisas é tirado daqui mesmo.

A gente compra pouca coisa. Porco aqui é sadio, só come o que a gente tem... goiaba, ramo de mandioca, capim. As galinhas tão presa ali, mas eu fiz um quintal grande, porque senão a onça vem aqui na porta pegar elas. Um dia ele tirando leite (o marido) vem uma onça e pegou uma galinha ali junto dele. Um dia pra mim ela rosnou... eu ranco os matos ali com as mãos... eu tava lá de manhã rancando os matos, aí ele foi embora pra Goiânia e eu fiquei sozinha e Deus. Tava o tempo nublado querendo chover, aí eu falei vou rancar os matos ali ante de chover. E agachei lá, escutei rosnando pra mim quando eu levantei, ela tava lá debaixo dos pés de jabuticaba... as galinhas ainda era solta, tava ali beirando o rego d'água. Aí quando eu levantei, ela correu assustada. Acho que quando ela viu eu gachada achou será que que era aquilo? Aí ela rosnou, quando ela rosnou eu pensei, rosnado de gado não era. Aí eu levantei, ela correu, pulou o rego d'água e as galinhas correu tudo pra cá.

Ano passado ela pegou uns quinze gato aqui. É o que eu falo nois aqui é que não

desmata, aqui é tudo mais sujo, a gente limpa só envolta da porta né. E os povo desmata tudo põe capim, os bicho tão vindo tudo prá cá. Os passarinhos tem uns que a gente vê que não tinha. Aqui tem sucuri... um dia eu vi ela ali carriada... eu fiquei incabulada de ver. Chamava ele pra ir lá ver e ele não escutava, eu vim e contei e falei que no outro dia cê pode ir lá e ver. Ele não foi e eu fui, ela tava lá no mesmo lugarzinho e quando ela andou assim na beira do rio... aquelas árvore menor balançou assim.

Aqui eu faço biscoito, peta, biscoito de coalhada, biscoito de fubá de canjica. O fubá de canjica faz sem aquele olho do milho... o fubá é mais puro. A gente faz broa do fubá de canjica. Você faz tudo que você quiser do milho e da mandioca. Nada perde. Faz bolinho frito de mandioca. Fica uma delícia. Eu planto aqui horta: almerão, couve, repolho, alho. Planto bastante coisa. Não compro nada. Tudo sem veneno.

Eu uso esterco de galinha. O de gado tem que jogar água e deixar umas duas semanas. Já o de galinha não. Só varro lá onde elas dorme e já coloco na horta. É o mió que tem. Para os bichinhos de orta, a gente faz uma água de sabão e joga. Pra ´ queles purgão, piolho que dá nas couve. Mas a gente joga água de sabão. Água de fumo. Põem folha de fumo de molho e joga. A única coisa de veneno que usa é fornicida pra matar as formigas. Ele já tem a bombinha e joga para elas nos buraco.

Pra mim, essa terra aqui, o Caldas é uma riqueza, a maior riqueza do mundo. Tem o córrego que passa aqui dividindo. Ele cai bem nas nossas terra. Faz divisa com o Caldas né. É bão. Na época da seca eles vai banhá, é o que eu falo. Não pode deixar acabar. Se a gente pode zelar a gente zela e fica protegendo.

4.2.2.5 Sr. J. P.

Eu nasci em Cabo Verde em Minas Gerais, na fazenda, no lugar chamado Água Limpa, aí nessa época eu tinha meu pai e aí passado uns tempo meu pai, mexia com lavoura, e nós era tudo pequeno aí ele mexia com negócio. Aí ele, tentou suicídio, não deu conta de pagar as dívidas e tentou suicídio. Aí fico nois pequeno, foi eu os outros irmão, aí nois fico pobre, num tinha nada, ai nois comia até abóbora madura cozida na água.

Quase morremo de fome. Nossa vida foi essa, o começo né.... quando eu tinha

sete ano de idade eu peguei a trabaiaá pro povo. Ajudando a ará terra, lidando com boi, trabaiano aqui e ali. Foi até idade de quatorze a quinze ano, essa luta, aí ficava eu e meus irmão mais pequeno, eu era o mais veio, aí eu saí, teve uma época que eu saí, aí falei pra minha mãe vou sair pra poder rumar um recurso meio, aí pra nois. E minha mãe trabaiano pra poder tratar de nois né... aí eu saí, fiquei uns tempo.

Mas sempre pelejando pra rumar as coisas né... e noise passamo muita difirculidade na vida, eu, como diz num tive infância. Num estudei... tinha seis anos quando meu pai faleceu. Num estudei tem pouca leitura. Eu trabaiei no cabo da enxada pra ajudar minha mãe. Aí eu saí, vim pra Centralina, saí lá... aí ficou meus irmão pequeno. Era pequeno mais já era tudo trabaiano, tudo ajudano também né... aí as coisas foram melhorando. Minha mãe ficó... Eu toda vida fui um sujeito, como diz, que num tive infância, sempre trabaiano. Qualquer serviço, capinar, rancá toco.... fazé derrubada de mato, pegá aqueles pauzão grosso no mei do mato... aqueles serviço... fazendo derrubada de mata pra fazé roça. Foi essa vida assim muito tempo. Depois que eu vim pra Goiás, vim pra fazenda do meu sogro. De Jandaia. Ele era fazendeiro de Jandaia, ali na beira do rio turvo, fazenda, rio peixe só.. Hoje eu só casado com a fia dele a fia do patrão. Fui prá lá trabaiaá com ele, fui trabaiano... fui juntano uns dinheirim, tinha uns 17 ano. Fui juntano dinheiro... ficava tudo com ele né.... aí comecei a namorar a fia dele e deu em casamento. Eu gostava dela e ela também gostava de mim. Aí tó aí com a menina, cinqüenta ano junto... Nos mudamos para Jussara.

Depois mudamos. Toda vida meu serviço foi roça. Compramos terra lá... nois foi trabaiano e pagano essas terra. E nois trabaiano de sociedade. Eu meu sogro e meus cunhado né... meus cunhado era tudo novo então era o veio que determinava tudo. A gente obedecia aquela voz dele né aí ele garró vendeu a fazenda lá e nois mudamo aqui pra Goiânia. Ficamos morando na cidade uns tempo.

Foi lidar com roça a mesma coisa, porque lidava era com roça. Era o que eu sabia fazé... num estudei pra ter um bom emprego. Aí com o tempo, passado um tempo eu cansei daquela vida lá na roça. As meninas precisano de estudar... ai mudamos pra Itaguari. Aí nesse mei caso, as menina já foi ficano mocinha.... aí meu sogro vendeu a fazenda lá e comprou essa aqui. Deu pra minha sogra morá e trazé nois pra qui. Ele repartiu esse negócio aqui pra nois. Dividiu pra quatro, tem uns 37 anos que isso aconteceu... meus cunhado

venderam tudo só eu e ela que fiquemo, minha esposa ... fui trabaiano, pelejano.... aí eu rumei serviço nas empresa em Goiânia. Aí trabaiei lá 15 anos. Trabalhava lá e trabalhava aqui. Trabalhava lá durante a semana e final de semana vinha cuidar da roça, capinar, plantar meu arrozim da despesa, polvilho, não tinha gado não... minha sogra tinha... aí cansei dessa vida de lá prá cá e resolvi sair da firma. Aqui tava virano só saroba, só mato, eu tinha que vim cuidar. Minha sogra num zelava, adoeceu, minha muié também adoeceu.... como eu ia fazer? Sogra doente, muié doente, o jeito era ir embora.

Aí minha luta é essa aí... eu já tô com 72 ano. Então minha luta é essa aí. É roça, levanto 6 hora tiro leite, depois pego as ferramenta e vô pra roça trabaiaá. Nunca tive folga ou de serviço maneiro. Sempre de domingo a domingo. Agora eu num ando guentano mais não... minha idade já não dá para fazer certos tipo de serviço.

Eu tenho 5 fia, mas a mais velha é adotiva. Aí casó todo mundo, aí ficou eu e ela aí trabaiano. Só fia muié... mora tudo em Goiânia. Nois num deu muito estudo pra elas não, mas elas estudou o que dá pra viver né... hoje em dia uma é professora, trabaia no estado. As outra num são professora mais tudo tem seus ordenado né... tudo trabaia... mas graças a Deus, fome a gente não passa não. A gente não tem dinheiro, mas fome a gente não passa.

Das coisas que eu lembro, da minha vida assim, Eu gostava das festas que tinha assim nas fazenda. O povo fazia mutirão, fazia festa, matava vaca, aquele festão, aquele mundão de gente que ia roçar pasto aí fazia festa. Aqui não tem essas, outra festa não tem aqui berano... só no município de Bela Vista eles festeja, festa de Santos reis, mas aqui na minha região não. Eu já fui convidado, mas eu nunca participei não. É muito difícil pra gente sair. Eu como não tenho condução, num tem carro num tem nada, fica difícil. Eu gosto, mas eu não tem condição de ir. Eu tô com vontade de participar da folia que vai ter em Itaguarí, a saudade corta a gente... lá dia 06 de Janeiro, ta perto, dia 06 vai ser a entrega da folia. Eu tenho um irmão que mora lá... ele sempre me chama pra ir.

As festas de mutirão de mutirão era isso, as vezes o fazendeiro tinha dificuldade de arrumar companheiro, dificuldade de pagar, a reunia os mais pobres pra ajudar, vai bater pasta pra quela pessoa, fazé o mutirão. Depois a compensação é a festa. A noite é forró né... é só música sertaneja, só modão... sanfoneiro... o agitório é o mesmo mutirão. A traição se

faz da mesma forma também. O cara faz a traição mas o dono da fazenda não fica sabendo. Já aconteceu comigo aqui. Eles arreunem tudo, o pessoal todo fica sabendo, o pessoal da casa fica sabendo, mas eu não to sabendo não. Até uma vez aconteceu isso aqui comigo, eu não sabia, nessa época eu trabalhava na empresa.

Aí quando foi um dia de sábado, sempre sábado eles convocam a gente pra fazer hora extra, eu não sabia desse mutirão não... eles inventaram um negócio aí... e aí eles perguntaram se eu ia trabalhá lá... eu falei eu vou trabalhá... ai eles falaram, se não vai trabalhá não... já trabalhou muito... eles deram aquela desculpa né... aí depois eu liguei lá e dispensei aquele serviço... disse que não podia ir, que deu atrapaio né... aí quando foi de madrugada o pau quebrou... o povo chegou de surpresa. Tocando sanfona, soltando foguete, tocano violão... eu acordei assustado não sabia nem que era aquilo. Aí eu logo pensei que isso aí era a traição que esse povo tava me dando aí... mas juntou gente, teve bão. Achei bom... limpou meu pasto.

Outra coisa, de primeiro tinha, aqui em casa mesmo todo ano a gente festejava São João. Há uns tempos atrás a gente fazia festa, vinha gente de Goiana. Aí foi indo a festa tava ficando caro demais e a gente não tava dando conta, até minha fia foi embora pros Estados Unidos, a gente desgostou ... as vezes quando é dia de sábado faz uma fogueira, convida os vizinho, arrebenta pipoca, faz doce, assa biscoito, é a turma aí, todo ano a gente festeja São João. Mas não faz terço e nem novena.

Tinha muita fruta do mato, mas o povo desmata e quase não tem nada. O pessoal desmata e acaba com tudo né. Fruta do campo, gabirola, mangaba, araticum, aqui tinha tudo isso. Mas aí tá tudo limpo. Os fazendeiro desmatou tudo. Num tem, quando tem é assim mais longe. Os frutos da natureza é muito bom, ingá, guapeva. Fruta docinha, tem muita fruta que a gente aproveitava. Eu não quis desmatar, eu tenho essa parte aqui de mata que eu não quis desmatar. Os neto, bisneto aqui da gente, da qui um tempo não sabe nem que que é mato. Os fazendeiro não sabe o que é bom.. A gente come, os bicho come. É preservar a natureza.

Pescar de vez em quando eu gostava de pescar.... mas agora hoje em dia nem vou mais acabou tudo. O pessoal destruiu tudo. Teve época de eu até brigar com o povo aí pra não pescar. Eu nem pescar não pesco... a gente tem certa idade mas a idade.... mas eu gosto

de vida e os peixinhos também gosta né. Aqui antigamente tinha muito bicho. Aqui nesse matinho que eu deixei aqui tem muito bicho, tem até onça. Elas pegam até criação minha aqui. Eu não deixo entrar aqui nem pra pescar e nem pra caçar. Aconteceu uma coisa mês passado que eu achei muito interessante. Eu tava capinando alí ó... tinha uns pé de mamão alí... tinha um mamão maduro eu tava comendo. Aí tinha um macaco lá... aí eu tava olhando aquele macaco aí eu pensei... deixa eu ver se esse macaco vai querer comer o mamão. Aí eu peguei o pedaço de mamão coloquei no galho e saí lá de perto. Se não é de ver que o macaco desceu do gaio pegou o mamão e foi comer lá do lado de cima do gaio. Achei bom da cena daquele bicho do mato. Já vi onça, preta, onça vermeia, já vi muita onça aqui, ano passado ela veio aqui. Nos com medo das agua ano passado, ela pega esses bicho aqui, gato. Tamanduá anda aí no mei do gado. Tem medo da gente também... evita né... se não mexeno com ele não tem nada. Viado transita pra lá e pra cá...

Essa casa já era antiga quando a gente veio pra cá... Essa casa aqui foi feita nas mãos dos escravos. O cara que fez isso aqui era caprichoso. Ele gostava das coisas boas “quando ele morreu a viúva casou com um tal de Senador Canedo. Aí ele ficou com essa fazenda aqui e pegou outra fazenda e deu pra ela e aí ele pegou essa aqui e vendeu. Acho que foi pro Zeca Silva. Esses do Zeca Silva vem aqui até hoje. Eles vem aqui e chora... fala que aqui é a casa da mãe. Anda tudo aí oiiano.... aí eles mudaram pra cá acho que foi em 1936, foi a família do Zeca Silva. Não sei quanto tempo eles moraram aqui, sei que depois de um tempo venderam prum tal de Zé Martim. Disse que ele era pinguço... o pai dele que comprou pra dar de herança. Ai ele foi vendeno, vendeu o gerador que gerava energia, tinha telefone, disse que ele vendeu tudo. Vendeu as teia, as madeira que cercava o mangueiro. Disse que ele foi vendendo tudo. E por último ele já tinha vendido as janelas. Aí ele vendeu pro João de Brito. Aí quando o João de Brito mudou o homem que ele vendeu as janelas chegou para arrancar. Aí o João de Brito não deixou. Aí o João de Brito que vendeu pro meu pai. Aí foi em 1971. muitas coisas a gente já arrumo, mas a gente preserva. A única coisa de diferente é que ela não tinha banheiro. Aí eu fisso um banheiro no cantinho do corredor. Aí o professor Ricardo ainda até falou... ola dona E. quando a senhora for arrumar ela vai ter que derrubar o banheiro (disse a mulher). A energia tinha tocada de gerador. Tinha moinho de pedra, moinho de fubá, movido a água. Eu comprei o monjolo mas não funcionou não veio estrada.

Em o engenho de moer cana. Quando minha mãe mudou pra cá minha a mãe moia muita cana.

4.2.2.6 Sr. L.

Eu chamo L. Sou daqui das berada da Mata Feia mesmo, e gosto muito cavalo, carroça, tirar meu leitinho... tenho 65 anos. Minha mulher tem 60. Minha vidinha aqui até que é muito boa. Falta é força para trabalhar. A gente vai ficano véio, né só...

Agora no mês de junho teve a folia, teve folia aí... festa tem sempre lá na mata feia na vila ali... tem sempre uma festinha, mas é coisa atual não é nada de mais... tem sempre folia do Divino e de Santos Reis, tinha a festa de folia, festa de mutirão que as pessoas fazia mutirão pra fazer serviço, fazia festa... esses mutirão assim....tinha os mutirão...é o seguinte a pessoa chama os amigo, ajunta um monte de gente pra fazer o serviço e daí de tarde faz a festa... forró... de noite a gente bebe uma cachacinha e vai dançar, hoje quase não tem... esse negócio de mutirão quase não tem, mas essas folia e as festa que oce perguntou ainda tem... mas tudo coisa natural não tem nada de exagero...Religião tá assim mei misturado né tem católico, tem crente, espírita...

Eu quase não planto, a gente compra é no supermercado né... agente que é... só eu sozim pra trabaiaí quase não planto não... planto só o quintal, só ramo de mandioca, nos tamo muito preguiçoso também né... antes a gente trabaiaava mais e colhia mais né, agora aqui o negócio de lavoura tá muito difícil né porque as pessoa que mexe nas áreas pequena não tem quais como tocá no braço, quase não dá conta mais só, as pessoas que tem que é a toa que pega. Que pega as área aí pra limpar dá formada aí pega e planta quem colhe mais aqui mais na região nossa é essas pessoa...

Só aqui, queijo muita gente faz queijo, mas sabão esses negócio quase não tá fazendo mais não, as pessoa quase não mexe com isso mais não. Agora queijo as pessoas faz muito o queijo...

Pra fazê o sabão, a minha esposa fazia o seguinte já punha lá aqueles cebo de porco torresmo de porco tamém, cebo de gado e põe na panela, põe de coada, soda, a de coada nos pegava enchia uma lata de cinza socava bastante, fazia aquele pilão na cinza

enchia d'água aí ela ia pingando na bacia lá embaixo ia pingando a de coada, não usava soda no de coada, depois que pegó a usar soda. Esse sabão (de coada) parece era mió ainda...

...usava azeite de mamona, minha muié fazia o azeite da mamona e tinha o atiçadorzinho né pra atiçar e chegar aquele pavilzinho pra diante toda hora né, era difícil mas era assim né, era assim que funcionava, inclusive até ne festa, as pessoas fazia festa, fazia barraca e pindurava candeia pra qui e pra li, tinha servente que ele ia tiçando aquele trem pra não ir apagando, era difícil né...

Essa casa é de adobe uma parte, só a cozinha que é de tijolo mas o restante da casa é de adobe. O adobe é muito simples, cavava fazia o buraco e ia pono, pono água, cavano e massano aquilo no pé com enxada de todo jeito e depois do barro bem massado tirava no braço e jogava dentro da forma de madeira, passava um pano molhado em cima pra alisar e já punha lá no lugar, puchava a forma e tirava e deixava secar. Usava terra vermeia. Demorava dois dias, tres dias e tava seco usei muito pouco. Monjolo tinha também, hoje não tem... naquela chácara na Vanda tem monjolo quais que novidade. Argum lugar que tem monjolo. Mais usava era mesma a enxada, porque, machado e foice as ferramenta nossa aqui mais era essa.. eu que usava essas ferramentas, outras pessoa usa moto serra, mas eu só usava essas ferramenta.

Arguns instrumentos que era muito usado pelas pessoas é que mudou muito, é que agente não dá conta de tocá lavoura, porque ficou muito caro as coisas né...agente tem terra pequena, nois vive quais que do leite né...o gadim... antigamente plantava de tudo.. plantava mi, feijão, arrois, mas parece que tudo isso foi acabando. Guadava eilas, fazia uma tuia de madeira ou até de adobe num canto da casa ou duma casinha alí, guardava arrois era tudo diferente de hoje né... trocava semente com o vizim, um tinha duma qualidade outro tinha de outra e aí trocava acabou aquele mião que dava, e ficou só milho miúdo, miu híbrido e mais num sei o que. Nois plantava sempre era no princípio da chuva, outubro, novembro, num tinha esse negócio de irrigação, esses mi fora de tempo num tinha... dava em uns três meses né...tinha o milho de pipoca, a gente plantava de carrera de pareia com outro milho.

As roça de toco era a dirrubada de machado e passava o fogo, plantava, era a roça mais fácil pra gente tocar era essa. Num nascia praga, só nascia as brota dos toco né....

era mais fácil tocar roça.

4.3 INTERPRETAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE HISTÓRIA DE VIDA – SUBSÍDIOS PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Neste item, buscaremos analisar os fragmento de história de vida dos sujeitos pesquisados, os mesmos apresentados no tópico acima, categorizando os elementos apreendidos, com vistas a enriquecer e tornar o trabalho mais aprofundado.

Aqui, serão apresentados os principais elementos apreendidos na história de vida dos vinte e cinco pesquisados; além de uma análise dos cinco relatos apresentados em sua integralidade.

As interpretações das narrativas, foram feitas pelos fragmentos das histórias de vida, separadamente.

4.3.1 As paisagens da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas pela História de Vida: uma realidade de mudanças estruturais

As paisagens são portadoras de inúmeros atributos no seu processo de constituição. A cultura se compõe como epiderme e confere forma aos mosaicos paisagísticos existentes. Esses mosaicos são formados, sobretudo, por elementos culturais de heranças pretéritas (HOLZER, 1999). Os quais se tornam territórios identitários nas dinâmicas do processo de ocupação.

As narrativas e histórias de vida dos sujeitos que vivem na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas são um bom modo para se entender os mosaicos da cultura tradicional, como, também, é uma forma de dar atenção à riqueza existente no modo de vida simples das pessoas comuns (THOMPSON, 1992).

As experiências adquiridas por estes sujeitos formam possibilidades de compartilhamentos de questões humanas, que possibilitam o entendimento das mudanças sociais, estilos de vida, valores e o estabelecimentos das múltiplas relações socioculturais (THOMPSON, 1992), além de ser um relevante modo de se ter percepção social de fatos

ocorridos na sociedade.

A dinâmica estabelecida pelas mudanças nas estruturas socioculturais, transformaram as paisagens, como, também, promoveram o desenraizamento cultural (BOSI, 1992). Pelos vários mecanismos estabelecidos pelo sistema capitalista, sobretudo no campo, onde a perda de referências acontece, pela implantação das monoculturas mecanizadas e das pastagens extensivas.

Nesse processo, os territórios identitários mudam as paisagens ao destruir sua roça, derrubar sua mata, mudar os objetos de uso cotidiano, o modo de falar, as relações de trabalho, extinguir sua caça e a lenha, secar as nascentes, invadir a criação de galinhas, as quais são incompatíveis com as demandas da agricultura modernidade e produtiva(BOSI, 1992, p. 17). A análise das histórias de vida, nos levou a considerar como mudanças estruturais das paisagens da Bacia do Rio Caldas, de acordo com a biografia narradas pelos sujeitos entrevistados, o seguinte:

- a) Alteração na produção para subsistência. Em várias paisagens há substituição da economia baseada na troca simples, pela economia capitalista moderna. Ao analisarmos o relatos de história de vida, tanto aqueles que apresentamos integralmente na pesquisa, quanto aqueles que não apareceram nesta pesquisa, demonstram nos que a economia local, sofreu tremendas mudanças em suas bases;
- b) Criação da necessidade de vínculos recorrentes com o mercado a partir da criação de novas práticas de consumo;
- c) A substituição de forças produtivas e meios de trabalhos vinculados à terra por componentes originados do sistema industrial;
- d) A necessidade de se utilizar agroquímicos no uso do solo;
- e) Mobilidade demográfica diferenciada nas paisagens e na estrutura etária da população: há municípios que crescem e outros que diminuem a população. Há tendência de os jovens migrarem, e de os mais idosos se manterem;
- f) As pequenas propriedades são guardiãs do patrimônio cultural tradicional;
- g) Maior concentração de áreas preservadas nas pequenas propriedade;

- h) Hábitos alimentares e saberes tradicionais vinculados aos sujeitos mais idosos ligados às pequenas propriedades;
- i) Sentido de pertencimento e de afetividade entre os sujeitos com raízes rurais, que continuam a viver nas áreas rurais;

Outra categoria expoente das histórias de vida que merecem ser avaliada é a ressignificação identitárias e os medos provocados por esta ressignificação.

4.3.2 O medo e as ressignificações identitárias e territoriais

Das várias mudanças das paisagens da Bacia do Rio Caldas, as narrativas apontaram essas como inclusas de ressignificação identitárias. Consideramos que estas mudanças provocaram alteração na vida do sujeito, pela via das mudanças estruturais da bacia. São elas:

- a) Assaltos em zonas rurais e roubos nas zonas urbanas. Ocasionalmente fobia urbana.
- b) Temor dos pais pelo futuro moral dos filhos.
- c) Temor dos pais pelo futuro social dos filhos – emprego;
- d) Disseminação de drogas entre a juventude
- e) Alteração de religião das raízes dos avós e pais.
- f) Dificuldade para gerar renda nas pequenas propriedades.
- g) Inserção de novos valores, alterando o sentido éticos das relações.
- h) Dificuldades para lidar com as áreas rurais onde vivem em função de suas idades;
- i) Perdas dos referenciais culturais;
- j) Pouca valorização dos elementos da cultura tradicional;
- k) Padronização nos valores culturais existentes nos dias atuais;

4.3.3 As mudanças ambientais e culturais – uma interpretação dos relatos de história de vida

De acordo com os relatos apresentados, as principais mudanças ambientais resultam do modo como as áreas, no âmbito da Bacia, são manejadas, estes fatos podem ser

percebidos na fala dos depoentes, as quais apontam, sobretudo, a substituição sementes de milho comum, que na sua fala, as espigas eram grandes, agora as espigas são miúdas. Atualmente as sementes utilizadas, são aquelas híbridas, oriundas da engenharia genética. Conseqüentemente o sujeito não detém o seu controle, mas sim, as grandes empresas do agronegócio.

Também constatamos que os depoentes apontaram uma diminuição na quantidade de espécies da fauna e aumento das áreas desmatadas, o que leva a crer que: o ambiente no âmbito da Bacia perdeu significativas áreas para às lavouras e pastagens. Durante os trabalhos de campo observou-se que as propriedades possuem pequenos pedaços de área verde preservada, o restante é destinado à pastagem. As margens dos córregos que passa nos fundos da residência possuem o ambiente ciliar preservado em todos às propriedades visitadas.

Outros aspectos relevantes nas narrativas, relativos à cultura. Consiste na diminuição na quantidade das festas, as quais ainda existem, mas com pouca frequência. Principalmente as folias de Santos Reis e as festas de Mutirão. Estas eram comuns há pouco tempo nas regiões interiores da Bacia. Nos relatos ficou evidente, que estas festas que ocorrem nos dias atuais, têm exageros, ou seja, arruaças e bagunças. Mas que àquelas que ocorriam no passado eram “boas e sem baderna”.

Os mutirões que eram realizados com planejamento, também quase não ocorrem. Apenas está vivo na memória da maioria dos depoentes. Esses mutirões consistem no seguinte: o dono da propriedade convidava as pessoas para ajudar na lida “e a noite tinham as festas”, normalmente o “forró” com tocadores de viola, violão e acordeom. As narrativas demonstram que o atrativo destas atividades era o que ocorria após o dia de trabalho: as danças, a comida, a cachacinha, a música e a satisfação de ajudar “o companheiro” a colocar em ordem sua propriedade.

Tais práticas foram marcantes para que o estabelecimento territorial e as constituições identitárias desses sujeitos, por meio de suas relações com o ambiente. Estes processos tiveram enormes ligações com o que Diego (2008) chama de agrossistemas tradicionais, os quais baseiam-se na produção diversificada e em práticas, como os mutirões, festejos, reunião para fazer pamonha etc em torno das produção agrícola. O autor fala de uma situação que ocorre em área rural da Espanha, o que é perfeitamente aplicável no contexto do

Cerrado.

A vida das famílias e comunidades tradicionais existentes na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, segue uma tendência econômica, em relação a produção para a sobrevivência, baseada em uma atividade principal – normalmente a agropecuária: criação de gado para leite – e as atividades secundárias, como a criação de porcos, galinhas, hortaliças, etc. Esse modelo obriga o produtor a comprar os suprimentos necessários para a sobrevivência, criando assim, uma situação em que vendo os produtos da atividade principal e com o dinheiro se obtêm o que necessita. Essa constatação é presente mesmo entre as famílias e comunidades que preservam elementos da cultura tradicional.

Fica evidente que as influências da lógica capitalista, impõe padrões de consumo e facilidades que os leva a mudanças no modo de cultivar a terra; criar animais; manusear objetos e ferramentas; e nas práticas de produção. Apesar de terem ocorrido poucas alterações nas técnicas utilizadas para se realizar determinadas atividades, alguns produtos que eram fabricados artesanalmente nas propriedades, são substituídos por outros industrializados.

Assim, consideramos que as riquezas culturais e naturais existentes na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, carecem de ações enérgicas, com vistas a promover o resgate dessa diversidade. No próximo capítulo iremos apresentar a EA ancorada na sustentabilidade e ecologia profunda, como uma possibilidade para tal empreitada.

5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL – ABORDAGENS E PRÍNCÍPIOS PARA AÇÕES NA BACIA DO RIO CALDAS

Neste capítulo, buscaremos apresentar a EA como uma das possibilidades para “ações” que potencializem o ambiente da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas como um território integrado de vida. Para realizar este expediente, apresentaremos bases filosóficas que julgamos gerar alternativas mais próximas daquilo que consideramos como valores pertinentes ao respeito, ao cuidado e às formas de uso que consagrem a vida como o ideal primordial de toda e qualquer ação. Ou seja, uma EA amparada na integração dos seres vivos, com vistas à sustentabilidade. Iremos, também, apresentar princípios em EA, na ecologia profunda e na sustentabilidade.

5.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL – TÓPICOS PARA SENSIBILIZAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS NA BACIA DO RIO CALDAS

A Educação Ambiental não pode ser vista apenas como instrumento para conscientizar os sujeitos sobre os problemas ambientais presentes nos dias atuais e propagandeados pela mídia, que espetaculariza e massifica esses problemas contemporâneos - tais como: degradação dos solos; destruição da camada do ozônio; aquecimento global; destruição das florestas; excesso de lixo urbano; poluição dos rios e mares; entre outros. Mas, como suporte de valores e conteúdos práticos que contribui para a formação de valores pautados na sustentabilidade (TRISTÃO, 2005).

Para esse entendimento, deve-se levar em consideração as relações dos sujeitos sociais da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas com o mundo em que estes vivem, por meio das narrativas e a produção de suas práticas (TRISTÃO, 2005). Ao estabelecer esse princípio, exige-se pensar que é preciso inserir todos os problemas e contradições, valores e subjetividade na práxis²² do educador ambiental e profissional de qualquer área que atue no âmbito da bacia, com vistas a recuperação e preservação integrada dos elementos ambientais.

Ora, isso irá estimular a considerarmos novas maneiras de ver, focalizar e viver

²² Práxis significa ação com reflexão “A práxis é reflexão e ação dos seres humanos sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor – oprimido”. (Freire, 1987)

relações com o planeta terra e com tudo que a consciência planetária supõe, como “tolerância, equidade social, igualdade de gêneros, aceitação da biodiversidade e a promoção de uma cultura da vida a partir da dimensão ética (GUTIÉRREZ; PRADO, 1999, p. 31).

Sendo assim, a EA transformadora deve ser dialógica, participativa, contextualizada, politizante e emancipatória (TONISSI, 2005), de modo que para ser efetiva deve apresentar elementos intrínsecos ao cotidiano, conforme nos mostra Brandão (1981, p.7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços de vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender – e – ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.[...]

Ao corroborar com os dizeres da citação acima, podemos inferir que a educação está no dia-a-dia de todos e todas, e sendo assim, deve incorporar ao cotidiano o respeito à diversidade e a valorização dos elementos identitários da cultura e da história de vida dos povos cerradeiros na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas. Cabe, também, mostrar que a vida não é apenas um dado da genética, mas uma afirmação da cultura mediante a qual se produz sentidos, significados, valores, alegrias. Compreende o ambiente, a cultura, o símbolo, as crenças que determinados sujeitos efetivam por meio de sua tradição.

Essa compreensão tem origem na constatação dos problemas sociais que emergiram a partir da década de 1960 (SILVEIRA, 2003), (LEFF, 2004), (OLIVEIRA, 2006),. A EA tem sido um dos esforços para a formação de atitudes positivas e racionais ao ambiente, bem como respeito às diversas formas de vida, e as multiplicidades culturais.

No Brasil, tem se buscado a consolidação deste campo de saber e de prática, que é obrigatório, tanto no ensino formal quanto no não formal, nos meios acadêmicos, nas instituições governamentais e não governamentais ou através da legislação – Constituição Brasileira, Lei da Política Nacional de Meio Ambiente, Lei da Política Nacional de Educação Ambiental e Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA, 2005).

Porém, o que se observa, na maioria das vezes, é que a EA vem sendo proposta como uma solução mágica para resolução dos problemas ambientais vigentes. Ou seja, muitas vezes, ela é tida como responsável pelas demandas históricas e sociais, o que leva a indagar:

quem é responsável pelos problemas ambientais que afetam a vida contemporânea? Por quais motivos eles continuam a ocorrer?

As respostas para os questionamentos requerem do momento histórico o envolvimento da sociedade nas questões ambientais e a EA é um elemento essencial para fazer este elo. Dada a complexidade que envolve os paradigmas do tema ambiental, é frutífera a reflexão sobre os aspectos culturais e ambientais e sua situação na contemporaneidade, tendo os diversos núcleos acoplados ao sistema social capaz de fazer a ligação da complexidade ambiental à formação em EA transformadora (RIOJAS, 2003).

Para que tais propósitos possam ser efetivados, faz-se necessário apresentar conforme é colocado no livro “CONCEITOS para se fazer Educação Ambiental”, a idéia dos três níveis distintos do SER - publicado pela Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, baseado nos princípios apresentados pela Unesco (SÃO PAULO, 1997):

Podemos pensar na Terra, também, dividida em três níveis principais ou sistemas de SER:

- O planeta físico – atmosfera, hidrosfera (água) e litosfera (montanhas e solos) – obedecendo as leis da física e da química;
- A biosfera – com todas as espécies vivas que obedecem às leis da física, da química, da biologia e da ecologia;
- a tecnosfera e a sociosfera – o mundo criado pelo ser humano com edificações e máquinas, governos, economias, artes, religiões, obedecendo as leis físicas, químicas, biológicas e ecológicas, e também, às leis feitas pelos humanos.

Entretanto, considera-se que o item tecnosfera e sociosfera apresenta contradições, as quais devem ser mencionadas: nem sempre as leis criadas pelos seres humanos são, de fato, justas e contemplam as camadas menos favorecidas da população; deve-se levar em consideração ao pensar os níveis do SER, as contradições do sistema capitalista, as quais são explicitadas por meio das desigualdades sociais, como fato a ser combatido.

Outro ponto a ser considerado quando se refere nos níveis de SER, na EA, diz respeito, aos conceitos que se tem do mundo e da natureza. Para Carvalho (2006, p. 33):

Nossos conceitos são assim como lentes em nossa visão da realidade. Tão habituados ficamos com os nomes e as imagens por meio das quais nos acostumamos a pensar as coisas do mundo, que esquecemos que esses conceitos não são a única tradução do mundo, mas apenas modos de recortá-lo, enquadrá-lo e, assim, tentar compreendê-lo, deixando sempre algo de fora ou que pode ser

recortado por outro ângulo, apreendido por outro conceito.

A constatação da autora sobre a interpretação das paisagens, é essencial para se trabalhar com EA, pois conforme foi dito, a vida dos sujeitos é rica e complexa simbolicamente. Uma vez que os Conceitos ou idéias não conseguem abarcar o mundo em sua totalidade, cabe a EA experimentar, ousar, propor, aprender com o Outro a sua forma de atuar. A grande maioria dos Conceitos, estabelecidos, estão calcados num modelo de conhecimento reducionista (CARVALHO, 2006). De modo que as principais maneiras para superação destes pressupostos devem fazer questionamentos aos conceitos já estabelecidos e refazer as relações mútuas de interações e eco pertença (CARVALHO, 2006). Além disso, levar em consideração as diferenciações socioespaciais. Aqui entra um determinante geográfico; pois o ambiente não existe acima ou além do espaço. Existe espacializado a partir de identidades territoriais e das diferenças de paisagens.

A EA que propomos deve transcender as fronteiras dos quintais, e fazer parte do movimento coletivo dos lugares. Deve ir no total e retornar aos quintais e aos lugares; agir dentro do indivíduo e saber que ele pertence ao fora; agir no fora com a substância interior. De modo que as trocas de experiências e o máximo de aproveitamento dos elementos naturais e culturais devem ser buscados para que a sustentabilidade possa ser alcançada.

5.1.1 Sustentabilidade e EA

As considerações apresentadas no tópico acima devem ser levadas a cabo, para que as gerações futuras possam ter acesso a um planeta em condições de vida e sobrevivência (BURTILAND, 1991), (CAPRA, 1996), (UNESCO, 1997). Tais condições só se efetivarão caso: a alfabetização ecológica seja feita em todos os cantos da terra; haja um sentimento de pertença a “Mãe – Terra”; e, os seres humanos, sejam capazes de compreender os princípios básicos da ecologia profunda e viver de acordo com eles. De modo que a alfabetização ecológica (CAPRA, 1996) e a valorização das práticas e modos de vida, que são consideradas sustentáveis, devam tornar-se constantes nas políticas públicas, nas práticas empresariais, nos diversos níveis de escolaridade e também numa busca da diminuição e / ou eliminação das contradições sociais.

Ao pensarmos na sustentabilidade como uma alternativa para o enfrentamento da situação atual, não devemos deixar de lado, as discussões sobre o tema – os quais têm provocado inúmeros debates, seja no meio acadêmico, empresarial, político, entre outros. E fazer algumas distinções, com vistas a aproximar o conceito de sustentabilidade aos contextos existentes (múltiplos territórios identários) na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, haja vista que a Bacia é um *locus* que apresenta particularidades locais significativas (as quais já foram tratadas, sobretudo, nos capítulos II e III).

O conceito de sustentabilidade e os seus desdobramentos nos ajudarão na compreensão e apreensão de princípios sobre EA, a serem apresentados adiante, os quais se pautam por uma visão holística e integrada do ambiente.

Vale lembrar que os termos “desenvolvimento sustentável” e “sustentabilidade”, emergiram, sobretudo com a realização de importantes eventos e espaços de discussões como: o Relatório Nosso Futuro Comum (1987), a Rio 92, a assinatura do Protocolo de Kyoto (1997), o Pacto Global (1999) e o estabelecimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Os quais tiveram como motivadores, os problemas ambientais que começaram a afligir o Mundo com o advento da lógica racionalista e mecanicista, empreendidos pelo modo de produção capitalista, após o início da revolução industrial e consolidados em escala planetária após a Segunda Guerra Mundial.

A obra “Primavera silenciosa” de Carson (1969), lançada no ano de 1962 – nos Estados Unidos da América – enunciava de modo catastrófico, mas não menos sério, os problemas ambientais, que viriam nos anos seguintes tomar conta das discussões sobre ambiente no mundo. Mostraremos adiante um trecho da obra; o qual reflete as preocupações que permeavam a humanidade naquela época, e que julgamos relevante para o entendimento da construção do discurso sobre sustentabilidade, que viria posteriormente:

Assim que a maré das substâncias químicas, oriunda da Idade Industrial, se elevou ao ponto de engolfar o nosso meio ambiente, uma alteração drástica decorreu daí, na natureza dos mais sérios problemas de saúde pública. Ainda no dia de ontem, a humanidade vivia tomada pelo medo de pragas e pestes, como a da varíola, a da cólera, ou a da bubônica, que outrora dizimavam nações por onde passavam. Agora, a nossa principal preocupação não são mais os organismos provocadores de doenças, que em outros tempos se faziam onipresentes. Os serviços de ordem sanitária, as melhores condições de vida, juntamente com o uso de novos remédios, nos deram elevado grau de controle sobre as enfermidades infecciosas. Hoje, preocupamo-nos com uma espécie diferente de risco, que perpassa pelo nosso meio ambiente: um

risco que nós mesmos introduzimos no nosso mundo, na medida em que o nosso moderno estilo de vida veio evoluindo e formando-se.(CARSON, 1969, p. 195)

A autora não só coloca um elemento central, que permeia as discussões sobre sustentabilidade; qual seja o domínio dos elementos da natureza (no exemplo a utilização de elementos da natureza agregados ao saber – os medicamentos que ajudaram a eliminar doenças), para satisfazer as necessidades da vida humana. Ela aborda ainda as conseqüências do uso indiscriminado de substâncias nocivas ao ambiente. Esses argumentos são a tônica do livro, o qual é considerado um marco contemporâneo para o início do chamado “ movimento ambiental”

E causou forte e duradoura comoção pública nos Estados Unidos e em outros países, influenciou carreiras científicas, criou linhas de pesquisa e desdobrou-se em regulamentos e leis que tiraram do mercado produtos modernos e de alto valor agregado. É comum cientistas e ativistas ambientais veteranos, de muitas partes do mundo, afirmarem hoje em dia que se "converteram" à questão ambiental lendo esse livro e testemunhando sua repercussão.(DRUMOND, 2006, p. 12).

A fala de Drumond (2006) corrobora a importância da obra; a qual, mostra as conseqüências diretas e indiretas, na natureza e na sociedade, pelo uso de pesticidas, herbicidas e fungicidas agrícolas. Essas substâncias foram responsáveis pelo “silêncio das primaveras nos Estados Unidos”, ou seja, durante as primaveras que eram marcadas por uma paisagem cheia de pássaros, fazendo muitos sons, teve uma diminuição vertiginosa na população destes, causada pelo uso indiscriminado de DDT e outros agroquímicos.

Aliás, este livro foi tão importante, que se tornou uma das primeiras obras a motivar o banimento na utilização do DDT e outros agrotóxicos nos Estados Unidos, promovendo incômodo aos fazendeiros modernizados e também às indústrias. Estas tentaram de todas as maneiras desqualificá-la (Carson), mas de nada adiantou, os resultados do impacto da obra, está presente na luta dos movimentos “ambientais” até os dias atuais. E a obra continua atual.

A breve contextualização da obra de Carson é importante para darmos continuidade à reflexão sobre “sustentabilidade”, pois ela foi um marco, ao despertar para o interesse da humanidade pela proteção da vida na Terra.

O termo segundo Lima (2006) vem sendo utilizado como uma “palavra mágica”, como uma solução para todos os problemas ambientais, ou como uma chancela para as

empresas se destacarem no mercado, mesmo que estas não estejam seguindo corretamente os princípios do chamado “desenvolvimento sustentável”, mas apenas utilizando do discurso, como por exemplo, aqueles postulados por Sacks (1992), que dizem que o desenvolvimento deve: promover a economia; preservar o ambiente; ter a participação social.

Esse problema constitui-se numa artimanha perigosa, pois muitas vezes o discurso da “sustentabilidade” seduz, mas efetivamente não está sendo transformado em ação efetivamente.

Cabe, aqui, pegar a idéia de que as neutralidades dos conceitos e dos discursos inexistem e, também, a idéia de que todo saber e todo discurso são construídos culturalmente. Para edificar os postulados de “desenvolvimento sustentável” como também o de “sustentabilidade”, a fim de evitarmos confusões epistemológicas e teóricas sobre estes termos, para isso é preciso destrinchar as categorias constitutivas dos conceitos. É o que buscaremos fazer a fim de aclarar o entendimento das categorias e dos fundamentos da “sustentabilidade”, para não correremos o risco de enredar naquilo que falamos no parágrafo anterior: utilizar o discurso para “vender uma idéia”.

Mas, antes, convém salientar que a sociedade, imbuída dos valores calcados num dos tipos de saber, a ciência, estabelece que esta seja a única “verdade” por utilizar-se de dois efeitos de poder: a neutralidade e a objetividade. São nesses efeitos que (LIMA, 2006) crítica as bases epistemológicas do “desenvolvimento sustentável” e apresenta adjetivos para justificar seus argumentos.

Segundo Lima (2006), os discursos da “sustentabilidade”, concentram suas críticas, no contexto de uma sociedade capitalista orientada pelo mercado. E destaca que tal condição se interpõem entre a realidade e a prática, a retórica da sustentabilidade e a possibilidade de sua concretização. Nesta direção, são muitas as vulnerabilidades apontadas. Uma delas são a possibilidade de crescimento econômico vinculado a preservação e conservação ambiental: nesse entendimento, seria impossível tal concretização, uma vez que os fins do crescimento econômico seria o lucro, pautado na exploração dos recursos naturais através da exploração do trabalho.

Essas reflexões, as quais, segundo outros autores como (LEFF, 2006), (LEFF, 2002), (GUIMARÃES, 2003), (LAYRARGUES, 2004), também fazem uma leitura mais

crítica do conceito, estes pontuam que outros aspectos devem ser revistos, ao considerar que se a sociedade continuar no mesmo ritmo de desenvolvimento e racionalidade econômica, é difícil chegar-se a sustentabilidade, dada a grande necessidade que o sistema capitalista tem de apropriar-se da natureza e do trabalho de outros seres humanos. Neste foco, as questões ambientais, estão ligadas às estruturas econômicas, conseqüentemente, não se pode existir neutralidade no discurso da sustentabilidade.

Leff (2004) adverte que o princípio da sustentabilidade desdobra-se do discurso da globalização econômico – ecológica a qual constata os limites da natureza diante dos anseios da racionalidade econômica. E que a crise ambiental veio justamente alavancar os questionamentos referentes aos fundamentos econômicos que legitimaram o crescimento econômico. De modo que desenvolvimento industrial, a urbanização, a tecnologia ou outros aspectos intrínsecos ao mundo contemporâneo possam aparecer como causadores da crise ambiental, estes são determinados pelas relações sociais de produção. A crise ambiental seria resultado do modo de produção capitalista, cuja lei determinante é a busca ilimitada de lucro. Nesse sentido, as relações sociais capitalistas são incompatíveis com o desenvolvimento sustentável (TEIXEIRA, 2006).

Consideramos que estas concepções críticas sobre o desenvolvimento sustentável e sustentabilidade são coerentes, portanto devem ser consideradas, entretanto devemos partir da realidade em que nos encontramos, para construirmos as bases para encontrarmos as alternativas para a implementação de mudanças, como também, manter elementos culturais existentes nas estruturas sociais e ambientais de um determinado local, neste caso a Bacia Hidrográfica do Rio Caldas.

5.1.2 Princípios norteadores da sustentabilidade

O entendimento dos princípios norteadores sobre o conceito de sustentabilidade ajuda-nos a encontrar caminhos a serem trilhados junto aos sujeitos que vivem na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, por isto buscaremos pontuar brevemente alguns destes, com vistas a direcionar as ações e mudanças de atitudes.

A UNESCO em seu relatório “Década da Educação das Nações Unidas para um

Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014” traz que a Sustentabilidade refere-se às maneiras de se pensar o mundo e as formas de prática pessoal e social que levam a:

- indivíduos com valores éticos, autônomos e realizados;
- comunidades construídas em torno a compromissos coletivos, tolerância e igualdade;
- sistemas sociais e instituições participativas, transparentes e justas; e
- práticas ambientais que valorizam e sustentam a biodiversidade e os processos ecológicos de apoio à vida. (UNESCO, 2005, p.30)

A citação revela aspectos sobre os quais estamos imersos, seja a perda de valores éticos, a falta de compromissos coletivos, as ações participativas e práticas ambientais adequadas à manutenção da vida. Essas constatações levam-nos à reflexões sobre a globalização da economia e às contradições geradas por ela, através da concentração da renda; do estabelecimento de padrões homogeneizadores de consumo; da falta de solidariedade entre os povos, etc. Os problemas e desafios que precisamos ser resolvidos, dependem de diversas decisões e ações, dentre as quais destaca-se a Educação Ambiental, como possibilidade de contribuir para a minimização dos impactos através das mudanças de valores e das atitudes.

Numa acepção mais crítica sobre os fatores que geraram os problemas ambientais, é importante considerar que “a crise ambiental veio questionar os fundamentos ideológicos e teorias que impulsionaram o crescimento econômico, negando a natureza e a cultura, deslocando o real e o simbólico” (LEFF, 2006, p. 133).

Essa crise que afeta as relações sociais e culturais, é fruto de uma necessidade de crescimento a todo custo, em que a racionalidade econômica, valendo-se da predação do ambiente, como também da destruição e ou eliminação de valores culturais. Consolidou os atuais padrões de consumo nos países ricos, como também as desigualdades e os problemas ambientais atuais.

A busca pautada numa EA, voltada para mudanças de postura e valores segundo UNESCO (2005), deve levar em conta três aspectos: sociedade, economia e meio ambiente. Estes se constituem nos pilares da sustentabilidade. Os quais supõem um processo de mudanças que devem ser buscados pelas sociedades em todos os cantos do planeta. O entendimento das três áreas é:

- Sociedade: a compreensão das instituições sociais e do papel que desempenham na mudança e no desenvolvimento, assim como nos sistemas democráticos e participativos que dão a oportunidade de expressar opiniões, eleger governos, criar consensos e resolver controvérsias.
- Meio ambiente: consciência dos recursos e da fragilidade do meio ambiente físico e dos efeitos das atividades e decisões humanas sobre o meio ambiente, com o compromisso de incluir as questões ambientais na elaboração das políticas sociais e econômicas.
- Economia: consciência em relação aos limites e ao potencial do crescimento econômico e seus impactos na sociedade e no meio ambiente, com o compromisso reduzir os níveis de consumo individual e coletivo, em relação à preocupação com o meio ambiente e a justiça social. (UNESCO, 2005, p. 30).

Essas premissas levam-nos, a seguinte prerrogativa que o relatório “Nosso futuro comum” apresenta: “se o desenvolvimento econômico aumenta a vulnerabilidade às crises, ele é insustentável” (BRUNDTLAND, 1991, p. 57). Assim, pensar a sociedade, o meio ambiente e economia de modo integrado e interdependente, torna-se condição indispensável para se pensar em medidas políticas, educacionais e sociais a serem implantadas.

Entretanto, os interesses comuns devem ser tratados de maneira a não privilegiar aqueles países e ou grupos étnicos culturais, que ao longo de sua história pouco contribuiu para que os impactos ambientais fossem sendo produzidos. Mas, sim, distribuir as responsabilidades de maneiras justa, para países e povos, numa solução política

que remete necessariamente à construção coletiva de um pacto societário em torno do avanço da justiça ambiental. No horizonte desejável para uma sociedade ambientalmente sustentável e socialmente justa, por exemplo, nenhum grupo social, étnico, racial ou de classe deveria arcar com uma parcela desproporcional das conseqüências ambientais negativas de operações econômicas, de decisões de políticas e de programas federais, estaduais, locais, assim como da ausência ou omissão de tais políticas. Os desdobramentos deste tipo de compreensão e ação podem, em sua melhor solução, abrir possibilidades para novos modos de uso do ambiente, outros arranjos de força, legitimando um ideário ambiental que possa reorientar decisões dentro de um horizonte democrático, pautado pela justiça ambiental, pela valorização da vida e das populações. (CARVALHO, 2008, p. 53).

A busca por relações de sustentabilidade, como foco na justiça e equidade, balizam novos modos de organizar a sociedade ao combater as injustiças sociais, como também as responsabilidades ambientais.

5.1.3 Propostas para princípios de EA baseados na sustentabilidade para Bacia Hidrográfica do Rio Caldas

Neste tópico buscaremos discutir a sustentabilidade, tendo como fundantes as interpretações feitas durante a realização desta pesquisa. Pudemos constatar inúmeros elementos da cultura tradicional, representados através da vida dos sujeitos: pelo seu jeito de falar, pelos objetos que utiliza para sobreviver, pelas relações que estabelecem uns com os outros, pelos rituais religiosos etc.

Verificou-se, também, nas interpretações das paisagens e territórios identitários existentes no âmbito da Bacia, que há um processo de tensão exercida pela urbanização, aumento populacional, agropecuária moderna, as quais pressionam a Bacia e colocam seu rico patrimônio cultural, hídrico e ecológico em risco iminente de ser degradado.

As deteriorações ambientais em nível local constituem-se num resultado de ordem global (VOINOV, 2008), advindas, sobretudo, da globalização e dos elevados padrões de consumos dos países industrializados. O autor citado, ao analisar a realidade da Rússia, levanta que a sustentabilidade para ser efetiva deve abranger tanto o nível local, como o regional e o global. O que nos induz a pensar que os países em desenvolvimento pagarão o preço pelos problemas provocados pelos países desenvolvidos, como também apresenta uma alerta sobre qual o modelo ou modelos de sustentabilidade devem ser pensados para um local como a Bacia do Caldas.

Os conjuntos singulares de elementos culturais, representados através do modo de vida dos sujeitos que vivem na Bacia, os quais estão rareando em detrimento das mudanças sociais e econômicas vigentes, requerem um programa de EA que pautado num conceito de sustentabilidade que

transcende o exercício analítico de explicar a realidade e exige o teste de coerência lógica em aplicações práticas, onde o discurso é transformado em realidade objetiva. Os atores sociais e suas ações adquirem legitimidade política e autoridade para comandar comportamentos sociais e políticas de desenvolvimento por meio de prática concreta. A discussão teórica, portanto, revela uma luta disfarçada pelo poder entre diferentes atores sociais, competindo por uma posição hegemônica, para ditar diretrizes e endossar representações simbólicas de sustentabilidade, seja em termos de biodiversidade, sobrevivência do planeta ou de comunidades autosuficientes e autônomas. (RATTNER, 1999, p. 234)

Assim, acreditamos que dadas às condições atuais em que a Bacia se encontra, e as perdas de referenciais, seja pelas quais grande parte dos sujeitos que viviam no campo e

migraram para a cidade, conforme já o dissemos no capítulo II deste trabalho, ou seja vêm perdendo espaço para os valores inerentes a “racionalidade econômica” conforme nos explica Sacks(2006).

O “modelo de vida” que o sistema capitalista tenta impor aos seres humanos através do aparato de objetos e subjetividades, por intermédio da crescente necessidade de se consumir mais - e - mais está em descompasso com as necessidades dos seres humanos, bem como, em desarmonia com a natureza, conforme aponta Dias (2002, p. 116):

Tal modelo de desenvolvimento econômico se fundamenta no lucro a qualquer custo, e este é atrelado à lógica do aumento da produção - os recursos naturais são utilizados sem se respeitar a capacidade natural de recomposição, e a natureza é vista como grande supermercado gratuito, com a reposição infinita de estoque, observando-se os benefícios e desprezando-se os custos.

O rompimento entre sociedade e natureza contribui para o aumento dos problemas e das apropriações que ocorrem, bem como, constitui-se no principal fator de degradação e destruição dos elementos naturais.

Deve-se buscar, através da EA, auto-reflexão crítica e a produção de uma consciência, que vise extirpar os problemas ambientais e evitar que novos problemas possam surgir. Nesta direção Leff (2006, p. 347) apresenta:

A crise ambiental é o sintoma – a marca do ser, no saber, na terra – do limite da racionalidade baseada em uma crença insustentável: a do entendimento e da construção do mundo levado pela idéia de totalidade, universalidade e objetividade do conhecimento que conduziu à coisificação e economização do mundo. O ecologismo é a última tentativa de recuperar a unidade desse mundo alquebrado[...] crise de natureza como degradação do ambiente, mas, sobretudo, crise do conhecimento, que só é possível transcender rompendo o cerco da mesmidade do conhecimento e sua identidade com o real baseado no imaginário da representação, abrindo-se ao infinito a partir de um diálogo de saberes no reencontro do Ser com a Otridade.

A EA pautada na sustentabilidade é o caminho a ser perseguido pela geração atual para que os limites ecológicos e biológicos não sejam esgotados. Do contrário aumentarão os impactos ambientais e a degradação humana em todas as escalas.

Nas etapas seguintes da realização desta pesquisa, serão traçados princípios

teóricos e metodológicos em EA; com base, nos resultados das análises da história de vida dos sujeitos pesquisados. Em que se buscará aprofundar nos conceitos e correntes da EA que objetivem a sustentabilidade.

52 ECOLOGIA PROFUNDA – UMA BUSCA NECESSÁRIA

Ao discutirmos uma EA baseada na sustentabilidade, não podemos deixar de considerar aspectos como democracia política, equidade social, eficiência econômica, diversidade cultural, proteção e conservação do ambiente e o respeito a todas as formas de vida (RATTNER, 1999). A ecologia profunda como uma base de valores humanos, deve permear o conceito de sustentabilidade, como também direcionar as ações baseadas nesta. Para que possamos compreender essa base filosófica, discutiremos a seguir a Ecologia Profunda no contexto do nosso estudo.

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas é um local em que é possível encontrar diversos saberes, os quais correm sérios riscos de serem sucumbidos pelos padrões homogenizadores da cultura, conforme já o dissemos anteriormente. Tais perdas, implicariam no desaparecimento de um dos últimos remanescentes da cultura cerradeira nas proximidades do aglomerado urbano de Goiânia. Isto trará enormes perdas para o povo de Goiás. Outros atributos paisagísticos e territoriais como os remanescentes de vegetação, a hidrografia, a arquitetura colonial das fazendas goianas, também sofreriam (ou já estão sofrendo?) significativas perdas.

Os custos destas perdas são inimagináveis. Certamente, irá transfigurar o rico patrimônio cênico, cultural e simbólico da Bacia. Diante do exposto, pergunta-se: Quais os caminhos teóricos, filosóficos e metodológicos poderiam contribuir num Programa em EA? A ECOLOGIA PROFUNDA é uma das correntes de pensamento que poderá ajudar no resgate da identidade cósmica dos sujeitos que ali vivem e existem.

Um dos caminhos para que possamos conseguir inserir os princípios da Ecologia Profunda, certamente, é a EA, pois o saber pedagógico está pautada nos elementos cognitivos que o sujeito adquire durante suas trajetórias de vida. Estes saberes são adquiridos no próprio local onde existe a vida, neste estudo: a Bacia do Rio Caldas e as interconexões deste

território com outros lugares.

Todos os participantes da vida são sujeitos importantes, pois, sua riqueza decorre das trocas de experiências, conhecimento, informação e vivências (OLIVEIRA; VLACH, 2004). E são esses sujeitos que podem ajudar através das interações e relações com a “casa de vida”, elaborar redes colaborativas e críticas da realidade ambiental, para a promoção de uma abordagem integrativa, solidária e autônoma para interpretações e resoluções dos problemas ambientais (SAUVÉ, 2005).

Assim, consideramos que EA deve pautar-se pelas perspectivas filosóficas abertas, com vistas a não nos incorrer mesmos erros que os modelos de educação e gestão de ambiente anteriores, que adotaram uma base filosófica reducionista e fragmentadora. A Ecologia Profunda é uma das novas possibilidades filosóficas possíveis. Buscaremos trazer os elementos do nosso contato com essa corrente filosófica, como também sua estrutura teórica, principais autores e as contribuições para se pensar num amplo programa em EA no âmbito da Bacia do Caldas.

O filme “Ponto de Mutação”, baseado no livro homônimo de Capra (1981), foi o primeiro contato que tivemos com a Ecologia Profunda. Sem saber ao certo o que o filme estava discutindo, percebemos aspectos interessantes da vida, das partículas, dos átomos, das estruturas dissipativas, dos sistemas de auto-organização, entre outros elementos que os personagens abordaram e discutiram. O que nos instigou a inteirar-nos com novas abordagens de conhecimento.

O livro “Ponto de Mutação” faz um confronto entre pensamento cartesiano com um novo paradigma emergente no Século XX. Em que aponta que o primeiro é reducionista e base para o método científico, o qual sustenta o atual modelo econômico e social vigente. O segundo, holístico ou sistêmico, vê o todo como indissociável; apresenta novos conceitos de espaço, tempo e de matéria, desenvolvidos pela Física subatômica. Em que o estudo das partes não permite conhecer o funcionamento do organismo como um todo. As comparações são feitas em vários campos da cultura ocidental atual, como a medicina, a biologia, a psicologia e a economia. E da cultura oriental que considera a natureza como não – linear, a qual apresenta interdependência e interconexões de todos os aspectos da realidade, como exemplo o autor cita o carma indiano (CAPRA, 1981).

Neste livro, a Ecologia superficial é considerada como reducionista, e a Ecologia Profunda é apresentada como uma alternativa. A primeira preocupa-se com o controle e a administração do ambiente em benefício dos seres humanos, através da análise dos fenômenos naturais de modo estanque. A segunda, por sua vez, busca articular a teia da vida, como um caminho para mudanças radicais em nossas percepções, sobre o papel dos seres humanos no ecossistema planetário (CAPRA, 1981), (CAPRA, 2002) (OLIVEIRA; VLACH, 2004),

Assim sendo, podemos considerar que a Ecologia Profunda poderia fornecer uma base filosófica e até mesmo espiritual para o atual paradigma científico, ao não separar os seres humanos da natureza, como também reconhecer o valor intrínseco de todos os seres vivos (CAPRA, 2002).

O conceito de ecologia profunda constituí - se de ideias abertas, em que a variedade de vida formam um mosaico comum e integrativo. Para Naess apud Hoefel (1999), esta ecologia surge do reconhecimento interior da nossa integração com a natureza. O fato nem sempre requer explicações e, muitas vezes, não pode ser descrito com palavras. Mas a ação freqüentemente mostra com clareza o que é ecologia profunda.

Capra (1991) considera que os problemas de nossa época são graves e que a compreensão destes, requer o resgate das percepções, através de um “olhar” integrado e do entendimento das interdependências existentes entre os elementos existentes no universo. E que é preciso reconhecer que os problemas atuais emergem do olhar fragmentado oriundo do cartesianismo. Assim, é preciso mudar de uma visão de mundo mecanicista para uma visão holística e ecológica.

A Ecologia profunda está pautada, sobretudo por valores, os quais são base destes princípios. Sendo assim, apresentaremos adiante alguns destes valores, os quais balizam a nossa perspectiva de Educação Ambiental, como também, pode facilitar a nossa análise e posterior proposição. Outro aspecto relevante e que mencionaremos, é a informação de que os elementos balizadores da ecologia profunda não são novos, apareceram ao longo da história da humanidade, na China e Grécia antigas. São oriundos, entretanto, de várias correntes filosóficas existentes, mas que agregam novos caminhos, dentre o resgate dos quais Valores Humanos.

53 PRÍNCÍPIOS PARA CRIAÇÃO DE UM PROGRAMA EMEA

Este tópico é essencial para a consecução deste trabalho, pois, nele, buscaremos não só mostrar a estrutura conceitual do trabalho, como também os princípios que acreditamos serem essenciais para a consecução deste trabalho.

Buscamos concentrar nossos esforços na leitura interpretativa, das falas dos sujeitos pesquisados no âmbito da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, como também os aspectos subjetivos marcantes da cultura tradicional, os quais foram percebidos durante as observações das paisagens existentes na Bacia, como também nas constituições dos territórios identitários ali existentes.

Para que possamos melhor qualificar os princípios, consideramos esses princípios em consonância com aqueles apresentados no PRONEA, Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 (BRASIL, 2005), em que apresenta os princípios básicos para a EA

Art. 4º São princípios básicos da educação ambiental:

- I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III - o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V - a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
- VI - a permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
- VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

Ao considerarmos esses aspectos, podemos enfatizar que o presente trabalho está na direção certa; uma vez que pauta-se pela valorização da cultura local, como forma de estreitar as relações estabelecidas entre aqueles sujeitos que vivem no âmbito da bacia, com os novos paradigmas sobre o ambiente (MORIN, 1990), os quais visam resgatar as relações entre seres humanos e natureza.

Os princípios em EA estabelecidos na Lei 9.795 de 1999, abordam aspectos que julgamos ser a base da interpretação que fizemos junto aos elementos dos territórios

identitários nas paisagens da Bacia do Caldas quais são: a avaliação crítica durante as observações que fizemos junto aos moradores da Bacia; a pluralidade e diversidade de sujeitos e práticas, aos quais denominamos neste trabalho como territórios identitários; o entendimento de que as práticas e saberes dos sujeitos da Bacia devem ser preservados, desde que não sejam agressivas ao ambiente; e também um olhar interpretativo pautado numa visão holística e ecológica.

Os princípios que apresentaremos emergiram do foco que estabelecemos para esta pesquisa, ou seja, da interpretação dos territórios identitários da cultura tradicional existentes no âmbito da Bacia do Rio Caldas. Entendemos que outras frentes poderiam ser incorporadas ao trabalho, como estudos do meio físico (solo, geomorfologia, estudos vegetacionais, qualidade da água, geologia), mas, dado o pouco tempo de que dispomos e também a falta de domínio teórico – prático de alguns campos do saber, impossibilitaram que chegássemos ao ideal para esta pesquisa: estudo integrado da Bacia na totalidade. Entretanto, acreditamos que os resultados obtidos irão contribuir para que para proposição de princípios para um programa em EA no âmbito da Bacia.

Adiante, iremos apresentaremos os princípios em EA resultantes deste trabalho, os quais são direcionados, sobretudo na EA não formal. Esta conforme aponta Guimarães e Vasconcelos (2006) possibilita maior liberdade para seleção e organização de temas, como também amplia às construções de novas metodologias e práticas de ações.

5.3.1 Princípios de rede de solidariedade baseada na cooperação e integração da comunidade

Ao consideramos as características da Bacia e as pressões que vem sofrendo, decorrentes do agronegócio e do processo de urbanização, a criação de redes solidariedade (Redes de saberes e fazeres), trará enormes benefícios para a comunidade local. A qual, carece de um sistema de articulação social que possibilita integração entre os pequenos e médios produtores rurais, assim como os comerciantes das áreas urbanas e rurais.

As redes de saberes e fazeres (TRISTÃO, 2005) deverá propiciar o surgimento espontâneo de polos disseminadores de práticas ambientais que valorizem a vida e seja um vetor disseminador da emancipação. Com vistas a ajudar os grupos de sujeitos que ainda

resistem na Bacia a se consolidarem nas suas relações econômicas, sociais e além disso, serem capazes de gerir atividades que consigam suprir suas necessidades financeiras, com o menor impacto possível.

Essa visão de rede de solidariedade deve contribuir para uma percepção crítica e ativa sobre o ambiente, sendo entendidos como

um conjunto de princípios ou por fonte de critérios percebidos como um saber decisivo para garantir o futuro da humanidade. A meu ver, como possibilidade de expansão de racionalidades, de um conhecimento-emancipação que conduzam os fios em todas as direções, tecendo redes de solidariedade, num dever constante dos espaços/ tempos das práticas cotidianas. (TRISTÃO, 2005, p. 255)

A possibilidade de articulação e estruturação das redes de solidariedade nos leva a considerar como propostas elementares de ação, baseado no que Tristão (2005) coloca como conhecimento – emancipação, ou seja, utilizar o saber para criar alternativas ao atual modelo econômico:

- Proposta de Ação: Criação de uma Cooperativa de pequenos produtores, dividida em módulos de acordo, com as atividades encontradas durante a pesquisa:

Para facilitar o processo de gestão sugere-se:

- ▶ Associação de produtores de derivados de cana – Cachaça e açúcar de mascavo;
- ▶ Associação de produtores de derivados do leite nos moldes tradicionais;
- ▶ Associação de artesões com plantas do cerrado, como taboca e buriti;
- ▶ Associação de restaurante-fazenda nas casas tradicionais;
- ▶ Associação de criadores de peixe; e
- ▶ Associação de coletores de frutos do Cerrado.

O princípio da Rede de solidariedade e integração com a comunidade, baseado na cooperação, certamente irá ajudar, uma vez que são entendidas como modelo de estrutura organizacional, que propiciam o surgimento espontâneo de sociedades constituídas sob a forma democrática para atingir fins específicos, ou seja, associação autogestionária de pessoas, regida pelos princípios de igualdade no que se refere à propriedade, gestão e repartição de recursos (SCOPINHO, 2007); (FLEURY, 1983).

Consideramos que vários aspectos relatados nas histórias de vida dos sujeitos pesquisados, como também nas observações empíricas, demonstram que estes têm poucos interesse por atividades econômicas, que não seja a produção leiteira, alegando que as outras são trabalhosas e pouco lucrativas. O que leva suas propriedades a serem mono – atividades, obtendo o dinheiro resultante da comercialização do leite e comprando o restante dos produtos de que precisa para sobreviver.

A alternativa para o rompimento da condição mencionada, seria a diversificação da produção e a agregação de valor aos produtos com base na agroecologia.

Para a efetivação prática do princípio aqui sugerido, com vistas a apresentar outro cenário para os sujeitos que vivem na Bacia, torna-se necessário, também, o estreitamento do sistema de cooperativas e associações a serem criados, além da comercialização com as prefeituras dos municípios existentes na Bacia, como também com outros próximos.

Por fim, consideramos que as redes de solidariedade irão criar os mecanismos necessários para autonomia financeira dos grupos, como também a possibilidade de disseminação de práticas de EA baseadas na sustentabilidade.

5.3.2 Princípio da comercialização solidária

A comercialização solidária constitui-se numa das etapas que acreditamos ser essencial, para dar visibilidade política e econômica para os sujeitos que vivem na Bacia do Rio Caldas. As iniciativas pautadas no modelo solidário de comercialização aparecem como alternativa, em termos de organização do trabalho e distribuição dos produtos produzidos nas comunidades locais, àquelas propostas dominantes, instituída pelo princípio econômico hegemônico, na lógica do modo de produção capitalista (FRANÇA FILHO, 2002), (CASTANHEIRA; PEREIRA, 2008).

A economia solidária apresenta-se como elementos constitutivos: a solidariedade, o mutualismo, a cooperação e autogestão comunitária, conservando uma racionalidade distinta das outras realidades econômicas (RAZETO, 1993); (CASTANHEIRA; PEREIRA, 2008). Estes elementos contribuirão para que as comunidades das áreas rurais e urbanas, possam desenvolver práticas de mutualismos prevendo situações imprevistas; tenham

capacidade administrar suas propriedades com eficiência e independência através das trocas de experiências comunitárias; possam estabelecer relações pautadas na racionalidade ambiental (LEFF, 2006).

Nesta medida, acreditamos que as feiras constituem-se numa alternativa interessante para que os pequenos produtores tenham um espaço digno para comercialização de seus produtos e o fortalecimento das relações de trocas, com vistas a satisfação de suas necessidades. Como exemplo as autoras Nardi e Pereira, (2006) apresentam um caso êxito na cidade de Missões na Argentina, em que as feiras possibilitaram o retorno de pessoas que viviam nas cidades para as áreas rurais. Para tal efetivação foi necessária a articulação dos pequenos proprietários, Ong's, Estados e Municípios.

Tal situação pode perfeitamente ocorrer no âmbito da Bacia, desde que se implemente mecanismos e ações que visem a sustentabilidade articulada com os princípios da autogestão e emancipação.

Na Bacia do Rio Caldas existem produtores que praticam a agricultura orgânica (TELES, 2007), os quais comercializam seus produtos nas feiras organizadas pela ADAO, como também em alguns estabelecimentos em Goiânia. A criação de feiras nas cidades localizadas na Bacia, criaria outras possibilidades menos trabalhosas para esses produtores, como o descolamento para Capital e a conseqüente perda dos produtos.

Outro ponto relevante a ser enfatizado sobre a criação de feiras, como possibilidade de criação de mecanismos de comercialização solidária, seria uma gradual mudança na modalidade de agricultura praticada em Goianápolis, a qual tem como base de sua economia a produção de tomates, nos moldes da agricultura moderna. Na medida, em que se apresentassem alternativas ao atual modelo de produção e comercialização, acreditamos que teríamos uma gradual adesão de produtores que teriam interesse em produzir através da agroecologia.

Esses motivos justificam as proposições que iremos apresentar:

- ▶ Feira do pequeno produtor em Bonfinópolis , Caldazinha e Goianápolis;
- ▶ Inserção das práticas da comercialização solidária nas feiras agropecuárias e eventos locais;

- Produção de material de divulgação das feiras e vantagens da comercialização solidária.

A concretização das propostas apresentadas, certamente ajudará no processo de valorização da identidade territorial, como também irá criar possibilidades para o arraigamento da comunidade local.

5.3.3 Princípio da Educação em Valores – recursos audiovisuais

O entendimento de que os valores são orientações básicas para a formação de consciência crítica, permeia a EA (PRONEA, 2005). Nesta medida, o arraigamento de valores que condizem com o ambiente equitativo e integrado, deve perpassar pelas relações culturais (MEDINA; SANTOS, 2002).

Nesta pesquisa buscamos reforçar que os sujeitos que vivem na Bacia do Caldas possuem identidades territoriais, em que os laços territoriais fomentam as bases geográficas concretas que alimentam às relações cotidianas (HAESBAERT, 1999, p. 174), assim, o autor pontua que “devemos ressaltar a base material, no nosso caso territorial, serve de referente para a construção de muitas identidades”, e tornam essas identidades carregadas de subjetividade e objetividade, de modo que as representações simbólicas estão ligadas com os locais, e estes com os signos que emergem das relações dos sujeitos com as dimensões territoriais.

Esses territórios identitários foram constatados durante os trabalhos de campo, para a realização desta pesquisa. Encontramos sujeitos que tem fortes relações com o local, e que reforçam a necessidade, de propormos num programa de EA o princípio da “educação em valores”. Como exemplo do que estamos falando, encontramos o Sr. F. morador da confluência do Ribeirão Sozinha com o Rio Caldas, que vive no local e detêm o saber de “fazer carro – de – boi”. Esse saber é um valor identitário e cultural, e por isso não deve ser relegado ao esquecimento e abandono. Para que as futuras gerações possam saber como foi sendo constituídas as paisagens e os territórios num determinado local.

Assim, torna-se relevante criar um mecanismo de registro e valoração dos saberes locais. Na nossa pesquisa, apresentaremos a seguir uma proposta de registro e resgates desses valores sob a forma dos seguintes ações:

- Elaboração de um documentário dos antigos fabricantes de carro de boi e carreiros que ainda vivem nas áreas da Bacia.

Há que se destacar que tal proposta corrobora com as políticas de Educação alavancadas pela UNESCO, as quais visam dar visibilidade para as manifestações simbólicas do patrimônio da cultura popular, existentes em locais como a Bacia do Rio Caldas, que é portadora de elementos ricos e interessantes, que permanecem invisíveis para a grande maioria da população de Goiás e até mesmo pelos moradores locais ignoram. O que justifica a realização de Vídeo – Documentário pautado na Educação de Valores.

5.3.4 Princípio da valorização dos saberes locais e dos patrimônios materiais

A valorização do saberes locais, constituem-se numa das maneiras “para que a diversidade cultural mantenha toda sua vivacidade” (MONTIEL, 2003, p. 159). Essa diversidade cultural é a mola propulsora que impulsiona e sustenta as relações ambientais num dado local. A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, apresenta essa vivacidade arraigada nos vales, nos casarões coloniais, nos currais, nos carros de boi, nas cozinhas com fogão a lenha, nas rodas de fiar e em vários outros elementos.

A heterogeneidade e vivacidade das vozes dos sujeitos que expressam suas vidas no âmbito da Bacia, mostram o outro lado do processo cultural, o qual é marcado por elementos da cultura material, e que por sua vez merecem serem tratados como um patrimônio.

A emergência do conceito de patrimônio, emana, sobretudo, das relações entre natureza e cultura, e tem norteado ações pontuais na esfera da reabilitação dos núcleos históricos e no âmbito da educação patrimonial e ambiental, tomadas como instrumentos para a construção da cidadania e do desenvolvimento sustentável (PELEGRINI, 2006).

É nesta perspectiva que fizemos a interpretação das paisagens culturais da Bacia e constatamos, que muitas Casas construídas sob um padrão arquitetônico colonial, estão prestes a serem destruídos pelo tempo, pois os proprietários não têm condições restaurá-las.

Nesta medida, consideramos que o princípio do saber local pautado no patrimônio material, irá possibilitar a preservação de marcas paisagísticas prestes a serem extintas.

Essas marcas culturais que dão identidade ao território são partes constitutivas do social, e representam a dinâmica, que ora resiste às imposições ou à modernidade, e se reinventam, se recriam. As vezes desiste, persiste e deixa rastros, traços de memória por indícios e sinais, deixando marcadas às paisagens da Bacia do Caldas com um “modo de vida” que está próximo de desfalecer.

Com vistas a fortalecer esses elementos da cultura e manter sua vivacidade propomos:

- Levantamento dos casarões coloniais e seu registro como patrimônio imaterial.

A efetivação da proposta será feita, com a realização de pesquisas, registro e catalogação dos locais, além de buscar parceria para que se consiga financiamento para a conservação e manutenção dos referidos patrimônios.

5.3.5 Princípio da valorização da diferença

A ciência moderna foi responsável por reduzir as diferenças a padrões homogenizadores, ao excluir as contradições e desconsiderar a complexidade da vida (SILVEIRA et al. 2008, p.874). As considerações sobre linearidade da vida, está no “modo urbanizado” de vida e compõe as paisagens das cidades, chegando também às áreas rurais onde se localiza os principais focos de resistência às formas padronizadas de cultura.

Constatamos por meio da história de vida e das observações, a significância das diferenças para os sujeitos. O Sr. J. P. L. morador das margens do Rio Caldas, relatou que “sua vida é aquele jeitinho simples de viver” e que ele não quer se mudar da casa que mora; não quer ter telefone celular; antena parabólica e televisão. Mas sim, preservar o seus saberes, suas lembranças de juventude e poder contar para os netos que sua vida foi rica e interessante desbravando o sertão das margens do Caldas. As diferenças constantes na maioria dos sujeitos pesquisados denotam que a vida precisa “da relação do sujeito com seu corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os ‘mistérios’ da vida e da morte” (Guattari, 2001,

p.16).

Assim, precisamos valorizar e incluir as diferenças no contexto de uma EA para a sustentabilidade, uma vez que tal valorização irá contribuir para aumentar a percepção dos sujeitos na relação de conservação e preservação do ambiente.

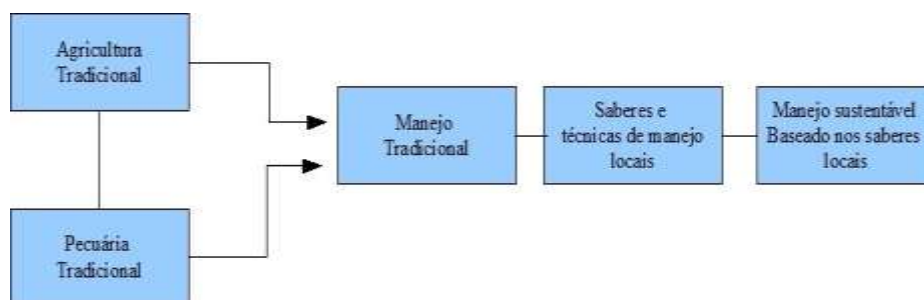
Como proposta apresentamos:

- Registro das oralidades desses sujeitos, por meio de suas histórias de vida, tendo como forma de divulgação a publicação de livros e portais na internet.

Os registros de história de vida, estão pautados na compreensão de que a análise do conjunto de práticas observadas (SANTOS, 2003), nos ajudam a entender, por intermédio das narrativas os significados e as dimensões culturais existentes na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas. A divulgação desses registros, não só irá dar visibilidade para os sujeitos que ali vivem, como também servirá como um referencial da cultura cerradeira para as futuras gerações.

5.3.6 Princípio de manejo ecológico da agricultura, baseado nos saberes locais e na cultura popular como possibilidade de inclusão dos moradores nas atividades econômicas pautadas na sustentabilidade

O manejo ecológico da agricultura baseado na sustentabilidade torna-se emergente nos dias atuais. As práticas de agricultura e pecuária, baseadas em paradigmas que se nutre de diversos campos de conhecimento e disciplinas científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios agricultores (CAPORAL; COSTABEBER, 2002), permite o estabelecimento de marcos conceituais, metodológicos e estratégicos para que o manejo e os processos desenvolvidos nas propriedades sejam sustentáveis. Conforme esquema conceitual abaixo:



Ao pensarmos neste princípio, acreditamos que as comunidades que vivem no âmbito da Bacia do Caldas, apesar de terem sofrido enormes influências do modelo econômico moderno, baseado no Capitalismo, ainda mantêm estreitos laços com a natureza. Possuem conhecimentos e práticas baseados nos que Diegues (2000, p. 87) considera como características das sociedades que vivem de modo tradicional:

- a) dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis a partir dos quais se constrói um modo de vida;
- b) conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral;
- c) noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;
- d) moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter-se deslocado para os centros urbanos e volta do para a terra de seus antepassados;
- e) importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado;
- f) reduzida acumulação de capital;
- g) importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;
- h) importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e atividades extrativistas;
- i) a tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre meio ambiente. Há reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final;
- j) fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos;
- l) auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras.

A dependência da natureza, o conhecimento das técnicas de manejo, a permanência prolongada no território e também às atividades de subsistência, concretizam o

processo que acreditamos ser necessário para que as atividades econômicas destes sujeitos, não continuem a serem contaminadas com o imaginário modernizante, o qual tenta impor práticas destrutivas e que utilizam agroquímicos, máquinas que poluem o ambiente, etc.

Desta maneira, acreditamos que conhecer detalhadamente os saberes locais, será uma das alternativas, a serem contempladas na elaboração de um programa em EA. Baseado - se na disseminação de experiências fundamentadas no desenvolvimento humano e nas potencialidades locais, que visem tirar da exclusão social a população marginalizada, incorporando-a ao processo produtivo de maneira sustentável (ASSIS, 2006).

A incorporação desses saberes locais requerem o conhecimento profundo das práticas e manejos locais, para isso propomos:

- ▶ Realização de pesquisa com vistas a identificar as potencialidades de desenvolvimento baseada nas práticas de manejo;
- ▶ Realização de seminários locais para divulgação dos resultados da pesquisa;
- ▶ Elaboração de uma cartilha para que os produtores possam ter acesso ao material catalogado.

5.3.7 Princípio para a produção sustentável

Um dos critérios que consideramos para a produção sustentável é a relação integrada entre os sujeitos que vivem no âmbito da Bacia, por meio de cooperativas, grupos comunitários ou mesmo pelas mobilizações feitas por estados e municípios. Como também pelas mudanças no modo de produzir. A produção baseada na Agroecologia é certamente uma alternativa de prática de agricultura não convencional, que visa não só fortalecer os sistemas de produção de base ecológica sustentável, como também fortalecer a agricultura familiar, através das pequenas propriedades. Em Assis (2006, p. 77) encontramos que

a agroecologia propõe alternativas para minimizar a artificialização do ambiente natural pela agricultura, para o que apresenta uma série de princípios e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas. Utiliza-se de um enfoque científico, que tem suas próprias ferramentas, teorias e hipóteses, o que lhe permite trabalhar no âmbito dos agroecossistemas se no desenvolvimento de sistemas agrícolas complexos e diversificados (ASSIS, 2006, p. 77).

É com esta perspectiva, que este princípio, visa apresentar a agroecologia e a

produção orgânica como forma de minimizar um aspecto da natureza que o atual modelo de agricultura subverte: o de que a natureza tem sua estabilidade ligada à diversidade, enquanto a agricultura convencional simplifica o sistema ao utilizar agroquímicos e produzir nos sistemas de monocultura.

Entretanto propomos aqui que o modo de produção orgânico baseado na agroecologia deve ser implantado, no âmbito da Bacia, aproveitando o conhecimento e as experiências daqueles que já a praticam, nos municípios de Caldazinha, Senador Canedo e Bela Vista:

- ▶ Criar um programa de implantação da produção orgânica, baseada na agroecologia;

Para efetivação da referida proposta, colocamos que deve-se estabelecer uma parceria com a ADAO, visando aproveitar a experiência dos membros desta respeitável associação de produtores, para que se amplie consideravelmente a quantidade de propriedade produzindo dentro destes princípios.

5.3.8 Princípios de sensibilização e atração de antigos moradores

A sensibilização e atração de antigos moradores, que abundaram suas casas, seus familiares, suas propriedades para irem para os centros urbanos viver sob às condições de proletários e morar nas periferias, constituem-se num processo de “rede de relações” perdidas, as quais foram sendo desfeitas quando estes se desgarraram de seu lugar de origem e foram perdendo seus referenciais culturais e desenraizando-se.

Muitos não voltam há viver nas áreas rurais, alegando falta de perspectiva de renda e emprego nas áreas rurais e até mesmos nas pequenas cidades. Estes argumentos foram os que mais apareceram nas falas dos pesquisados na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas.

Acreditamos que um caminho que vise o retorno deles seria a implantação de modalidades de geração de emprego e renda, pautados na sustentabilidade. Como proposta apresentaremos:

- ▶ Levantar possibilidades de implantação de atividades turísticas e de recreação que gere renda para os filhos destes antigos moradores;

- ▶ Implantação de um programa de resgate das antigas práticas culturais: festas, mutirões etc.

5.3.9 Princípio para o Resgate dos saberes femininos

As mulheres tem um papel importante nas famílias de populações tradicionais, nas áreas de cerrado. Sua função transcende aquelas concepções presentes no imaginário da maioria: o de que a mulher é mãe submissa, que cuida da casa, do marido e dos filhos. Aliás o papel da mulher é simbolicamente mais representativo. Elas tinham um papel significativo no cultivo de hortaliças, no cuidado com os filhos, no zelo dos animais domésticos, detinha o conhecimentos das plantas medicinais e vários outros.

A história de vida das mulheres, nos mostrou como o universo da feminino é rico e diverso. Por este motivos propomos:

- ▶ Identificar saberes femininos ligados à culinária e a utilização e cultivo de plantas medicinais;
- ▶ Identificar as técnicas artesanais para produção de farinha de mandioca, polvilho, farinha de milho;
- ▶ Organizar um grupo de mulheres para levantar as receitas e os modos de produção de quitandas; preparação de carne-seca; preparação de paçoca; tecer; fiar; fazer cobertas; entre outros.

Após a concretização das proposições objetivas, registrar estes saberes na forma de livro de receitas e manuais de sustentabilidade a serem amplamente utilizados nos programas de EA.

5.3.10 Princípio para o Resgate da relação dos sujeitos com as tradições religiosas

A religiosidade é um elemento central na vida dos sujeitos que vivem na Bacia do Caldas. Nos dias atuais, conforme já o apresentamos, o catolicismo perde hegemonia para as religiões protestantes, entretanto ainda sobrevive no imaginário destes sujeitos sentimentos, valores, crenças, que não podem ser desprezadas.

Segundo Brandão (2004), há os ciclos simbólicos do religioso nas trajetórias

espaciais dos sujeitos. Esses são divergentes e fazem com que diferentes acepções religiosas acabam se relacionando cotidianamente. Ao passo que a vida, principalmente, nas áreas rurais e nos pequenos municípios, como no caso da Bacia, tenham inter-relações necessárias para a sobrevivência.

As representações religiosas de antigos moradores nas áreas da Bacia constituem num liame entre conhecimentos e valores (NAESS; JICKLING, 2000), esta ligação é consonante com os princípios da ecologia profunda, que aponta que “a riqueza e a diversidade de formas de vida na Terra, incluindo formas de culturas humanas, tem valor intrínseco”.

Os resgates das rezas, das práticas religiosas e das festividades, constituem, no nosso entendimento, numa possibilidade para uma aproximação dos sujeitos com os suas tradições perdidas.

Para fomentar o resgate das relações religiosas no âmbito da Bacia, baseados na Ecologia Profunda, propomos as seguintes ações:

- ▶ Criação de grupos constituídos por antigos moradores e pesquisadores com vista a catalogar os antigos cultos religiosos;
- ▶ Organizar novenas e festividades nas propriedades rurais, com o objetivo de torná-las tradicionais nas áreas da Bacia.

COMENTÁRIOS SOBRE OS PRINCÍPIOS APRESENTADOS

Acreditamos que os princípios apresentados ajudarão os sujeitos a dar vida aos processos cotidianos que enfrentam em seu dia – a – dia, uma vez que apresentam alguns elementos que no entendimento de pesquisadores com Sauv  (1999) legitimam uma preocupação universal contemporânea: o cuidado com o ambiente numa perspectiva integrada.

A fim de evitar uma nova fragmentação dos objetivos educacionais, é preciso integrar estas diversas preocupações com outras, que incluem a cidadania, ética, preocupação com a sustentabilidade, com o objetivo de integrar as percepções territoriais através da EA, numa visão crítica para a transformação da realidade contemporânea.

Assim, acreditamos que os princípios apresentados irão contribuir para uma mudança de percepção, ao serem implementados mediante as ações de um amplo programa de EA na Bacia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final de uma pesquisa, algumas considerações são necessárias para que possamos tecer alguns fios da complexa rede que envolve a EA. Ao discutirmos a Bacia Hidrográfica do Rio Caldas numa perspectiva integrada, buscamos neste trabalho, apresentar conceitos, teorias, considerando a diversidade como um elemento que justifica as múltiplas abordagens que trouxemos, como suporte para a realização deste trabalho.

Outro ponto inicial para estas considerações consiste em apontar que este trabalho, apresentou caminhos teóricos e metodológicos diversos. Na medida em que trabalhou com concepções filosóficas da Geografia e outras ciências de modo integrativo. Esta perspectiva ancorou-se nos princípios da Transdisciplinaridade, em que buscou a integração de diferentes disciplinas e suas concepções.

Este posicionamento está de acordo com as discussões e estudos realizados pelo NUPEAT, Núcleo que desde 2006 vem contribuindo para a disseminação dos novos paradigmas para se fazer ciência. Dentre as novas abordagens discutidas no Núcleo estão a transdisciplinaridade, a ecologia profunda, o holismo, a sustentabilidade e outras abordagens.

Algumas destas abordagens aparecem nesta pesquisa. E justifica o nosso envolvimento com as discussões feitas no NUPEAT.

Outras questões importantes para o fechamento deste trabalho, consiste na apresentação de uma síntese analítica sobre o trabalho. É o que faremos adiante.

O trabalho buscou interpretar a Bacia Hidrográfica do Rio Caldas sob uma perspectiva integrada, em que apontamos a Bacia como um lócus que por se apresentar nas proximidades do aglomerado urbano de Goiânia, sofre uma pressão exercida pelo processo de urbanização. Por outro lado também sofre a pressão do agronegócio na porção oeste, nos municípios de Silvânia e Leopoldo de Bulhões.

As múltiplas relações estabelecidas nas paisagens da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, constituem-se na base de sustentação desta pesquisa. A leitura feita, baseou-se na interpretação das paisagens e das identidades territoriais existentes na Bacia, com vista a demonstrar que existem inúmeros territórios identitários na Bacia: agricultores familiares; pequenos chacareiros; grandes fazendeiros criadores de gado; produtores de soja e milho para

o agronegócio; moradores das cidades; criadores de peixe; produtores de rapadura entre outros.

O foco da pesquisa foi direcionado para os territórios identitários da cultura tradicional, sobretudo, aqueles que vivem em pequenas propriedades nas áreas rurais. Para leitura e interpretação dessa identidades territoriais existentes nas paisagens, utilizamos a metodologia de história de vida para fazermos a leitura que subsidiaria o levantamento de princípios em EA que foram apresentados como resultado da pesquisa.

A história de vida dos sujeitos pesquisados foi colocada com relevante, pois dado os objetivos do trabalho e os caminhos metodológicos optados, não trabalhamos com outras frentes como os aspectos físicos, análise bioquímica da água dos mananciais etc. O que poderá ser feito por outros pesquisadores e enriquecerá a criação de programa em EA.

Desta maneira, partimos da idéia de que os critérios mais importantes para definição de culturas ou populações tradicionais, além do modo de vida, é, sem dúvida, o de reconhecer-se como pertencente a um determinado grupo social particular. E foi justamente pelo modo de vida e pelo estabelecimento de grupos sociais particulares, que aqui tipificamos com “territórios identitários”, que pontua que sujeitos constituem sua identidade numa base territorial.

A pesquisa nos mostrou que a população da Bacia com modo de vida tradicional está diminuindo em decorrência dos processos modernização do território, e das imposições do sistema capitalista que muda os padrões de relações socioespaciais ao utilizar as propagandas com a finalidade de criar novos padrões de consumo e conseqüentemente alterar elementos culturais locais.

Ao pensarmos na Bacia como o *locus* que sofre com as perdas culturais, sobretudo, aquelas ocasionadas pela redução das populações detentoras de saberes tradicionais que viviam nas áreas rurais. Caberia apontar que às crises identitárias surgidas com o advento do estado nacional liberal, e o sistema capitalista, foram os responsáveis por (re)significar os territórios existentes naquele espaço, através das estratégias de subjetivação ao apresentar novos signos de identidade individual e coletiva.

Ao analisarmos o contexto da Bacia na relação das identidades territoriais pela leitura das histórias de vida, verificamos convergências, entre o que foi narrado pelos sujeitos,

como, também, pelas observações realizadas nos trabalhos de campo. Tais convergências apontaram que as hipóteses iniciais empreendidas para a realização desta pesquisa foram satisfatórias, uma vez que demonstrou que as marcas da cultura tradicional existentes na Bacia correm o risco de desaparecer, suscitando a necessidade de instaurar forças, através das ações em EA, capazes de transformar o presente e projetar possibilidades futuras.

Convém dizer que as mudanças que estão ocorrendo nos municípios da Bacia, estão causando enormes prejuízos, principalmente para as comunidades que vivem próximo das áreas rurais, entretanto essas perdas trariam como consequência, outras perdas indiretas e invisíveis: a Bacia seria “abocanhada” por áreas urbanas, como também a especulação imobiliária encarregaria de criar um mercado para as terras.

Esse processo certamente seria responsável por expulsar parte dos moradores das comunidades tradicionais nas áreas da Bacia, uma vez que criaria uma barreira entre o modo de vida baseado no “tempo lento”, nos saberes populares tradicionais com os empreendimentos turísticos, os condomínios, as mansões, os barcos, as camionetes que figuram como símbolos do moderno, da riqueza, do capitalismo.

A criação do Lago Bela Vista certamente iria causar um grande impacto cultural para os sujeitos que vivem no âmbito da Bacia rapidamente, entretanto, o processo atual de ocupação também está colocando em risco o rico patrimônio cultural da Bacia. Mesmo com a utilização de variadas formas de usos e as alterações do território serem mais lentas, mas de maneira gradual e significativa. O que implica em perda da mesma forma.

Essas mudanças são aquelas exemplificadas durante a realização da pesquisa:

- diminuição de pessoas nas áreas rurais, conseqüentemente ocorre o desenraizamento cultural e as perdas de referências identitárias e territoriais;
- apropriações das áreas de cerrado da Bacia para o loteamento de chácaras de recreio e finais de semana, uso altamente nocivo para o meio ambiente, uma vez que aumenta significativamente a quantidade de seres humanos nas proximidades das margens dos rios e córregos e todos os transtornos que esta atividade traz.
- as pequenas propriedades para de produzir parte dos produtos de que precisa, e concentram-se apenas na pecuária de leite, entrando na lógica capitalista de produção;
- os sujeitos que vivem no âmbito da Bacia passam a ter necessidades que não tinham.

Tal situação é causada pelas novas demandas e imposições invisíveis oriundas da globalização;

- A produção de hortaliças nos moldes da agricultura moderna, sobretudo, nas localidades da Bacia próximas a Goianópolis e Anápolis;
- Aumento da insegurança e do medo decorrentes dos constantes assaltos nas áreas rurais e urbanas da Bacia, por bandidos oriundos de Goiânia e Aparecida de Goiânia.

Essas considerações aliadas ao modelo de ocupação, principalmente a fragmentação das terras com o objetivo de se criar o loteamento de chácaras, cria demandas de outras ordens para a Bacia: instabilidade para os moradores locais; impactos ambientais e mudanças consideráveis nas paisagens; desestruturação do espaço em detrimento dos tipos de usos que os novos proprietários adoram para a área; etc.

Torna-se necessário a implantação de um programa em EA que venha resgatar e valorizar a comunidade local, com princípios de ecologia profunda e a valorização de saberes pautados na sustentabilidade local.

Assim, o referido trabalho poderá contribuir para que seja implantado um programa de EA, que de fato, ajude a Bacia Hidrográfica do Rio Caldas a continuar com diversidade de elementos culturais e naturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERTH, Rogério(ORG). **Identidades e territórios – questões e olhares contemporâneas**. Rio de Janeiro: Acess, 2007.

ASSIS, Renato Linhares de. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. **Economia. Aplicada** [online]. 2006, vol.10, n.1, pp. 75-89. ISSN 1413-8050. doi: 10.1590/S1413-80502006000100005.

BABEK, Hans; SCHMITHÜSEN, Josef. A paisagem e o sistema lógico da Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 75-83.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: História e Literatura**. São Paulo, Ática, 1995. p. 66

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo** – Símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2003. 412 p.

BRUNDTLAND, G. H. **Nosso Futuro Comum** - Comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e Cultura**. Nupec, Rio de Janeiro, Ano I, Vol. 1, 1995.

DIEGO, José Diaz. Atropología e Diversidad Cultivada: Experiencias em torno a la Biodiversidad tradicional em el Sur de Extremadura, España. Ecological and Environmental Anthropology. Vol. 4 n.1, Georgia, United States, 2008.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás**. 5 ed. Editora da UCG. Goiânia, 1989.

RATTNER, Henrique. Sustentabilidade - uma visão humanista. **Ambient. soc.** [online]. 1999, n.5, pp. 233-240. ISSN 1414-753X. doi: 10.1590/S1414-753X1999000200020.

ROLNIK, Suely. Toxômanos de identidade – subjetividade em tempos de globalização. In: LINS, Daniel(org). **Cultura e subjetividade – saberes nômades**. Papyrus, Campinas, SP, 1997.Hello World (in BeanShell)

ALMEIDA, Maria Geralda. Diveridade paisagística e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Elaine Costa (org). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia, Goiás. Ed. Vieira, 2008.

ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERTH, Rogério(ORG). Identidades e territórios – questões e olhares contemporâneas. Rio de Janeiro: Acess, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global – esboço metodológico. **Caderno de ciências da Terra**. Instituto de de Geografia, São Paulo, 1971.

BISPO, Mariléia Oliveira. Educação ambiental e Meio Ambiente: as representação de professores e estudantes do ensino fundamental de Cristalândia – TO. 2005. 163 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos Sócio – Ambientais, Programa de Pós – Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). **Geografia Cultural**: um século(3). Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?**. Coleção primeiro passos. 1. ed. Brasiliense. São Paulo, SP. 1981.

BRASIL. Conselho Nacional do Meio Ambienta. Resolução nº 1 de 23 de Janeiro de 1986. In: PINTO, Waldir de Deus; ALMEIDA, Marília. Resoluções do Connama anotada – pesquisa, organização, remissão comentários e revisão. Fórum. Brasília, DF, 2002.

BUENO, Edir de Paiva. Características ambientais e qualidade de vida na cidade de Catalão(Go), no início do XXI. In: Boletim Goiano de Geografia. V. 26, 2, jul./dez. Goiânia, 2006.

CAPRA, Fritjof. **A teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. EDUCAÇÃO PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E AMBIENTALMENTE JUSTAS. Remea - **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, Rs., v. , n. 1, p.46-55, 12 dez. 2008. Semestral. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/volesp08/art4vesp.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2009.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: _____. **O poder da identidade**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Cap. 1. p. 21 – 92.

CASTANHEIRA, Maria Eugênia Monteiro; PEREIRA, José Roberto. Ação coletiva no âmbito da economia solidária e da autogestão. **Rev. katálysis [online]**. 2008, vol.11, n.1, pp. 116-122. ISSN 1414-4980. doi: 10.1590/S1414-49802008000100011.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; CALAÇA, Manoel. A dinâmica demográfica do Cerrado: o território goiano apropriado e cindido. In.: GOMES, Horieste (ORG). **O Universo do Cerrado**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2008.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Análise Multidimensional da Sustentabilidade: Uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p.70-85, 01 jun. 2002

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Universidade do Minho, 2003. v. 16, n. 2, pp.221-236.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊIA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004. Cap. 1, p. 13-74. (Geografia cultural).

CRUZ, Beatriz Neves (Compiladora). **Territorio y Cultura Del Campo a la ciudad**: últimas tendências em teoría y método Memórias 1er Seminário Internacional sobre territorio y Cultura Manizales. Colômbia: ABYA-YALA, 1999. p. 111-121.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In.: CORRÊIA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni (ORG). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 1998.

COSGROVE, Denis. Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista. **Boletín de la A.G.E.** N.º 34 - 2002, págs. 63-89

DEMO, Pedro. **Metodologia de pesquisa em Ciências Sociais**. 2 ed. São Paulo, Atlas: 1989.

DIEGUES, Antnio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3. ed. So Paulo/sp: Annablume Editora, 2000. 169 p.

FLEURY, M. T. L. (1983). **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**. São Paulo, SP: Global, 1983.

FONT, Joan Nogué; RUFÍ, Joan Vicente. A construção de novos discursos e suas práticas geopolíticas. In:_____. **Geopolítica, identidade e globalização**. São Paulo: Annablume, 2006. Cap. 05, p. 201-207.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Terceiro Setor, Economia Social, Economia Solidária e Economia Popular: traçando fronteiras conceituais. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 12, n. 1, p.9-19, jun. 2002.

DRUMMOND, José Augusto. A primazia dos cientistas naturais na construção da agenda ambiental contemporânea. **Revista brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 21, n. 62, Oct. 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOIÁS (Estado). SECRETARIA DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO. SUPERINTENDÊNCIA DE GEOLOGIA E MINERAÇÃO. **Mapa geomorfológico do Estado de Goiás**: relatório final. Goiânia, 2005.

GOMES, Horieste. **A nova matriz espacial do território goiano**. In: GOMES, Horieste (org.). *Universo do Cerrado*. Ed. UCG, Goiânia, 2008. v. II.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 2001.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

GUIMARAES, Mauro; VASCONCELLOS, Maria das Mercês N.. Relações entre educação ambiental e educação em ciências na complementaridade dos espaços formais e não formais de educação. *Educar em revista*. [online]. 2006, n.27, pp. 147-162. ISSN 0104-4060. doi: 10.1590/S0104-40602006000100010.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 104 p.

HAIGH, Martin. Deep Ecology Education: Learning from its Vaisnava Roots. **Canadian Journal Of Environmental Education**, Thunder Bay, Ontario, v. 1, n. 11, p.43-56, 18 nov. 2006. Anual. Disponível em: <<http://cjee.lakeheadu.ca/index.php/cjee/article/view/503/400>>. Acesso em: 03 abr. 2008.

HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In.: In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. 249 p.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental**: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

LIMA, Gustavo da Costa. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. **Ambiente e sociedade**, Campinas, v. 6, n. 2, Dec. 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

JOUTARD, Philippe. Esas voces que nos llegan del pasado. Fondo de Cultura Económica, S. de C. V., Mexico, 1983.

MAMEDE, Lindinalva et al. Geomorfologia. In: PROJETO RAMDAMBRASIL. **Folha SE.22 Goiás**: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1983. Cap. 2, p. 349-412. (Levantamento de Recursos Naturais; 31).

MARÇAL, Maria da Penha Vieira. **Educação Ambiental e Representações de Meio Ambiente**: Uma análise da prática pedagógica no ensino fundamental em Pato de Minas – MG (2003 – 2004). 2005. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geografia, Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2005.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30 n. 2 p. 289-300, maio/ago. 2004.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio A. **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000. Cap. 8, p. 187-185.

MATTOS, Sérgio Henrique Vannucchi Lemes de; PEREZ FILHO, Archimedes. Complexidade e estabilidade em sistemas geomorfológicos: uma introdução ao tema. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, v. 05, n. 01, 2004, p. 11-18.

MEIHY, Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. Loyola, São Paulo, 1996.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. **Camponeses, cultura e inovação**. CAMPO E TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária de Uberlândia. Uberlândia, MG. v. 1. n. 1 p. 41-59, 2006.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudeste goiano**. 2004. 458 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciência e Tecnologia: departamento de Geografia, Universidade Estadual de São Paulo – Campus

Presidente Prudente, São Paulo, 2004.

MONNET, Jérôme. Lãs escalas de la representacion y el manejo del territorio. In: CRUZ, Beatriz Neves (Compiladora). **Territorio y Cultura Del Campo a la ciudad: últimas tendências em teoría y método** Memórias 1er Seminário Internacional sobre territorio y Cultura Manizales. Colômbia: ABYA-YALA, 1999. p. 111-121.

MONTIEL, Edgar. A comunicação no fomento de projetos culturais para o desenvolvimento. In: CANCLINI, Nestor; SAMPAIO, Helena; BRAGA, Christiano Lima et al (Org). **Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura**. Brasília: Unesco, 2003. p. 1-236.

MORIN, Edgar (org). A Religação dos Saberes. In: _____: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p 487-567.

MORIN, Edgar. A necessidade de um pensamento complexo. In: **Representação e Complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MUÑOZ, Francesc. El tiempo del territorio, los territorios del tiempo. In: NOGUÉ, Joan; ROMERO, Joan. **Las otras geografias**. Valencia (Espanha): Tirant lo Blanch, 2006. Cap. 10, p. 235-254.

NÆSS, Arne; JICKLING, Bob. Deep Ecology and Education: A Conversation with Arne Næss. **Canadian Journal Of Environmental Education (cjee)**, Thunder Bay, Ontario, v. 5, n. 1, p.48-62, 20 jul. 2000. Semestral. Disponível em: <<http://cjee.lakeheadu.ca/index.php/cjee/article/view/300/218>>. Acesso em: 10 mar. 2008.

NARDI, María Andrea ;PEREIRA, Sandra Graciela. Proximidad territorial y desarrollo local - rural: las ferias francas de la Provincia de Misiones - Noreste Argentino. **Interações (Campo Grande)**. 2006, vol.8, n.13, pp. 51-61. ISSN 1518-7012. doi: 10.1590/S1518-70122006000200006.

NICOLESCO, Basarab. Um Novo Tipo de Conhecimento: transdisciplinaridade. In: **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília: Unesco, 2000. p.13-29.

OLANDA, Diva Aparecida Machado. “Memórias do Vento” paisagens citadinas. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Elaine Costa (org). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia, Goiás. Ed. Vieira, 2008.

OLIVEIRA, Sandra de Fátima; VIANA, Rosa Maria; HOEFFEL, Luiz. Ação Transdisciplinar na educação Ambiental: uma reverência pela vida. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2006, Florianópolis (SC). Anais...Florianopolis: [s. n.], 2006.

OLIVEIRA, Sandra de Fátima. Educação ambiental: aspectos históricos e perspectiva. In: **Boletim Goiano de Geografia**. V.26, 2, jul./dez. Goiânia, 2006.

OLIVEIRA, Sandra de Fátima; PEREIRA, Márcia Viana; VIANA, Rosa Maria. Educação Ambiental: pertencer e cuidar da teia da vida. Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 7, N. 13: Fortaleza, 2008.

OLIVEIRA, Mirna Gertrudes Ribeiro; VLACH, Vânia Rúbia Farias. Escola ecologizada: compromissos e desafios da Educação Ambiental. **Sociedade & Natureza**, N. 16, Vol.30, Uberlândia, Jun /2004.

PETRAGLIA, Izabel. Educação complexa para uma nova política de civilização. **Educar em Revista**, Curitiba, Pr, v. 2, n. 32, p.29-41, nov. 2008

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**. Publicação do Departamento de Serviço Social / Centro de Estudos Sociais, Universidade Estadual de Londrina. V. 1, n. 1 (Jul/Dez, 1998). Londrina, 1998.

PELEGRINI, Sandra C. A.. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História** [online]. 2006, vol.26, n.51, pp. 115-140. ISSN 0102-0188. doi: 10.1590/S0102-01882006000100007.

PRONEA - **Programa nacional de educação ambiental** - / Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental. - 3. ed - Brasília : Ministério do Meio Ambiente, 2005.102p.: il. 21 cm

PHILIPPI JR., Arlindo; BRUNA, Gilda C. Política e Gestão Ambiental. IN: PHILIPPI JR., Arlindo; ROMÉRO, Marcelo A.; BRUNA, Gilda C. (Eds.). **Curso de Gestão Ambiental**. Barueri/SP: Manole, 2004. pp. 657-711.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Pedro. **Propriedade, estrutura fundiária e desenvolvimento (rural)**. Estudos Avançados, 2001, vol.15, n. 43, ISSN 0103-4014.

RATTNER, Henrique. Sustentabilidade: uma visão humanista. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, Sp, v. 5, n. 2, p.233-240, 01 dez. 1999.

RAZETO, L. Economia de solidariedade e organização popular. In: GADOTTI, M.;

GUTIERREZ, F. (Org). **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 34–58.

REIGOTA, Marcos. Meio ambiente e representação social. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

RIGONATO, Valney Dias. A dimensão sociocultural das paisagens do cerrado goiano: o distrito de Vila Borba. In: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre biodiversidades e singularidade cultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. p. 63-95

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo Atlas: 1999.

RIOJAS, Javier. A complexidade ambiental na Universidade. In: LEFF, Enrique (Coord.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003. p 217-240.

_____. **A complexidade ambiental na Universidade**. In: LEFF, Enrique (Coord.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003. p 217-240.

SALATI, Eneas; LEMOS, Aroldo Mattos; SALATI, Eneida. Água e desenvolvimento sustentável.: In: REBOUÇAS, Aldo da C.; BRAGA, Benedito; TUNDISI, José Galizia. **Águas Doces no Brasil – capital ecológico, uso e conservação**. 3 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. Cap. 2, p. 37-62.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 384.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 1994. p. 15-20.

SANTOS, Milton. A transição em marcha. In:_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência univesal**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. Cap. 06, p. 141 – 174.

SANTOS, Milton. A transição em marcha. In:_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência univesal**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. Cap. 06, p. 141 – 174.

SANTOS, Rozely Ferreira dos. **Planejamento Ambiental: teoria e prática**. São Paulo: Oficina de textos, 2004. p. 184.

SANTOS, Rosselvelt José Dos. A dimensão cultural das paisagens rurais do cerrado mineiro.

In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTI, Alessandro José Prudêncio (Org). **Geografia: Leituras Culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 1-286.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. **Conceitos para se fazer educação ambiental**. 2.ed. São Paulo, 1997. (Série Educação Ambiental, ISSN 0103-2658). ISBN 85-85131-67-5.

SAQUET, Marcos Aurelio. Abordagens e concepções de território. 1 ed. São Paulo: Expressões Populares, 2007. (Coleção Geografia em Movimento).

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 2, n. 31, p.317-322, 02 maio 2005.

SAUVÉ, Lucie. Environmental Education Between Modernity and Postmodernity: Searching for an Integrating Educational Framework. **Canadian Journal Of Environmental Education (cjee)**, Thunder Bay, Ontario, v. 4, n. 1, p.9-35, 27 nov. 1999. Semestral. Disponível em: <<http://openjournal.lakeheadu.ca/index.php/cjee/article/view/317/252>>. Acesso em: 03 dez. 2008.

SATO, Michèle. Águas e utopias tropicais. In: II Simpósio Sul-Brasileiro de Educação Ambiental & Encontro da Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental. **Anais...Itajaí**, Univali & REASUL, 2003. CD-ROM, p. 1-10 (Seção palestras).

SAUER, Carl. O. A morfologia da paisagem. In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. 124 p.

SIEBEN, Airton; MACHADO, Carlos Augusto. Histórico e contextualização sócio-econômica e ambiental da soja no Brasil. Geoambiente – **Revista eletrônica do Campus de Jataí da UFG**. Jataí, Goiás. v. 7, 2006.

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia de Pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: laboratório de ensino a distância da Universidade Federal de São Carlos, 2001.

SILVEIRA, Lia Carneiro et al. A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento. **Interface (Botucatu)** [online]. 2008, vol.12, n.27, pp. 873-881. ISSN 1414-3283. doi: 10.1590/S1414-32832008000400016.

SOFIATI, Arthur. A proteção da cultura imaterial e seus impasses. In: Caderno Virtual de Turismo. Laboratório de tecnologia e desenvolvimento social- COPPE, Rio de Janeiro. V.2, Nº 3 (2002). ISSN: 1677-6976.

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. Sobre cooperação e cooperativas em assentamentos rurais. **Psicologia Social**. [online]. 2007, vol.19, n.spe, pp. 84-94. ISSN 0102-7182. doi: 10.1590/S0102-71822007000400012.

TONISSI, Rosa Maria Tóro. **Percepção e caracterização ambientais da área verde da microbacia do córrego da água quente(São Carlos, SP) como etapas de um processo ambiental**. 2005.281 f. Tese (Doutorado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), 2005.

TEIXEIRA, Cristina. Educação e desenvolvimento sustentávelna agenda 21 brasileira. **Revista Ambiente & Educação – Revista de Educação Ambiental**. Rio Grande – RS, Vol. 11, 2006.

TORRES, Maria Betânia Ribeiro. A INTERFACE ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E GESTÃO AMBIENTAL NUMA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS. **Remea: Revista eletrônica do Mestr Educação Ambiental**, Rio Grande - Rs, v. 18, n. 1, p.501-512, 27 jun. 2007. Semestral. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/vol18/art09v18a34.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2009.

TROPMAIR, Helmut; GALINA, Márcia Helena. Geossistemas. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 5, nº 10, 2006.

TUNDISI, José Galizia et al. Ecossistemas de águas interiores. In: REBOUÇAS, Aldo da C.; BRAGA, Benedito; TUNDISI, José Galizia. **Águas Doces no Brasil – capital ecológico, uso e conservação**. 3 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

TRISTAO, Martha. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. *Educação e Pesquisa*., São Paulo, v. 31, n. 2, Aug. 2005 .

UNESCO (Brasil). **Década da Educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014**: documento final do esquema internacional de implementação. Brasília: Unesco, 2005. 120 p.

VIANA, Francisco Cecílio e LOPES, José Demerval Saraiva. **Tratamento de Água no Meio Rural**. CPT. Viçosa, 2000.

VITTE, Antonio Carlos. O desenvolvimento do conceito de paisagem e sua inserção na geografia física. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 6, nº 11, 2007.

VOINOV, Alexey. Understanding and communicating sustainability: global versus regional perspectives. **Environment, Development And Sustainability**. Duluth, Minnesota, Usa, v. 4, n. 10, p.487-501, 04 ago. 2008. Bimestral. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/e77377661p8j2786/?p=13669e7d817f45129d367621caf54918π=5>>. Acesso em: 10 ja



